

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA, CULTURA E POLÍTICA
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA, CULTURA E NARRATIVAS**

Jorge Luiz Voloski

**O MARAVILHAMENTO, OS SENTIMENTOS E OS SENTIDOS EM VIAGENS
*DE JEAN DE MANDEVILLE***

Maringá

2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA



Jorge Luiz Voloski

**O MARAVILHAMENTO, OS SENTIMENTOS E OS SENTIDOS EM VIAGENS
*DE JEAN DE MANDEVILLE***

Maringá

2022

Jorge Luiz Voloski

**O MARAVILHAMENTO, OS SENTIMENTOS E OS SENTIDOS EM VIAGENS
DE JEAN DE MANDEVILLE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Estadual de Maringá como requisito para a obtenção do grau de Mestre em História. Área de concentração: História, Cultura e Política. Linha de Pesquisa: História, Cultura e Narrativas.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis

Maringá

2022

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

V929m

Voloski, Jorge Luiz

O maravilhamento, os sentimentos e os sentidos em Viagens de Jean de Mandeville / Jorge Luiz Voloski. -- Maringá, PR, 2022.
147 f.: il., figs., tabs., maps.

Orientador: Prof. Dr. Jaime Estevão dos Reis.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, 2022.

1. Mandeville, John, Sir, 1300?-1372 . 2. Idade Média - História. 3. Viagens. 4. Relato de viagens. 5. História medieval. I. Reis, Jaime Estevão dos, orient. II. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

CDD 23.ed. 940.1

JORGE LUIZ VOLOSKI

**O MARAVILHAMENTO, OS SENTIMENTOS E OS SENTIDOS EM
VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para a obtenção do título de Mestre em História.

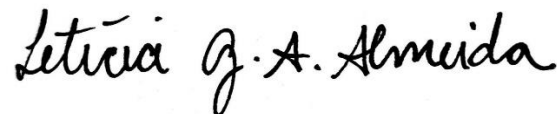
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a. Dr.^a. Jaime Estevão dos Reis
Universidade Estadual de Maringá - UEM
(Orientador)



Prof.^a. Dr.^a. Susani Silveira Lemos França
Universidade Estadual Paulista (Unesp)



Prof.^a. Dr.^a. Letícia Alfeu de Almeida
Universidade Estadual de Maringá (UEM/PPH)

Maringá
2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus e a Nossa Senhora em razão ao dom da vida, bem como pela dócil maneira que guiaram e abrigaram meus passos em travessias temerárias, as quais transpassadas me fortaleceram e constituíram.

Agradeço meu orientador Dr. Jaime Estevão dos Reis, pela graciosa e afável maneira com que, ora na posição de amigo, ora no papel de mentor, ofereceu conselhos e instruções cuja ocorrência possibilitaram a escrita da dissertação.

Agradeço meus pais, Susane e Vilson, por me apoiarem, incentivarem e proporcionarem de todos os meios possíveis minha dedicação à escrita da Dissertação. Sem dúvida, nada disso teria sido possível sem vocês. Amo vocês.

Agradeço à Thayline, por me acalmar nos momentos de angustia, bem como entender, suportar e buscar me ajudar, transformando situações de desespero em oportunidades propícias ao fortalecimento e impulso a novos passos.

Agradeço minha irmã, Anna Beatriz, por me ajudar a compreender a importância do afeto nas relações e desenvolvimento humano.

Agradeço às professoras Dra. Susani Silveira Lemos França e Dra. Letícia Aufel de Almeida, por terem aceitado o convite para participarem da banca e por contribuírem para a finalização desta dissertação.

Agradeço aos meus colegas pesquisadores do Laboratório de Estudos Medievais e do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Estadual de Maringá, os quais mediante conversas e debates colaboraram em novas perspectivas de análise da dissertação.

Agradeço à CAPES pelo financiamento que, por meio da bolsa, permitiu dedicação exclusiva ao desenvolvimento desta pesquisa.

*(...) O menino aprendeu a usar as palavras.
Viu que podia fazer peraltagens com as palavras.
E começou a fazer peraltagens.*

*Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.
O menino fazia prodígios.
Até fez uma pedra dar flor.*

*A mãe reparava o menino com ternura.
A mãe falou: Meu filho você vai ser poeta!
Você vai carregar água na peneira a vida toda.*

*Você vai encher os vazios
Com as suas peraltagens,
E algumas pessoas vão te amar por seus
despropósitos! (BARROS, 1999).*

RESUMO

Esta dissertação busca compreender os sentimentos e os sentidos associados ao maravilhamento na obra, *Viagens de Jean de Mandeville*, redigida em meados do século XIV, cuja narrativa relata a aventura de Jean de Mandeville por terras além do Mediterrâneo. Diante da variedade de versões existentes, optamos pela versão mais completa disponível em língua portuguesa, organizada por Susani Silveira Lemos França. Tomamos como ponto de partida os estudos das maravilhas relacionados, tanto ao imaginário, quanto ao sentimento, compreendemos o maravilhoso na posição de uma abstrata criação social que influenciava na maneira como os viajantes se admiravam nos lugares determinados. Assim, analisamos os diferentes objetos, seres disformes, animais, plantas e frutas, marcados pelos aspectos distintos da natureza conhecida do viajante. De igual maneira, investigamos as reações sensoriais e as respostas emotivas em referidas situações. Percebemos, entre outras coisas, o comportamento do toque, o prazer e o olor ligados à admiração diante de algo divino. Em contrapartida, as reações emotivas negativas, a exemplo do medo e do horror, bem como a repulsa física, eram pertinentes à surpresa do cavaleiro Mandeville nas circunstâncias que envolviam os aspectos demoníacos.

Palavras-chave: Jean de Mandeville; Maravilhoso; Sentimento; Sentidos; Idade Média

ABSTRACT

This aim of this work is to understand the feelings and senses associated with the wonder in the book *Viagens de Jean de Mandeville*, written in the mid-14th century, whose narrative relates the adventure of Jean de Mandeville through lands beyond the Mediterranean. By reason of existing versions, we opted for the most complete version available in Portuguese, organized by Susani Silveira Lemos França. We took as a starting point the studies of the wonders related to both the imaginary and the feeling, we understood the wonderful in the position of an abstract social creation that influenced the way travelers admired each other in certain places. Thus, we analyze the different objects, deformed beings, animals, plants and fruits, marked by different aspects of the known nature of the traveler. Similarly, we investigate sensory reactions and emotional responses in such situations. We perceive, among other things, the behavior of touch, the pleasure and the color linked to admiration in the face of something divine. On the other hand, the negative emotional reactions, such as fear and horror, as well as physical repulsion, were pertinent to Knight Mandeville's surprise in the circumstances surrounding the demonic aspects.

Keywords: Jean de Mandeville; Wonder; Feelings, Senses; Middle Ages.

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Mapa T-O.....	39
Imagem 2 - Nome das regiões percorridas por Jean de Mandeville	40
Imagem 3 - Relação terminológica entre os termos ligados ao maravilhoso ..	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Capítulos 1 ao 7.....	41
Quadro 2 - Capítulos 8 e 9.....	42
Quadro 3 - Capítulos 10 ao 15.....	44
Quadro 4 - Capítulos 16 e 17.....	47
Quadro 5 - Capítulos 18 ao 22.....	47
Quadro 6 - Capítulos 23 ao 26.....	50
Quadro 7 - Capítulos 27 e 28.....	51
Quadro 8 - Capítulos 29 ao 34.....	52

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1. VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE: CARACTERIZAÇÃO DA FONTE	13
1.1 Menções às maravilhas nos escritos de viagens na Idade Média	13
1.2 Os escritos de viagens imaginários na Idade Média: o caso de <i>Viagens de Jean de Mandeville</i>	19
1.2.1 A relação entre <i>Viagens de Jean de Mandeville</i> , os Romances e as Enciclopédias.....	21
1.3 Os manuscritos de <i>Viagens de Jean de Mandeville</i>	28
1.3.1 A versão utilizada de <i>Viagens de Jean de Mandeville</i>	31
1.4 O itinerário de Jean de Mandeville	37
1.4.1 O deslocamento pelo Oriente Próximo	40
1.4.2 O deslocamento pelo Extremo Oriente.....	46
CAPÍTULO II. JEAN DE MANDEVILLE NO CONTEXTO DOS VIAJANTES AO ORIENTE DOS SÉCULOS XIII E XIV	54
2.1 O viajante Jean de Mandeville.....	54
2.1.1 Eu, Jean de Mandeville, cavaleiro e curioso.....	58
2.2 O Oriente das maravilhas: o sacro, os monstros e o não-familiar	64
2.3 Os viajantes em direção ao Oriente maravilhoso	71
2.3.1 Os viajantes em direção ao Oriente maravilhoso: peregrinos	74
2.3.2 Os viajantes em direção ao Oriente maravilhoso: cavaleiros e cruzados.....	78
2.3.3 Os viajantes em direção ao Oriente maravilhoso: missionários e mercadores.....	82
CAPÍTULO III. A MARAVILHOSA EXPERIÊNCIA DE JEAN DE MANDEVILLE NAS TERRAS DISTANTES	87
3.1 O maravilhoso e o maravilhamento na Idade Média: o “estado da questão”	87
3.2 O maravilhamento em <i>Viagens de Jean de Mandeville</i> : análise conceitual e a problemática do sentimento no personagem Jean de Mandeville.....	93
3.3 Os admiráveis objetos religiosos: entre a graça e a corrupção	99

3.4 A admirável natureza das terras distantes e desconhecidas.....	105
3.4.1 A maravilhosa natureza do Oriente: os seres com deformidades físicas	107
3.4.2 A maravilhosa natureza do Oriente: entre animais horrendos e apreciados ..	112
3.5 A maravilhosa natureza do Oriente: os simbolismos nos odores das plantas, árvores, madeiras e frutas.....	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS.....	127

INTRODUÇÃO

Há décadas a magia, o milagre e o *marvel*¹, fenômenos que caracterizam o maravilhoso na Idade Média, constituem objeto de estudo entre os historiadores, os quais possuem objetivos direcionados, sobretudo, a dois aspectos: por um lado, as investigações se centram nas análises das continuidades e transformações das representações extraordinárias ao longo dos séculos, bem como no entendimento das localidades mais propícias a possuírem o sobrenatural em razão da percepção de mundo dos indivíduos viventes no medievo; enquanto de outro, principalmente após a década de 1990, os pesquisadores buscam refletir a respeito dos comportamentos, reações e respostas das pessoas frente aos objetos e situações marcadas, para além do não-habitual, pelo fato de serem causadoras do sentimento de maravilhamento bem como de outras emoções, a exemplo do medo, do terror e do prazer. Assim, as análises examinam as dimensões pertinentes ao imaginário e à sensação das maravilhas.

Nessa direção, na presente dissertação, buscamos compreender o maravilhamento em fins da Idade Média, além dos outros sentimentos e sentidos ligados a essa admiração. Para tanto, não deixamos a análise completamente ausente dos debates referentes ao imaginário, uma vez que as pessoas carregam interpretações oriundas das abstrações criadas socialmente, influenciadoras na maneira de sentirem. De igual modo, haja vista a ampla série de documentos produzidos no medievo cujo conteúdo apresenta o maravilhoso, centralizamos nosso estudo nos viajantes ao Extremo Oriente, especificamente na obra *Viagens de Jean de Mandeville*, redigida em meados do século XIV, relativa ao deslocamento de um cavaleiro fictício, denominado Jean de Mandeville, a Jerusalém e às regiões localizadas na extremidade do mundo conhecido.

O interesse pela documentação surgiu no ano de 2018, durante o primeiro projeto de iniciação científica. O objetivo daquele projeto era conhecer e mapear as maravilhas no texto de Odorico de Pordenone, escrito no início do século XIV, de nome *Relatório*. Porém, durante as leituras, nos deparamos com a obra *Viagens de Jean de Mandeville*, a qual cativou devido a suas especificidades em relação a outros livros produzidos no período, sobretudo no que se refere à sua propriedade fictícia,

¹ Ao longo da discussão, utilizaremos o termo *marvel* para nos referirmos especificamente aos fenômenos maravilhosos relacionados à natureza.

bem como às descrições de sentimentos e sentidos frente às mais variadas maravilhas, a título de exemplo destacamos o horror aos homens com deformidades físicas, o anseio ao toque nas relíquias milagrosas, a repulsa aos ídolos falantes, o odor das madeiras odoríferas oriundas do paraíso, o medo frente aos dragões, serpentes, crocodilos e assim por diante.

Portanto, mesmo que imaginária, encontramos em Jean de Mandeville uma fonte importante, ao mesmo tempo que consistente sobre os sentimentos e sentidos dos viajantes e das pessoas em fins da Idade Média diante das maravilhas creditadas do Oriente. Mesclando o senso de aventura à curiosidade, ambas características marcantes dos itinerantes reais do período, o autor apresenta um texto com propriedades literárias compartilhadas em outros livros produzidos no período, fato importante, pois instigou os leitores a terem o conteúdo na posição de verídico por seus contemporâneos.

Nessa direção, dedicamos o debate inicial do Primeiro Capítulo à compreensão do contexto literário de Jean de Mandeville. Destacamos a diferente relação das obras de Odorico de Pordenone, Marco Polo, Guilherme de Rubruc, entre outros viajantes, incluindo o cavaleiro, com as viagens, posicionando-as em uma taxonomia distintas dos Romances e Enciclopédias. Centradas no conteúdo relacionado sobretudo aos deslocamentos, tais fontes se ligavam também, de maneira particular, às maravilhas, porque se aproximavam da tradição clássica em busca de se fazerem acreditar pelos leitores, entretanto, enquanto as reais narravam a relação do indivíduo com o mundo, as imaginárias relatavam os sentimentos e sentidos esperados diante às maravilhas.

Além desse debate, nos dedicamos, no Primeiro Capítulo, ao entendimento das especificidades de *Viagens de Jean de Mandeville*, sobretudo no que concerne às suas qualidades fictícias, comparando-a com os romances e com as enciclopédias. Distanciando-nos dos pesquisadores que posicionam o autor como romancista ou enciclopedista. O apontamos, então, na posição de “homem do saber”, capaz não somente de mesclar as informações de outros textos, mas também de criar algo novo, em direção a uma obra singular, amplamente propagada, com mais de 250 manuscritos até o século XV.

Em seguida, ainda no Primeiro Capítulo, destacamos os diferentes manuscritos, suas divergências e a versão utilizada nesta dissertação, selecionada por ser a mais completa, a organizada pela Dra. Susani Silveira Lemos França. De

igual modo, demonstramos o conteúdo do livro, para, então, adentrarmos no Segundo Capítulo, dedicado à análise dos viajantes.

No Segundo Capítulo, começamos discutindo sobre a criação do personagem Jean de Mandeville ao longo da narrativa. Em razão da pretensão do autor de ser lido como um viajante, percebemos o protagonista com qualidades semelhantes a outros itinerantes frente às maravilhas. Na posição de cavaleiro, Mandeville demonstra um senso de aventura associado à curiosidade e ao desejo de conhecer as terras pouco conhecidas pela Cristandade, ao mesmo tempo que apresentam a imagem de um Oriente herdeiro da percepção bíblica e da cultura greco-romana, fatos importantes, pois influenciam na descrição dos objetos maravilhosos e no sentimento diante dos fenômenos admiráveis.

Assim, nos dedicamos a compreender a imagem do Oriente carregadas pelos viajantes em fins da Idade Média. Pouco distinta da existente na Antiguidade, as terras orientais eram propícias ao maravilhamento devido à percepção de sua natureza extraordinária, marcada por animais, seres humanos e objetos não habituais. O sentimento de admiração caracterizava os deslocamentos por ditas regiões, sejam peregrinos, sejam cavaleiros cruzados, mercadores, ou missionários, grupos com os quais Jean de Mandeville em muito se assemelha.

No Terceiro Capítulo, apresentamos uma análise do maravilhamento do personagem Jean de Mandeville, bem como dos outros sentimentos e sentidos associados à referida admiração. O estudo, para além do livro *Viagens de Jean de Mandeville*, teve como suporte outras fontes, a exemplo do texto redigido por Guilherme de Rubruc, Odorico de Pordenone, Marco Polo e Geoffrey Chaucer. Essa documentação permitiu, junto à historiografia, o entendimento da emoção de surpresa em fins do medievo e a especificidade de nossa fonte de análise, *Viagens de Jean de Mandeville*.

Ao analisarmos o maravilhamento de Jean de Mandeville, procuramos, também, entendê-lo em três momentos distintos: frente aos objetos maravilhosos; em relação aos animais e às criaturas monstruosas, bem como no tocante às frutas e madeiras exóticas e odoríferas.

CAPÍTULO 1. VIAGENS DE JEAN DE MANDEVILLE: CARACTERIZAÇÃO DA FONTE

Neste capítulo, procuramos apresentar o livro *Viagens de Jean de Mandeville*, fonte desta dissertação, a partir de seu contexto, o século XIV. Certamente, a obra insere-se no âmbito de uma tipologia histórica de relatos de viagens abundantes no Ocidente entre os séculos XIII e XV. Portanto, destacamos as principais características da obra de Mandeville, abordando estudos referentes aos escritos de viagens e examinando, por vezes, semelhanças e diferenças com outros textos do período, principalmente no que se refere às descrições das maravilhas.

Buscamos destacar seus diferentes manuscritos, bem como as características próprias da obra e a versão utilizada nesta dissertação, sua estrutura e divisão do conteúdo, a partir, sobretudo, do deslocamento do suposto cavaleiro Jean de Mandeville por terras orientais.

1.1 Menções às maravilhas nos escritos de viagens na Idade Média

Os relatos de viagem na Idade Média têm sido tema de estudo de diversos pesquisadores que se debruçam sobre seus mais variados aspectos. Por um lado, observa-se o ato de viajar como um movimento individual do lar para um lugar diferente, seja por motivos religiosos, seja por motivos mundanos². Por outro lado, percebe-se o contato com o não-familiar, resultando na interação entre a identidade e a alteridade, bem como entre a similaridade e a diferença³.

O viajante medieval, portanto, assim como esclarece José Ángel García de Cortázar, se deslocava em três distintos sentidos: físico, simbólico e imaginário. As duas primeiras perspectivas constituem objeto de atenção do autor no artigo de nome *El hombre medieval como "homo viator": peregrinos y viajeros*, cujo âmago recai, por exemplo, nos peregrinos, missionários, reis, senhores, embaixadores, soldados, entre outros que realmente realizaram o itinerário. Já o imaginário, "(...) como quando jovens líamos as novelas de Júlio Verne, também os homens e mulheres do medievo

² FRIEDMAN, John Block; FIGG, Kristen Mossler. (Ed.). **Trade, Travel, and Exploration in the Middle Ages**: an Encyclopedia. New York, NY: Routledge, 2013, p. VIII.

³ THOMPSON, Carl. **Travel writing**. New York: Routledge, 2011, p. 10-11.

contaram com autores que imaginaram viagens” (GÁRCIA DE CORTÁZAR, 1996, p. 6)⁴.

Viagens e viajantes, nessa direção, estão presentes nas mais variadas obras redigidas ao longo do medievo. Dante Alighieri, por exemplo, realiza um itinerário ao Céu, ao Inferno e ao Purgatório⁵; Tristão se desloca de encontro a Isolda⁶; Geoffrey Chaucer peregrina em direção a Canterbury⁷; Ruy González de Clavijo, em missão embaixadora, rumo a Tamerlão⁸; e assim por diante⁹. Todavia, em razão dos distintos relacionamentos dos textos com as jornadas, podemos separá-los, postando de um lado, aquelas cujo percurso apenas reflete mais um ponto narrativo e, de outro, os que o movimento constitui o principal centro descritivo¹⁰. Outra especificidade do segundo grupo em relação ao primeiro, está na ordem cronológica, pois, independentemente do tempo, o desenrolar narrativo ocorre devido às descrições das cidades e dos lugares percorridos¹¹.

Assim, escritos como os de João Pian de Carpini, Guilherme de Rubruc, Marco Polo, Odorico de Pordenone, Jean de Mandeville e Ruy González de Clavijo, autores

⁴ No Original: “imaginario: como nos sucedió a los jóvenes que leíamos las novelas de Julio Verne, también los hombres y mujeres medievales contaron con autores que imaginaron viajes” (GÁRCIA DE CORTÁZAR, 1996, p. 6).

⁵ ALIGHIERI, Dante. **A divina comédia**. São Paulo, SP: Editora 34.

⁶ **O Romance de Tristão e Isolda**. Joseph Bédier editor; prefácio de Gaston Paris. São Paulo, SP: Martins Fonte, 1994.

⁷ CHAUCER, Geoffrey. **Os contos de Canterbury**. São Paulo, SP: Editora 34, 2014.

⁸ GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Embajada a Tarmorlán**. Madrid: Editorial Castália, 2004.

⁹ Para mais informações a respeito das viagens na literatura medieval, ver: ALBURQUERQUE GARCÍA, Luis. Los libros de viajes como género literario. In: **Diez estudios sobre literatura de viajes**: Madrid: CSIC, 2006, p. 68-69.

¹⁰ Conforme assinala Luis Alburquerque García, “se bem todo ‘livro de viagem’ se encontra dentro do âmbito geral da ‘literatura de viagens’, evidentemente, nem toda ‘literatura de viagem’ pode ser considerada com propriedade um ‘relato de viagem’. Ao termo geral se inserem obras nas quais a viagem serve de marco, motivo ou ocasião, não sendo seu elemento constitutivo básico. A ‘Literatura de viagem’ vai reduzindo o campo impreciso da viagem até a fronteira, a dos ‘livros de viagens’, nas quais se converte o termo próprio dos relatos. O tema da viagem se alça, então, dentro do relato de forma exclusiva, ou ao menos, excludente, já que os assuntos restantes presentes nesses gêneros, oferecem à ‘viagem’ como articulador principal e básico de toda trama” (ALBURQUERQUE GARCÍA, 2006, p. 71. Tradução nossa). [No original: “si bien todo ‘libro de viajes’ se enmarca dentro del ámbito general de la ‘literatura de viajes’, evidentemente, no toda ‘literatura de viajes’ se puede considerar con propiedad un ‘relato de viajes’. Al término general se adscriben obras en las que el viaje serve de marco, motivo u ocasión, no siendo su elemento constitutivo básico. La ‘literatura de viajes’ va reduciendo, pues, el campo impreciso del viaje hasta una frontera, la de los ‘libros de viajes’, en que aquél se convierte en el termo propio del relato. El tema del viaje se alza, pues, dentro del relato de forma exclusiva o, al menos, excluyente, ya que los restantes asuntos que tiene cabida también en este género, dejan paso al del ‘viaje’ como articulador principal y básico de toda la trama” (ALBURQUERQUE GARCÍA, 2006, p. 71)].

¹¹ PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. Estudio literario de los libros de viajes medievales. **Epos**: Revista de filología, núm. 1, 1984, p. 221-224.

que promovem a descrição ao invés da narração¹², desfazendo as tensões narrativas de maneira pontual e não no nível do discurso¹³, uma vez que o centro da atenção dos autores é a viagem e não o viajante¹⁴, constituem uma taxonomia distinta, cuja terminologia e delineações são amplamente debatidas.

Fernando Cristóvão¹⁵, Paul Zumthor¹⁶, Joan-Pau Rubiés¹⁷ e Mary B. Campbell¹⁸, entre outros pesquisadores, em meio às controvérsias, não discordam de Sofia Carrizo Rueda quando esta destaca três características comuns aos relatos de viagem: em primeiro lugar, ocorre a busca por retratar as sociedades visitadas; em

¹² CARRIZO RUEDA, Sofia. **Poética del relato de viajes**. Kassel: Edition Reichenberg, 1997, pp. 7-13.

¹³ ALBURQUERQUE GARCÍA, Luis. Los libros de viajes como género literario. In: **Diez estudios sobre literatura de viajes**: Madrid: CSIC, 2006, p. 79.

¹⁴ De acordo com Leonardo Meliani Velloso, "(...) seja no relato de viagem, no livro de geografia ou na carta de conquista, o centro da atenção é a viagem e não o viajante em si; não interessando as sensações ou pensamentos do narrador-personagem e sim as descrições que ele faz do mundo, os países, cidades, culturas, nacionalidades, os diferentes grupos sociais e as condições específicas de sua vida, ou mesmo a sua conquista" (VELLOSO, 2017, p. 200). Entretanto, mesmo não sendo o interesse dos itinerantes narrar os sentimentos e sensações, por vezes estes acabam sendo o foco das narrativas.

¹⁵ Para Fernando Cristóvão, o marco cronológico inicial da Literatura de Viagem divide opiniões. Mas, "se era sobre o começo da Literatura de Viagens que se questionavam, e porque a identificavam com a expansão ultramarina, era a partir do século XV que a datavam. Data esta que continua a ser perfeitamente aceitável, não só por ter sido, a partir de então, a plenitude da expressão desse tipo de texto, intimamente ligados à mentalidade aberta do Renascimento e da Idade Moderna, mas também por entrarem na nova e avassaladora corrente cultural inaugurada pela descoberta da imprensa" (CRISTÓVÃO, 2002, p.24).

¹⁶ Paul Zumthor escrevendo sobre as "Narrativas de Viagens" afirma que: "a tradição parecia estabelecida em todo o Ocidente: o gênero da viagem imaginária, como resultado das descobertas do século XV e das conquistas do século XVI, certo de seus métodos, havia incorporado completamente a visão e a linguagem da Utopia" (ZUMTHOR, 1994, 821. Tradução nossa). [No original: "throughout the West, the tradition seemed established: the genre of the imaginary voyage, result of the discoveries of the fifteenth century and the conquests of the sixteenth, and henceforth sure of its methods, had fully incorporated the vision and language of Utopia" (ZUMTHOR, 1994, p. 821)].

¹⁷ Joan-Pau Rubiés, pensando a "Travel Literature" melhor descrito como um gênero dos gêneros, afirma que "o conceito de 'literatura de viagem' é mais geral que o de 'literatura de descoberta e expansão', podendo ser definido a partir do grande conjunto de texto que têm nas viagens a condição essencial para sua produção, tenham objetivos mais práticos ou mais ficcionais. A viagem não é necessariamente um tema, nem mesmo um elemento estruturante da literatura que é por ela gerada" (RUBIÉS, 2000, p. 6. Tradução nossa). [No original: The category of 'travel literature' is more general than of 'literature of discovery and expansion' and can be defined as that varied body of writing which, whether its principal purpose is practical or fictional, takes travel as an essential condition for its production. Travel is therefore not necessarily a theme, nor even a structuring element within the body of literature generated by travel" (RUBIÉS, 2000, p. 6)].

¹⁸ Para Mary B. Campbell "A história do livro de viagens antes do século XVII é, a partir de nossa perspectiva, uma pré-história, uma história da lenta assimilação das características que viriam, atualmente, a identificar um trabalho como "literatura de viagem". É provável que só a partir de um ponto de vista pós-colonial, característico do século XX, que estes trabalhos podem ser pensados como tendo características suficientemente familiares para constituir um mesmo gênero" (CAMPBELL, 1991, p. 5. Tradução nossa). [No original: "the history of the travel book before the seventeenth century is, from our perspective, a prehistory, a history of the slow assembling of the features that now identify a work as 'travel literature'. It perhaps only from the armchair of the postcolonial twentieth century that these works can be seen as bearing a close enough family resemblance the constitute a genre" (CAMPBELL, 1991, p. 5)].

segundo, a pretensão de apresentar aos leitores informações enriquecedoras para as várias áreas do conhecimento, como geografia, história, antropologia e Ciências Naturais; por fim, a criação de um espaço dentro do discurso que causa admiração, “no caso particular dos livros de viagens medievais, [referido] propósito não aponta ao estético, se não sobretudo à curiosidade, a qual da entrada aos famosos ‘*mirabilia*’, tão importantes nesses relatos (CARRIZO RUEDA, 1997, p. 12)¹⁹.

As maravilhas, abundantes sobretudo, nos deslocamentos fingidos²⁰, constitui um dos grandes interesses dos historiadores nas análises dos escritos de viagens. Baseado na amplamente difundida imagem de um Oriente pouco conhecido e, por essa razão, insólito e incrível, o maravilhoso estava presente também em outros livros, como nos bestiários, nas cosmografias e nos lapidários. Desse modo, conscientes da barreira do crível²¹, os viajantes ligavam suas descrições principalmente à tradição clássica e à mentalidade coletiva, buscando por vezes, se fazerem acreditar pelos leitores. Sejam eles reais ou fictícios, os caminantes mesclavam as descrições reais e irreais, isso dificultava a percepção da veracidade das histórias, pois, como esclarece Paulo Lopes;

Em síntese, os relatos ditos “reais” estão, na Idade Média, repletos de fantasias, ao passo que os relatos classificados como “fictícios” contêm vastas passagens recheadas de informações verídicas, fruto da experiência do autor ou recebidas de alguém que viajou e registrou, ou transmitiu oralmente, o seu périplo (LOPES, 2006, p. 7).

Todavia, situar em dois grupos distintos os viajantes reais e imaginários no que se refere às emoções e sentidos descritos diante das maravilhas, carrega importância. De fato, no nível discursivo, o “ver” e o “ouvir” as coisas maravilhosas, por exemplo, em ambas as situações, se refere, respectivamente, à exigência de provar algo que está diante dos olhos e à necessidade de se informar²², mas, no âmbito da experiência

¹⁹ Do original: “en el caso particular de los libros de viajes medievales el propósito no apunta a lo estético, sino sobre todo a la curiosidad, lo cual da entrada a los famosos ‘*mirabilia*’, tan importantes en estos relatos” (CARRIZO RUEDA, 1997, p. 12).

²⁰ PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. Estudio literario de los libros de viajes medievales. **EPOS: Revista de filología**, núm. 1, 1984, p. 230.

²¹ ZUMTHOR, Paul; PEEBLES, Catherine. The medieval Travel Narrative. **New literary history**, vol. 25, n° 4, 25th Anniversary Issue (Part. 2) (Autumn, 1995), p. 813.

²² Seguindo François Hartog, quando este analisa a criação de certa narrativa da alteridade em Heródoto, percebemos o “ver” funcionando principalmente como uma “autópsia”, *ópsis*, marcando a intervenção do narrador de provar algo que está diante de seus olhos. Já o “ouvir”, *akoé*, revezando com o “eu vi”, quando este não está mais disponível, possui menos credibilidade devido ao fato de estar

vivida, escutar e visualizar representa, para além, a relação do indivíduo com o mundo. O prazer ou desprazer de ouvir ou tocar algo, o impulso para comer, as cores mais vistas e assim por diante, em Odorico de Pordenone e Marco Polo, por exemplo, expressa a coragem de vivenciar o diferente, independente dos aspectos horripilantes, do mau-cheiro e das formas sórdidas, ao contrário de Jean de Mandeville, o qual ressalta os odores, os gostos e as emoções em seu escrito devido a leitura de outras obras.

A representação das diferentes relações com as maravilhas não só descritas, mas também vivenciadas entre os viajantes reais e imaginários, não impossibilita que tanto o personagem criado, quanto o verdadeiro itinerante, sejam impulsionados, para além do anseio de se maravilhar, também pela curiosidade e pelo desejo de se aventurar. Odorico de Pordenone, por exemplo, ao chegar em uma cidade, recebe o convite do hospedeiro, visando agradar o franciscano, de ir vê-lo pescar;

E me levou sobre a ponte: quando estava lá, olhei e vi que em suas barcas havia mergulhões amarrados sobre varas. Então, o homem amarrou um fio ao pescoço deles, para que, quando imergissem na água e pegassem os peixes, não pudessem comê-los. A seguir, numa barca colocou três grandes cestos, um numa ponta da barca, o segundo na outra e pôs o terceiro no meio. Tendo feito isso, soltou os mergulhões, que logo mergulhavam na água e assim pegavam muitos peixes, que, a seguir ele colocava nos cestos. Dessa forma, numa horinha todos os cestos estavam cheios de peixes. Quando estavam cheios, tirou o fio do pescoço deles e deixava que mergulhassem na água para se alimentar com os peixes. Depois de se alimentarem, voltavam a seus lugares, e ele os amarrava como estavam antes. Eu comi daqueles peixes (ODORICO, 2005, p. 315-316).

O desejo de testemunhar a não-familiar e maravilhosa maneira de pescar, leva o franciscano a aceitar o convite, ao mesmo tempo em que o relato pormenorizado da pescaria, narrada alguns anos depois por Odorico de Pordenone a Guilherme de Solagna, demonstra a curiosidade e o interesse do viajante em cada detalhe. Ao destacar o fato de ter comido, o mendicante não descreve o gosto, nem induz a sabores, algo distinto de Jean de Mandeville, viajante imaginário, por exemplo, ao descrever sua experiência na Fonte da Juventude:

ligado à ação de se informar, deixando mais espaço aos leitores para modelarem suas próprias crenças (HARTOG, 2014, p. 290-299).

Ao pé dessa montanha, há uma bela e grande fonte que tem o cheiro e o sabor de todas as especiarias, mudando de odor e de sabor a cada hora do dia. O que beber três vezes da água dessa fonte em jejum curar-se-á de qualquer enfermidade que tiver. Aqueles que vivem nas proximidades e bebem com frequência dessa fonte nunca padecem de enfermidades e parecem sempre jovens. Eu bebi dela três vezes e desde então penso que estou melhor (MANDEVILLE, 2007, p. 162).

Dessa forma, viajantes reais e imaginários compartilham o anseio pela aventura e pelas maravilhas, contudo, à diferença do primeiro, o segundo devido ao fato de não ter contato com as coisas maravilhosas, apenas representa certa expectativa. As vivências relatadas dos cheiros, toques, sabores e emoções, no caso dos itinerantes fictícios, refletem, então, a experiência individual do autor com o mundo, para além disso, retrata ainda as sensações presentes em outros livros e relatos de deslocamentos, bem como a individualidade no relacionamento com tais leituras. Assim, repletas de particularidades e de semelhanças na convivência das coisas maravilhosas, as obras cujos centros narrativos concernem à jornada, foram produzidas em um momento no qual os escritos de viagens perdem o caráter secreto, de missão especial²³, aumentando sua circulação entre um público curioso e ávido por conhecer os lugares longínquos²⁴. A gradual difusão do papel e o desenvolvimento de uma cultura escrita foram pontos importantes em relação ao crescimento dos leitores²⁵, e, sobretudo com relação às maneiras de organizar o conteúdo nos textos, visto que as obras redigidas ao longo do século XIII pretendiam informar, enquanto as do século XIV objetivavam também entreter²⁶.

Marco Polo, Odorico de Pordenone²⁷, Jean de Mandeville, entre outros itinerantes que escreveram ao longo do século XIV, nesse sentido, se diferenciam dos

²³ De acordo com Eugenia Popeanga, os escritos de viagens do século XIV não somente perdem o caráter secreto de missão especial, como também testemunha a mudança na mentalidade, uma vez que o público buscava nessas obras escapar do cotidiano em direção a um Novo Mundo “maravilhoso” (POPEANGA, 1992, p. 45).

²⁴ Sobretudo, observamos um público laico crescendo. Para mais informações ver: TZANAKI, Rosemary. **Mandeville's Medieval audience: a study on the reception of the *Book of Sir John Mandeville* (1371-1550)**. New York: Routledge, 2017.

²⁵ ESPADA, Antonio García. **Marco Polo y las cruzadas**. Historia de la Literatura de viajes a las Indias en el siglo XIV. Madrid: Marcial Pons história, 2009, p. 116.

²⁶ CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando. (Orgs.). **Condicionantes culturais da Literatura de Viagens: estudos e bibliografia**. Coimbra, Portugal: Almedina; Centro de Literatura de Expressão portuguesa da Universidade de Lisboa, L.3. FCT, 2002, p. 25-27.

²⁷ Eugenia Popeanga tem o livro redigido por Odorico de Pordenone como de transição dos escritos de viagens, antes destinados a informar, para agora entreter, muitas vezes mediante maravilhas (POPEANGA, 1992, p. 51-52). Algo não muito distinto se observa na obra de Marco Polo; para mais

viajantes anteriores, da mesma maneira que são distintos dos posteriores. O próprio conteúdo dos referidos textos sofreu alterações durante o século XV. Editores, ao utilizarem o crescente desejo dos leitores por conhecer as terras longínquas, reeditaram trechos, adicionando mais aspectos relacionados às maravilhas, bem como inseriram, para atrair o público, gravuras, desenhos, mapas e ilustrações²⁸. Alguns títulos sofrem adequações²⁹, *Le devisement du monde* (ou *A divisão do mundo*), redigido por Marco Polo, passa a ser chamado de *Livro das coisas maravilhosas*, *Livro das diversidades e maravilhas do Mundo* e *O livro do milhão de coisas maravilhosas*³⁰; *Viagens*³¹, de Jean de Mandeville, recebe o título de *Tratado de las cosas más maravillosas y notables que existen en el mundo*, nos séculos XIV, XV e XVI³², bem como *Libro de las maravillas del mundo*³³, *Libro de las maravillas del mundo y del viaje de la Tierra Sancta de Jerusalém*³⁴, entre outros.

1.2 Os escritos de viagens imaginários na Idade Média: o caso de *Viagens de Jean de Mandeville*

As características compartilhadas entre os escritos de viagens ao estabelecer regras de comunicação nos meios culturais, ora informam ao público a respeito das maneiras como devem abordar o texto, assegurando sua compreensão³⁵, ora

informações ver: ZUMTHOR, Paul; PEEBLES, Catherine. The medieval Travel Narrative. **New literary history**, vol. 25, n. 4, 1994, pp. 83-85.

²⁸ CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando. (Orgs.). **Condicionantes culturais da Literatura de Viagens**: estudos e bibliografia. Coimbra, Portugal: Almedina; Centro de Literatura de Expressão portuguesa da Universidade de Lisboa, L.3. FCT, 2002, p. 25-27.

²⁹ Para mais informações a respeito das readequações dos escritos de viagens no século XV e seu caráter comercial, ver: GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o novo mundo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992, p. 87-88.

³⁰ GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o novo mundo. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1992, p. 88.

³¹ De acordo com Guillermo Giucci, este constitui o primeiro título da obra de Jean de Mandeville (GIUCCI, 1992, p. 88).

³² ACOSTA, Vladimir. **Viajeros y maravillas**. Tomo III. Caracas, Venezuela: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 1992, p. 210.

³³ **Juan de Mandavila**: Libro de las maravillas del mundo. Edición de Gonzalo Santoja. Madrid: Visor, 1984.

³⁴ **Juan de Mandevilla**: Libro de las maravillas del mundo y del viaje de la Tierra Sancta de Jerusalén. Edición crítica, estudios preliminar y notas de María Mercedes Rodríguez Temperley. Buenos Aires: INCIPIT, 2011.

³⁵ “A concretização que toda literatura realiza é, pois, inseparável das imposições de gênero, isso é, as convenções históricas próprias do gênero, ao qual o leitor imagina que o texto permanece, lhe permitem selecionar e imitar, dentre os recursos oferecidos pelos textos, aqueles que sua leitura atualizará. O gênero, como código literário, conjunto de normas e regras do jogo, informa ao leitor sobre a maneira

reconstroem as premissas e regras básicas da produção cultural, identificando o contexto “(...) em que (digamos) uma proposição faz sentido no cerne de um texto, ou um texto faz sentido no contexto mais amplo de livros” (RUBIÉS, 2000, p. 6-7)³⁶.

Assim, semelhante em muitos aspectos narrativos aos escritos de viagens reais dos séculos XIII, XIV e XV, *Viagens de Jean de Mandeville* causou poucas suspeitas nos leitores do período. Contudo, conforme discutido anteriormente, não podemos ignorar o fato de, à diferença daqueles, o texto construir um deslocamento no qual o personagem não viajou. Os sentimentos e sentidos narrados, ao invés de expressarem vivências pessoais, por mais concretos que buscassem ser, não passam de pedaços de experiências humanas transmitidas de mão em mão. Entre as fontes desse conhecimento, para além das testemunhas desconhecidas ou orais³⁷, Miguél Ángel Ladero Quesada destaca, por exemplo:

1. Enciclopedias: Petrus Comestor, *Historia Scholastica Evangelica*; Vicent de Beauvais, *Speculum Naturale Historiale* (...); Brunetto Latini, *Li Livres dou Tresor*; Jacobus de Vorágine, *Legenda aurea*.

2. Autores clássicos y altomedievales: Josephus Flavius, *Bellum Judaicorum*; rabano Mauro, *De Inventione Linguarum*.

3. obras de ficción: Poemas de materia carolingia y artúrica; Romand d’Alexandre (...); *Litera Presbyteri Joohannis* (...).

4. Relatos de peregrinación y viaje. Descripción de países: Albert d’Aix, *Historia Hierosolimitanae Expeditionis* (...); Jacques de Vitry, *Historia orientalis sive hierosolymitana* (...); Juan de Pian Carpini, *Itinerarium* (...); Guillermo de Rubruquis, *Itinerarium* (...); Marco Polo, *Divisament dou monde* (...) 167 ; Guillermo de Trípoli, *Tractatus de statu sarracenorum*, (...); Haiton, príncipe de Armenia, *Fleurs des Histoires d’Orient*, o *Flor des Estoires de la terre d’Orient* (...); Odorico de Pordenone, *Itinerarium* (...); Guillemos de Boldensele, *Itinerarius o Liber de quibusdam ultramarinis partibus* (...) (LADERO QUESADA, 2007, p. 60).

O grande número e variedade de testemunhos utilizados por Jean de Mandeville ao escrever seu livro exige, visando melhor compreender os sentimentos e sentidos narrados, entender o diálogo da obra não somente com os escritos de viagens, mas também frente aos romances e enciclopédias, os quais igualmente vão

pela qual ele deverá abordar o texto, assegurando dessa forma, sua compreensão” (COMPAGNON, 2003, p. 158).

³⁶ Do original: “(...) in which (let us say) a proposition makes sense within a text, or a text makes sense within larger body of literature” (RUBIÉS, 2000, pp. 6-7).

³⁷ Para mais informações sobre os contos presentes em *Viagens de Jean de Mandeville* e suas origens, ver: RODRÍGUEZ TEMPERLEY, María Mercedes. Cuentos medievales: ‘la dama del castillo del Gavilán’ y el ‘ejemplo de las flechas’. Juan de Mandevilla, *Libro de las maravillas del mundo*. **Olivar**, 4 (4), 2003, pp. 1-29.

de encontro às pretensões do autor, isso é, entreter e informar sobre as terras distantes. Dessa forma, no próximo tópico perceberemos o vínculo de *Viagens de Jean de Mandeville* com os referidos textos e sua singularidade em relação às maravilhas e organização do conteúdo.

1.2.1 A relação entre Viagens de Jean de Mandeville, os Romances e as Enciclopédias

Ao longo dos séculos XIV e XV, a Cristandade passou por distintas mudanças, as quais influenciaram diretamente a relação dos indivíduos com a literatura. O florescimento da vida comercial, o gradual enfraquecimento do ideal cavaleiresco e o surgimento de uma nova classe social, a burguesia, por exemplo, adicionaram ideias literárias novas, colaborando com a gradativa diluição do velho binômio cavaleiro-clérigo e do espírito heroico das matérias gísticas e cavaleirescas, apresentando a perspectiva do *homem prático*, presente em obras como as redigidas por Giovanni Boccaccio e Geoffrey Chaucer³⁸.

Na mesma direção, a gradual decadência da cavalaria e o fortalecimento dos burgueses em razão do comércio, colaborou com a remodelação dos escritos de viagens. Marco Polo, comerciante, quando dedica sua obra aos “Senhores, Imperadores, Reis, Duques e Marqueses, Condes, Fidalgos e Burgueses (...)” (POLO, 1985, p. 33), ilustra tanto o interesse de um mercador com o Oriente, antes relevante sobretudo aos religiosos, quanto o senso prático dos itinerantes posteriores ao século XIV, ao descrever coisas como as distintas rotas, as feiras e as regiões propícias a trocas, os aspectos geográficos das localidades, e assim por diante. Jean de Mandeville, igualmente, não só esboça a praticidade dos viajantes, como também se apresenta na posição de um cavaleiro distinto dos presentes nas gestas.

Entretanto, ao olharmos as especificidades das obras de viagens em relação àquelas produzidas anteriormente, não podemos ignorar a continuação de algumas características. Padrões comportamentais ligados à cavalaria, por exemplo, são comuns, sobretudo, devido ao fato de serem textos destinadas inicialmente a leitores que pertenciam aos círculos cavaleirescos e aristocráticos, sendo também redigidos

³⁸ SPINA, Segismundo. **A cultura literária medieval**. São Caetano do Sul, SP: Ateliê Editorial, 1997, pp. 35-47.

por indivíduos não completamente absorvidos a tais ideais³⁹. Assim, Marco Polo, por exemplo, oferece demoradas descrições de batalhas e ressalta um deslocamento, tendo como objetivo cumprir uma missão, além de evidenciar sua honra e inteligência, motivo de inveja entre os barões do Grande Cã. Jean de Mandeville, não relatando feitos de armas e amor, tidos como dois temas dignos de um cavaleiro⁴⁰, narra constantes aventuras, aspecto associado às virtudes cortesãs⁴¹, propriedades presentes também em Odorico de Pordenone.

Contudo, à diferença de Odorico de Pordenone e Marco Polo, Jean de Mandeville não viajou, organizando suas peripécias de forma artística. A busca por aventuras, característica da cavalaria, dessa forma, como assinala Josephine Bennett, resulta de adições, mudanças e refinamentos das fontes utilizadas para a escrita do livro, não ignorando as descrições das maravilhas antigas, nem as que surgiam descritas pelos itinerantes contemporâneos. Além do mais, a autora observa que o autor não se limitou a experiência de um viajante; incluindo religiosos e literários relatos⁴², buscou enriquecer a narrativa, escrevendo ao contrário de uma obra desonesta, uma literatura. Desta forma:

[*Viagens de Jean de Mandeville*] é incomparavelmente mais rica do que os materiais que a originaram, por conta da imaginação e genialidade do autor que se debruçou sobre eles e os trouxe à vida. [Portanto] Mandeville não é plagiador nem 'forjador', mas sim o criador de um romance de viagem, um campo em que se posiciona como o melhor (BENNETT, 1953, p.53)⁴³.

³⁹ PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. Estudio literario de los libros de viajes medievales. **EPOS: Revista de Filología**, núm. 1, p.217.

⁴⁰ "Há somente dois temas considerados dignos de um cavaleiro: feitos de armas e amor" (AUERBACH, 2021, p. 143).

⁴¹ Conforme coloca Erich Auerbach, "o caráter pessoal das virtudes cortesãs não é dado simplesmente por natureza, nem é obtido por nascença, no sentido de que a situação prática conferida pelo nascimento dentro de um estamento normalmente de forma espontânea. Agora precisa, além do nascimento, de uma educação para ser implantado, e da provação constante, voluntária e incessantemente renovada, para ser conservada. O meio da provação e da verificação é a aventura, *aventure*, forma extremamente peculiar e estranha de acontecimentos criada pela cultura cortesã" (AUERBACH, 2021, p. 143). Certamente, por manter esse senso de aventura explícito, Jean de Mandeville por séculos foi considerado ainda cavaleiro, pois em meio ao corpo documental, recebe maior esclarecimento do que o pertencimento ao clero ou aos mercadores.

⁴² Os contos presentes em *Viagens de Jean de Mandeville* são analisados por diferentes pesquisadores, para mais informações ver: RODRÍGUEZ TEMPERLEY, María Mercedes. Cuentos medievales: 'la dama el castillo del Gavilán' y el 'ejemplo de las flechas' Juan de Mandevilla, Libro de las maravillas del mundo. **Olivar**, 4 (4), 2003, p. 1-29. Para Rosemary Tzanaki, os copistas mudaram esses contos, TZANAKI, Rosemary. **Mandeville's medieval audiences: a study on the Reception of the Book of Sir John Mandeville (1371-1550)**. New York: Routledge, 2017.

⁴³ No original: The Travels is incomparably richer than the materials out of which it was made because the imagination of a writer of genius has shone upon those materials and brought them to life. Mandeville

A análise de Josephine Bennett possui algumas concordâncias historiográficas, principalmente em relação à utilização por parte de Jean de Mandeville de outros escritos, os quais não foram apenas copiados, mas também modificados em direção a um conteúdo que pretende abarcar todo o mundo conhecido⁴⁴. O problema de referida abordagem surge quando ocorre o grande favorecimento ao senso inventivo do autor, o apontando como um indivíduo consciente de uma técnica de invenção e seleção das descrições anteriores, objetivando causar o maravilhamento nos leitores⁴⁵. O grotesco e o monstruoso, nesse entendimento sentimental e

is neither a plagiarist nor a ‘forger’, but the creator of a romance of travel, a field in which he holds his place with the best (BENNETT, 1953, p.53).

⁴⁴ Como assinala Geraldine Heng, “para começar, de maneira bem simples, o alcance de um romance de viagem como o de Mandeville é global. Enquanto os interesses de outros romances se limitavam às fronteiras de uma nação, ou aos interesses de uma classe social particular que se estende por várias nações, ou, em casos mais extremos, para as fronteiras mais distantes da Cristandade Latina, o projeto de um romance cujo objeto permeia todo o mundo, conhecido e desconhecido – testando interiores e exteriores, escrutinizando pessoas, flora, fauna, e topografia, detalhando o estado da arte de técnicas e tecnologias, discursando sobre passados e futuros em qualquer e todo lugar – sugere um tipo diferente de ambição” [No original: “To begin with, quite simply, the reach of a travel romance like ‘Mandeville’s’ is global. Where the purposiveness of other romances might end at the boundaries of the nation, the interests of a particular social class aligned across nations, or, at farther limits still, the outermost borders of Latin Christendom, the project of a romance whose subject matter traverses the entire world itself, known and unknown—probing interiors and exteriors, scrutinizing peoples, flora, fauna, and topography, detailing state-of-the-art technology and techniques, discoursing on pasts and futures anywhere and everywhere—suggests a different kind of ambition”] (HENG, 2003, p. 241).

⁴⁵ De acordo com Josephine Bennett, “o autor realizou mais do que uma coleção dos materiais produzidos pelos viajantes. Ele selecionou, podou e organizou. Mais importante ainda, ele imaginou. Ele sabia como selecionar os detalhes pitorescos, e como os inventar. Ele sabia como manter a ‘suspensão voluntária da descrença’ que é fundamental em toda grande ficção – de fato, de toda literatura imaginada. Ele é mestre da técnica, saber [também presente] em Defoe e Swift, de se representar como o incrédulo Thomas que de abordagem cético em relação ao maravilhoso eficazmente tranquilizando os leitores” (BENNETT, 1953, p. 4). [No original: “the author has done much more than collect materials from the reports of genuine travelers. He has selected and pruned and arranged. More important still, he has imagined. He knew how to select picturesque details, and how to invented them. He knew how to secure that ‘willing suspension of disbelief’ which is the foundation of all great fiction – in fact, of all imaginative literature. He is a master of the technique, know also to Defoe and Swift, of representing himself as the doubting Thomas whose skeptical approach to the marvelous effectively reassures the reader” (BENNETT, 1953, p. 4)].

equivocado⁴⁶, recebem a função de decorações do texto⁴⁷, algo falho, pois, como explica Donald R. Howard⁴⁸:

De forma contrária a tal estimativa literária do trabalho de Mandeville, deve-se admitir que seu conteúdo teria parecido mais provável do que parece agora. Enquanto ainda se discutia sobre antípodas e a possibilidade de circunnavegar o globo, enquanto poucos sabiam sobre o Oriente e ainda menos sobre um quarto continente ou “Novo Mundo”, tudo era possível. Sua atitude era comparável àquela de homens em nossa época lendo relatos de testemunhas oculares sobre discos voadores – entretanto, com uma importante diferença: quando um escritor medieval transmite, sem creditar, as palavras e escritos de outro autor, ele não era julgado como uma fraude, como Mandeville está sendo (HOWARD, 1971, p.1)⁴⁹.

⁴⁶ Tal qual nos esclarece Stephen Greenblatt, esse movimento de pensar Jean de Mandeville como possuidor de um talento artístico literário possui vantagens. No entanto, “(...) existe nesta redentora invocação de arte algo ao mesmo tempo equivocada e sentimental. Equívoco, porque isola a obra de suas pretensões de veracidade e da história de sua acolhida, uma história alicerçada não muito na suspensão voluntária da descrença, mas na verdade; sentimental, porque reforça as modernas concepções familiares de intencionalidade e originalidade exatamente onde elas são mais vigorosamente desafiadas” (GREENBLATT, 1996, p. 54).

⁴⁷ “[Jean de Mandeville] é livre para combinar a verdade com a fantasia porque confiava que seus leitores conseguiriam distinguir. Ele é livre para decorar as margens de sua seriedade moral com grotescos delicados (e indelicados) sem temer que aqueles para quem ele escreve seriam incapazes de distinguir entre o texto e a decoração. As decorações intencionam encantar, assim como os monstros travessos e as posturas absurdas nas margens dos missais e saltérios do século XIV pretendiam encantar, sem que, no entanto, desviassem da seriedade do texto que iluminavam” (BENNETT, 1953, p. 78. Tradução nossa). [No original: “[Jean de Mandeville] is free to mix truth with fantasy because he can trust his readers to distinguish between them. He is free to decorate the borders of his moral earnestness with delicate (and indelicate) grotesques without fear that those for whom he is writing will be unable to distinguish between the text and the decoration. The decorations are intended to amuse, just as the impish monsters and absurd postures in the borders of fourteenth century missals and psalters were intended to amuse, without detracting from the seriousness of the text they illuminated” (BENNETT, 1953, p. 78)].

⁴⁸ Importante destacar que, para Josephine Bennett, Jean de Mandeville no grotesco faz uma mistura entre o sério e o jocoso, coisa característica da época (BENNETT, 1953, p. 78). Na contramão dessa percepção, observamos, por exemplo o moleiro Menocci, presente no livro do Carlo Ginzburg, acreditando no viajante. Portanto, como coloca Donald R. Howard, “Independente disso ter feito dele um artista ou uma fraude, ele criou, a partir de um livro, um mundo de sua maneira, um mundo concebível o suficiente para ser levado em consideração seriamente por Cristóvão Colombo, Sir Thomas More, Jonathan Swift, e ser relido por toda a Europa até o século XIX” [No original: “whether this makes him a fraud or an artist, he created, from a shelf of book, a world of his own devising, a world conceivable enough to have been taken seriously by Christopher Columbus, Sir Thomas More, Jonathan Swift, and readres over Europe well into the nineteenth century”] (HOWARD, 1971, p. 1).

⁴⁹ No original: “Against such a literary estimate of Mandeville’s work one must allow that its contents would have seemed more probable then than now. While men still argued about antipodes and circumnavigating the globe, while they little about the Orient and nothing about a fourth continent or ‘New World’, anything was possible. Their attitude was comparable to that with which men of our time read eye-witness reports of flying saucers – but with an important difference: when a medieval writer transmitted without acknowledgement the words and contents of another author, he was not judged, as Mandeville has been, a fraud” (HOWARD, 1971, p.1).

Nesta direção, concordamos com os pesquisadores que, diante da grande literalidade oferecida por Bennett (1953), posicionando Jean de Mandeville praticamente na mesma posição de Geoffrey Chaucer e Giovanni Boccaccio, em suas análises evitam o termo “Romance de Viagem”⁵⁰. Entre os autores, destaca-se, por exemplo, Mary B. Campbell, para a qual nem o conhecimento mais elevado do medievo duvidava das maravilhas do Oriente⁵¹, e, mesmo consciente em certa instância de que escrevia um plágio, Jean de Mandeville nunca buscou transmitir o não-factual, apenas o factual. A diferença da atualidade, e isso às vezes causa confusão, é que como os indivíduos viventes ao longo do medievo não possuíam museus (uma taxonômica organização da ciência botânica, entre outros pontos) dependiam no seu conhecimento do mundo visível das seletas prosas das testemunhas. Não havendo transparente separação entre os fatos e as representações linguísticas (CAMPBELL, 1991, p. 138-140).

Assim, por realizar e transmitir uma síntese do conhecimento histórico, antropológico e científico do período, observamos uma aproximação do livro *Viagens de Jean de Mandeville* das Enciclopédias⁵². A distinção entre elas surge na

⁵⁰ Contudo, não podemos deixar de ressaltar que, como esclarece Lorraine Daston e Katherine Park, a retórica do maravilhoso foi inicialmente desenvolvida nos séculos XII e XIII nos romances, os quais colocavam a luxúria do Oriente, enfatizando a questão da aventura, a exploração do inesperado e objetos mágicos ligados ao poder. “Gerald de Gales e Gervase of Tilbury utilizaram consideravelmente de associações com romances em suas topografias, mas foi somente após a colaboração de Rustichello’ com Marco Polo que a retórica romântica da Maravilha tornou-se uma característica estabelecida da viagem exótica contemporânea” [No original: “Gerald of Wales and Gervase of Tilbury had made considerable use of romances associations in their topographies, but it was only after Rustichello’s collaboration with Marco Polo that the romantic rhetoric of wonder became an established feature of contemporary exotic travel”] (DASTON; PARK, 1998, p. 33).

⁵¹ Conforme coloca Mary B. Campbell, Dante, Homero, Virgílio, mesclaram o “real” e o “fictício”. “Mas Dante, como Homero e Virgílio, escreveu em versos, o que permitia a sua audiência uma deixa teórica. Mandeville escreveu na prosa vernácula de um divulgador científico, e não há margem para a separação óbvia entre a “seriedade moral” e o “grotesco delicado” neste discurso. O nível de conhecimento geográfico e etnográfico não era alto o suficiente no século XIV para permitir até mesmo que o mais sofisticado leitor questionasse a existência dos Acephali (ainda sendo seriamente replicado por Raleigh dois séculos e meio mais tarde), enquanto mantinha sua crença ao histórico, mas igualmente bizarro “Homem velho das montanhas” [No original: “But Dante, like Homer and Virgil, wrote in verse, which gave his audience a necessary rhetorical cue. Mandeville wrote in vernacular prose of a scientific popularizer, and there are no borders or margins in such discourse to make the separation obvious between ‘moral earnestness’ and ‘delicate grotesque’. Nor was the level of geographic and ethnographic knowledge high enough in the fourteenth century to permit even most sophisticated reader to dismiss the Acephali (still being ‘earnestly’ reposted by Raleigh two and a half centuries later), while attaching his belief to the historical but almost equally bizarre ‘Old Man of the Mountains’] (CAMPBELL, 1991, p. 138-140).

⁵² Pablo Castro Hernández, apresenta um importante estudo, em que “(...) analisa o livro de Jean de Mandeville em seu caráter enciclopédico, ou seja, de que maneira a narração se torna meio de transmissão do conhecimento, copilando, ordenando e sistematizando a informação (HERNÁNDEZ, 2013, p. 188-189. Tradução nossa). [No original: (...) analiza el libro de John Mandeville en su carácter enciclopédico, es decir, de qué manera su narración de viaje se torna un medio de transmisión de

organização das informações, pois, retomando o aprendizado enciclopédico, a obra amplia os esclarecimentos, adicionando, por exemplo, mais elementos referentes à natureza, tal qual os animais, as plantas, as pedras, e sobretudo ao saber, isso é, geografia, astronomia, medicina, etnografia e às línguas⁵³. De igual modo, ocorre ao longo da obra a criação de um personagem, o qual diante as maravilhas sente, característica, como explica Lorraine Dastons e Katherine Park, ausente nos textos enciclopédicos e bestiários, mas presente nos escritos de viagens, associada à busca por credibilidade dos viajantes (DASTON; PARK, 1998, p. 63). O escrito, então, deve ser considerado no fim de um longo ciclo do pensamento, obtendo importância devido ao fato de consolidar as ideias anteriores, colaborando com o surgimento de um novo momento que estava por se iniciar⁵⁴.

Diferente dos textos anteriores, e também dos posteriores, a obra carrega a originalidade no caráter enciclopédico sobretudo por buscar realizar um novo tipo de escrito⁵⁵, combinando o ensinamento e o entretenimento, mesmo que para tal fim, ao invés de criar um monstro narrativo, sacrifique alguns modelos da escrita⁵⁶. Geraldine Heng, ao analisar o prazer, destaca algumas situações narradas motivo de deleite aos leitores, como as Amazonas, as mulheres nuas estendidas sobre a água, as extravagâncias, tidas na forma de superficiais. Para a autora:

conocimiento, compilando, ordenando y sistematizando la información” (HERNÁNDEZ, 2013, p. 188-189)].

⁵³ RODRÍGUEZ TEMPERLEY, María Mercedes. **Libro de las maravillas del mundo**. (Ms. Esc. M- III- 7). Edición crítica, estudios preliminares y notas de María Mercedes Rodríguez Temperley. Buenos Aires: SECRIT, 2005, p. L-LII.

⁵⁴ Conforme Geraldine Heng, que pensa a obra de Jean de Mandeville como um “romance de viagem”: “(...) a importância de um romance de viagem global que surge magicamente e consolida uma riqueza de informações ao fim de um longo ciclo: um ciclo de conhecimentos teóricos e práticos na Europa, compreendendo vários campos e séculos, chamados posteriormente de Idade Média. Ao surgir ao fim do ciclo medieval de acumulação de conhecimentos, [As *Viagens de Jean de Mandeville*] se posicionam favoravelmente diante da abertura de um novo longo ciclo de acumulação cultural – denominado Renascimento, era das descobertas e da exploração – que a perspectiva global das *Viagens* ajuda a incitar ao se remeter concomitantemente ao passado e ao futuro conforme explora o mundo” (HENG, 2003, p. 240. Tradução nossa). [No original: “(...) the importance of a romance of world travel that magically appears and consolidates a wealth of information at the end of accumulated of a long cycle: a cycle of theoretical and practical knowledge in Europe, spanning many fields and centuries, known retroactively, as the Middle Ages. Arriving at the end of a medieval cycle of knowledge accumulation, the *Travels* is also fortuitously perched before the opening of another long cycle of cultural accumulation – the so-called Renaissance age of discovery and exploration- which the global perspective of the *Travels*, looking backward and forward in time as it scans the world, also helps to incite” (HENG, 2003, p. 240)].

⁵⁵ HOWARD, Donald R. The world of Mandeville’s travels. The yearbook of English studies, n. 1, 1971, p. 2.

⁵⁶ Idem. p. 3.

Uma importante técnica usada de prazer na literatura de viagem surge da simples assimetria da posição entre a audiência sedentária em suas casas e o olhar itinerante prostrado sobre a narrativa conforme ela viaja pelo mundo. O momento da viagem (incluindo da viagem imaginária, vicária) toca diretamente nos prazeres da acumulação (como lugares, pessoas, e costumes, são reunidos em uma viagem implícita), e a satisfação gerada pelo avanço adiante, conforme estágios são completados, fenômenos e eventos são nomeados, ordenados, e localizados na declamação narrativa. (HENG, 2003, p. 246-247)⁵⁷.

Enfim, o livro *Viagens de Jean de Mandeville*, redigido em meados do século XIV não deixa de esboçar certas mudanças características do período, como a gradual decadência do espírito heroico dos cavaleiros. Ao mesmo tempo em que ainda expressa as perspectivas anteriores, tal qual a aspiração às aventuras, presente também em outros viajantes, dos quais o cavaleiro se diferencia em razão de não ter viajado. Diante da criação, readequação, refinamento, adição e mudanças das fontes utilizadas para a narração das peripécias, alguns pesquisadores apontam o autor enquanto artista, que organizou o conteúdo objetivando sobretudo causar o maravilhamento no público. Contudo, referida perspectiva acarreta problemas, uma vez que o texto pretende não somente entreter os leitores, como pretende também, informar sobre as terras distantes de maneira prática.

As maravilhas descritas, sem dúvida, entretêm e causam prazer nos leitores, mas, ao invés de simples decorações ao texto, informavam, uma vez que eram creditas. Assim, Jean de Mandeville, na posição de “Homem do Saber”, ou melhor, utilizando o termo de Jacques Verger⁵⁸, “*Gens du livre*”, demonstra aptidão não somente para ler e escrever, como, também, para utilizar o conhecimento disponível, seja conservando as informações, seja transmitindo esta ou aquela prática social. Ao difundir, criar novas ideias e perspectivas⁵⁹, imaginando e selecionando imagens anteriores em direção à mescla de dois temas de crescente popularidade, as novelas

⁵⁷ No Original: “an important technique of pleasure characterizing travel literature arises from the simple asymmetry of position between the sedentary audience at home and the roving eye of the narrative as it travels world at large. The momentum of travel (including vicarious, imagining travel) taps directly into the pleasures of accumulation (as places, people, and folkways are gathered up on implied journey), and the satisfaction of onward advancement, as stages are completed, and phenomena and events are named, ordered, and located, in narrative recitation” (HENG, 2003, p.246-247).

⁵⁸ VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 15.

⁵⁹ De acordo com Jacques Le Goff, os eruditos cuja função seria a de apresentar um copilado não foi completamente desconsiderada ao longo da Idade Média, dado este ter sido um “exercício fundamental da atividade intelectual e não apenas da difusão, mas também da criação das ideias” (LE GOFF, 2006, p. 12)

vulgares e as literaturas de viagens ficcionais⁶⁰, o autor oferece ao público um conteúdo cujo deslocamento estava na posição de essencialmente prático, porém, agora, ligado a certo “alívio”, ou seja, ligado ao “florescimento de uma certa “indústria do turismo”⁶¹.

As singularidades em relação a outros escritos de viagens do período certamente colaboraram com a ampla propagação de *Viagens de Jean de Mandeville*. Mercadores, cavaleiros, burgueses, clérigos, monges e até moleiros condenados a inquisição⁶², leram um texto que recebe mais de 250 cópias até o século XV. No próximo tópico, perceberemos os diferentes manuscritos, suas variações e destacaremos a versão utilizada ao longo da dissertação.

1.3 Os manuscritos de Viagens de Jean de Mandeville

Ao considerarmos o livro *Viagens de Jean de Mandeville*, é importante termos em mente sua magnitude no que diz respeito às diferentes traduções e cópias, haja vista que somente do século XV existirem mais de 250 manuscritos⁶³. As razões para tão ampla propagação variam. Ana Pinto, por exemplo, destaca o crescente desejo dos leitores em saber sobre as coisas exóticas⁶⁴. Claude Kappler, na mesma direção, aponta o caráter seletivo das *mirabilia* na temática, e, para mais, assinala o fato de os primeiros exemplares terem sido redigidos nas línguas vulgares, situação que viabilizou sua melhor difusão entre um público leigo e pouco familiarizado com o

⁶⁰ Para mais informações ver: ADAMS, Percy G. **Travel literature and the Evolution of the novel**. Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky, 1983.

⁶¹ Partindo do aumento dos escritos de viagens a partir do século XIV, Harald Kleinschmidt afirma que “(...) os viajantes seguiam considerando as viagens como uma atividade de importância por si mesma, ao tempo que em seus deslocamentos começavam a experienciar um certo desfrute ou sentido de alívio. Começa a florescer uma espécie de indústria turística, com guias escritos, *devotionale*, moedas e medalhas comemorativas e especialidades gastronômicas locais” (KLEINSCHMIDT, 2009, p. 332. Tradução nossa). [No original: “(...) los viajeros seguían considerando los viajes como una actividad de importancia por sí misma, al tiempo que en sus viajes comenzaban a experimentar un cierto disfrute o sentido de alivio. Comenzó a florecer una especie de industria turística con guías escritos, *devotionale*, monedas y medallas conmemorativas y especialidades gastronómicas locales” (KLEINSCHMIDT, 2009, p. 332)].

⁶² Conforme coloca Carlo Ginzburg, em uma carta enviada aos juízes da prisão, o moleiro Menocchio, “(...) enumerou, em segundo lugar, entre as causas dos seus próprios erros, ‘ter lido aquele livro de Mandavilla, de tantas raças, e tão diversas leis, que me deixou confuso’ (...)” (GINZBURG, 1998, p. 83).

⁶³ FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Introdução. In: _____. **Viagens de Jean de Mandeville**. Bauru, SP: EDUSC, 2017, p. 25.

⁶⁴ PINTO, Ana. Introducción. In: **Los viajes de Sir John Mandeville**. Madrid: Ediciones Catedra, 2001, p. 9-30.

latim⁶⁵. Carlo Ginzburg, salienta a primeira parte do texto, a qual direcionada para à descrição da Terra santa, “(...) teve grande responsabilidade no excepcional sucesso alcançado pela obra” (GINZBURG, 1998, p. 86). Igual modo, não podemos deixar de considerar a relevância dos copistas, uma vez que estes, modificando o conteúdo, adaptaram das mais diversas maneiras as publicações ao gosto do público.

Entretanto, ao adequarem *Viagens de Jean de Mandeville* ao anseio dos leitores, os copistas não somente moldaram, mas também criaram narrativas novas. Entre as várias amplas reformulações, destacam-se, por exemplo, as relacionadas ao personagem, criando um protagonista mais parecido com um herói de romance⁶⁶; as adições e exclusões de informações, tal qual alfabetos⁶⁷; e as variações nas descrições das distintas regiões percorridas⁶⁸. Já no que se refere às reestruturações pontuais, observamos, sobretudo, palavras escritas de maneiras diferentes, ou modificadas⁶⁹, e frases acrescentadas, as quais, por vezes, incorporam emoções e sentidos originais às coisas deslumbradas. A situação relatada no reino de Caldilhe exemplifica a segunda situação.

Após concluir o relato da Pérsia e das terras pertencentes ao Grande Cã, Jean de Mandeville ruma em direção à Alta Índia e à Bacharie, chegando ao reino chamado de Caldilhe, onde existe uma árvore cujo fruto, de carne, osso e sangue, se parece com um cordeiro. Na versão da C. W. R. D. Moseley, o relato ocorre da seguinte maneira:

Lá, cresce um tipo de fruta tão grande quanto cabaças, que, quando maduras, são abertas revelando em seu interior um animal de carne, sangue e osso, parecido com um pequeno cordeiro sem lã. E as pessoas dessa terra comem o animal juntamente com o fruto. É uma grande *marvel*. Embora eu tenha dito a eles que essa não era uma grande *marvel* para mim, porque, em meu país, havia árvores que davam um tipo de fruto que se tornava pássaros que podiam voar; homens os chamam de bernakes (barnacle geese), e eles possuem uma boa carne. Aqueles que caem na água sobrevivem e voam,

⁶⁵ KAPPLER, Claude. **Monstros, demonios y maravillas a fines de la Edad Media**. Madrid, España: Ediciones Akal, 1986, p. 54.

⁶⁶ TZANAKI, Rosemary. **Mandeville's Medieval audience: a study on the reception of the *Book of Sir John Mandeville* (1371-1550)**. New York: Routledge, 2017, p. 141.

⁶⁷ Os manuscritos e versões possuem números distintos de alfabetos.

⁶⁸ BENNETT, Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953, p. 111-171.

⁶⁹ Para mais informações sobre as diferenças entre os manuscritos, ver: SEYMOUR, Michael C. *Sir John Mandeville*. In: SEYMOUR, Michale C.; FOWLER DAVID C.; [et. Al.]. (Orgs.). **Author of the Middle Ages**. 1-4. New York: Routledge Taylor & Francis Group, 1994, pp. 6-64; SEYMOUR, Michael C. The origin of the Egerton Version of “Mandeville's Travels”. **Medium Aevum**, vol. 30, n.3, pp. 159-169, 1961.

enquanto aqueles que caem na terra morrem. Eles se maravilharam com tudo isso que os contei (MANDEVILLE, 1986, p. 165)⁷⁰.

Descrição não muito distinta encontramos nas versões de Anthony Bale⁷¹, María Mercedes Rodríguez Temperley⁷², Malcolm Letts⁷³ e Gonzalo Santoja⁷⁴, todos redigidos com base em diferentes manuscritos. Contudo, ao nos deparamos com as versões de A. W. Polland⁷⁵ e de Ana Pinto, ambas baseadas no manuscrito *Cotton Titus C. XVI*, observamos a seguinte descrição:

Lá crescem uns frutos parecidos as calabazas nos quais, cortados pela metade quando estão maduros, aparece um pequeno animal de carne, osso e sangue, parecidos a um cordeiro sem lã. Eu comi desse surpreendente fruto, mas bem sei que Deus é maravilhoso em suas obras. Sem embargo, os disse que *marvel* tão grande como a sua são as nossas barnaças. Os disse que em nossos país havia árvores que dão frutos dos quais saem aves voadoras e, enquanto as que caem na água vivem, as que caem na terra morrem imediatamente, e os disse também que som muito boas como alimento do homem. Ao ouvirem se maravilharam tanto que alguns pensaram que era algo impossível (MANDEVILLE, 2001, p. 278-279)⁷⁶.

⁷⁰ No Original: “There grows a kind of fruit as big as gourds, and when it is ripe men open it and find inside an animal of flesh and blood and bone, like a little lamb without wool. And the people of that land eat the animal, and the fruit too. It is a great marvel. Nevertheless I said to them that it did not seem a very great marvel to me, for in my country, I said, there were trees which bore a fruit that became birds that could fly; men call then bernakes (barnacle geese), and there is good meat them. Those that fall in the water live and fly away, and those that fall on dry land die. And when I told then this, they marveled greatly at it” (MANDEVILLE, 1986, p. 165).

⁷¹ MANDEVILLE, Sir John. **The book of Marvels and Travels**. Translated with an Introduction and Notes by Anthony Bale. Oxford: Oxford University Press.

⁷² **Juan de Mandevilla**: Libro de las maravillas del mundo y del viaje de la Tierra Sancta de Jerusalem. Edición crítica, estudios preliminar y notas de María Mercedes Rodríguez Temperley. Buenos Aires: INCIPIT, 2011.

⁷³ LETTS, Malcolm. **Mandeville’s Travels**: texts and translations. Vol. I. Nova York, NY: Routledge, 2016.

⁷⁴ **Juan de Mandevila**. Libro de las maravillas del mundo. Edición de Gonzalo Santoja. Madrid: Vision, 1984.

⁷⁵ **The travels of Sir John Mandeville**: the version of the Cotton manuscript in modern spelling. Notes by A. W. Polland. London: Macmillan, 1990.

⁷⁶ No Original: “En él crecen unos frutos parecidos a las calabazas en los que, al cortarlos por la mitad cuando están maduros, aparece un pequeño animal de carne, hueso y sangre, parecido a un corderillo sin lana. La gente come el fruto y también el animal. Es una gran maravilla. Yo he comido de ese sorprendente fruto, pero bien sé que Dios es maravilloso en sus obras. Sin embargo, les dije que maravilla tan grande como la suya es la nuestra de los barnaças. Les dije que en nuestro país había árboles que dan frutos de los que salen aves voladoras y, mientras que las caen en el agua viven, las que caen en tierra mueren inmediatamente, y les dije también que son muy buenas como alimento del hombre. Al oírlo se maravillaron tanto que algunos pensaban que era algo imposible” (MANDEVILLE, 2001, p. 278-279).

Assim, no primeiro momento, não há a afirmação do viajante ter comido a fruta, ao contrário do que ocorre na segunda situação⁷⁷. Diante dessa e de outras especificidades dos manuscritos, e a conseqüente problemática de partirmos de uma única tradução e tê-la como base para todas as produções difundidas na Europa⁷⁸, escolhemos a versão mais completa disponível na atualidade, isto é, a organizada por Susani Silveira Lemos França. No próximo tópico, especificaremos nossa escolha, bem como as controvérsias entorno da versão original.

1.3.1 A versão utilizada de Viagens de Jean de Mandeville

Pouca ou nem uma certeza se tem a respeito da versão original e perda de *Viagens de Jean de Mandeville*, existindo, ao invés de respostas, mais indagações. Talvez, a única conciliação entre os pesquisadores seja referente à língua escrita, o francês. Todavia, os argumentos para tal disposição não são menos controversos, principalmente em dois pontos. Em primeiro lugar, a questão está relacionada à suposta localização geográfica em que a obra foi originalmente escrita. Sem dúvida esse argumento acompanha, primeiramente, o debate referente à autoria do livro, pois, de um lado, observamos Paul Hamelius afirmando a inexistência de Jean de Mandeville, sendo o francês Jean D'Outremeuse o real autor⁷⁹, de outro, pesquisadores como C. W. R. Moseley⁸⁰ e Josephine W. Bennett⁸¹, os quais

⁷⁷ GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 57.

⁷⁸ TZANAKI, Rosemary. **Mandeville's Medieval audiences**: a study on the reception of the *Book of Sir John Mandeville* (1371-1550). New York: Routledge, 2017.

⁷⁹ Conforme coloca Paul Hamelius, "Jean D'Outremeuse, muito provavelmente o verdadeiro autor das [*Viagens de Jean de Mandeville*], teve sua aura questionada pela crítica moderna. Ele não tinha direito ao nome aristocrático e ao pedigree de Des Press. (...). Morreu em 25 de novembro de 1400; seu falecimento, datado no dia seguinte, foi impresso por Bormans (Bulletin, etc.)" (HAMELIUS, 1923, p. 8-9. Tradução nossa). [No original: "Jean D'Outremeuse, in all probability the real author of the *Travels*, has been stripped of many borrowed plumes by modern criticism. He had no right to the aristocratic name and pedigree of Des Press. (...). He died November 25, 1400; his obit, dated on the next day, has been printed by Bormans (*Bulletin*, etc.)" (HAMELIUS, 1923, p. 8-9)].

⁸⁰ "Mesmo assim, o argumento para um autor inglês é bastante favorável: a narrativa é completamente consistente em suas referências para "esse país", "nosso país"; a discussão das letras *z* e *þ*, peculiares do Inglês; o ganso barnacle, de criação inglesa; dentre outros" (MOSELEY, 1986, p. 10. Tradução nossa). [No original: "Nevertheless, the case for an English author is quite good: the narrative is wholly consistent in its references to 'this country', 'our country', the discussion of the peculiarly English letters *z* and *þ*, the barnacle geese reputed to the breed in Britain, and so on" (MOSELEY, 1986, p. 10)].

⁸¹ De acordo com Josephine W. Bennett, os franceses condenavam a *barbarous*, não somente no discurso, mas também na escolha das palavras. Assim, "é improvável que o de Paris tenha sido escrito primeiro, e que o redator inglês mudou a ordem das palavras para pior. A própria 'barbaridade' do francês utilizado é, portanto, a maior evidência de que o autor seria um inglês" (BENNETT, 1953, p. 179. Tradução nossa). [No original: "It is not probable that the Paris was written first, and that English

analisando detalhes dos manuscritos, evidenciam o escritor na posição de inglês. À parte as questões autorais da nacionalidade, ocorre também problemas no que tange o uso das fontes por parte de Jean de Mandeville. Assim, Michel C. Seymour, considerando as diferentes testemunhas utilizadas na criação do texto, declara que *Viagens de Jean de Mandeville* foi produzido em uma biblioteca continental, em uma área na qual se falava francês (SEYMOUR, 1994)⁸². Para Michel J. Bennett, Michel C. Seymour restringe o texto muito aos monastérios, algo dubitável, dado existirem versões das testemunhas utilizadas na Inglaterra⁸³. Contudo, o pesquisador não exclui a possibilidade de o texto ter sido redigido em francês (BENNETT, 2006, p. 276-283).

Paralelamente às questões da nacionalidade e da localização inicial do livro, concordantes no que se refere à escrita na Inglaterra ou França, o segundo ponto está relacionado aos aspectos culturais do momento. Assim, tanto Josephine Bennett⁸⁴ e⁸⁵, quanto Michael C. Seymour⁸⁶, consentem no fato de que *Viagens de Jean de Mandeville*, ao ser redigido para informar e entreter o público leigo, deveria concordar com o idioma mais difundido entre os leitores, no caso o francês⁸⁷. Michael Bennett,

redactor changed the word-order for the worse. The very 'barbarousness' of the French is, therefore, the best evidence that the author was a Englishman" (BENNETT, 1953, p. 179)].

⁸² Conforme coloca Michael C. Seymour, muitas obras utilizadas por Jean de Mandeville em 1357 só poderiam ser encontradas em grandes bibliotecas eclesiásticas e na França, como é o caso, por exemplo, do escrito de Jean Le Long, que a única cópia "(...) conhecida na Inglaterra antes de 1500 foi escrita em 1450" (SEYMOUR, 1994, p. 14. Tradução nossa). [No original: "(...) the only copy of le Long's translation known to have been in England before 1500 was written c. 1450" (SEYMOUR, 1994, p.14)].

⁸³ "Apesar de Mandeville mostrar alguma familiaridade com autoridades latinas, o autor aparenta ter tido contato com eles através de traduções do francês e citações. O problema central está na disponibilidade de trabalhos como a antologia de Jean Le Long. Não se deve pensar que esse trabalho estava apenas disponível em bibliotecas monásticas. Jean Le Long escreveu tendo em mente uma audiência mais mundana, e presumidamente algumas das cópias de seu trabalho foram incluídas em coleções de livros de príncipes e nobres. Nas circunstâncias da década de 1350, essas coleções eram geralmente inglesas ou francesas" (BENNETT, 2006, p. 276. Tradução nossa). [No original: "Though Mandeville shows some familiarity with his Latin authorities, he appears to have generally would with French translations and abridgment. It is the availability of works like Jean Le Long anthology that becomes the crucial issue. It should not be assumed that such a work could only have been available in a monastic library. Jean Le Long wrote with a more worldly audience in mind, and presumably some copies of his work found the way into the book collections of princes and nobles. In the circumstances of 1350s such collections were almost as likely to be English as French" (BENNETT, 2006, p. 276)].

⁸⁴ BENNETT, Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953.

⁸⁵ MOSELEY, C. W. R. D. Introduction. **The travels of Sir John Mandeville**. Translated with an introduction by C. W. R. D. Moseley. Penguin Classics, 1986.

⁸⁶ SEYMOUR, Michael C. Sir John Mandeville. In: SEYMOUR, Michale C.; FLOWER, David C.; [et. Al.]. (Org.). **Author of the Middle Ages**. 1-4. New York: Routledge Taylor & Francis, 1994, pp. 6-64.

⁸⁷ Conforme coloca Josephine Bennett, "era escrito em francês porque os leigos letrados na Inglaterra geralmente liam mais facilmente francês do que latim, mesmo motivo pelo qual ela foi tornada a outra língua da Europa. A obra era escrita visando o entretenimento dos leigos, dessa forma, era 'popular' no sentido de 'não-instruídos'" (BENNETT, 1953, p. 220. Tradução nossa). [No original: "It was written in French because literate English laymen more easily read French than Latin, and it was turned into the other language of Europe for a similar reason. It was written for the entertainment of laymen, and was

se posiciona de maneira crítica à referida perspectiva, porém, em razão de não questionar a primeira escrevedura no francês, ilustra certo consentimento entre os pesquisadores⁸⁸.

Realizada a discussão referente ao idioma e à localização geográfica, entramos nas discordâncias operantes no que diz respeito à data da escrita do livro. Como esclarece Michael C. Seymour⁸⁹, Jean de Mandeville, na segunda parte da obra, tem grande dependência do escrito de Jean Le Long, finalizado em 1351, por outro lado, o manuscrito mais antigo é datado de 1371, sendo este, portanto, o limite provável da escrita. Dentro desse período ocorrem as divergências, Susani Silveira Lemos França, por exemplo, aponta 1356-1357⁹⁰, diferente de Rosemary Tzanaki, a qual destaca 1357-1360⁹¹, já para C. W. R. Moseley a data provável é entre 1356-1366⁹². Arpad Steiner, analisando acontecimentos históricos, coloca a impossibilidade do registro antes do intervalo entre 1365 e 1371⁹³, na mesma direção, mas salientando a

therefore ‘popular’ in the sense of ‘non-learned’” (BENNETT, 1953, p. 220)]. Assim, observamos o francês como língua corrente entre os laicos por quase toda a Europa, levando não somente Jean de Mandeville, mas também Marco Polo a escolher referido idioma, trazendo o seguinte questionamento, feito por Simon Gaut: “em qual outra língua eles poderiam ter escrito?” (GAUT, 2009, p. 247. Tradução nossa) [No original: “in what other language were they to write?” (GAUT, 2009, p. 247)]. Nessa direção, podemos deixar de lado o debate referente a Jean de Mandeville ser cavaleiro ou inglês, pois, o francês (anglo-normando) era o dialeto tanto na corte inglesa (MOSELEY, 1986, p.9), quanto na França (SEYMOUR, 1994, p.8).

⁸⁸ De acordo com Michael J. Bennett, “uma revisão das condições culturais da França e da Inglaterra na década de 1350, no entanto, sugeriria que tal disposição a favor de uma proveniência continental da obra não é de forma alguma garantida. Em geral, não há uma boa razão para duvidar que as [*Viagens de Jean de Mandeville*] foram originalmente escritas em Anglo-Francês” (BENNETT, 2006, p. 283. Tradução nossa). [No original: “a review of cultural conditions in France and England in the 1350s, however, would suggest that such a disposition in favor of a continental provenance is by no means warranted. All in all, there is no good reason to doubt that *Travels* was originally written in Anglo-French” (BENNETT, 2006, p. 283)].

⁸⁹ SEYMOUR, Michael C. Sir John Mandeville. In: SEYMOUR, Michale C.; FLOWER, David C.; [et. Al.]. (Org.). **Author of the Middle Ages**. 1-4. New York: Routledge Taylor & Francis, 1994, pp. 6-64.

⁹⁰ “Se a identidade de Jean de Mandeville é, desde o século 19, um mistério para os estudiosos, estes não hesitam em afirmar, em contrapartida, que *Viagens de Jean de Mandeville* – finalizado em 1356-1357- (...)” (FRANÇA, 2007, p.13).

⁹¹ “O arquétipo do livro, escrito em c. 1357-60, não existe mais até onde se sabe” (TZANAKI, 2017, p. 15. Tradução nossa). [No original: “The *Book’s* archetype, written c. 1357-60, is no longer in existence so far as is known” (TZANAKI, 2017, p. 15)].

⁹² “As [*Viagens de Jean de Mandeville*] circularam na Europa entre 1356 e 1366” (MOSELEY, 1983, p. 9. Tradução nossa). [No original: “The *Travels* first began to circulate in Europe between 1356 and 1366” (MOSELEY, 1983, p. 9)].

⁹³ Arpad Steiner parte da descrição geográfica da Hungria e Polônia em *Viagens de Jean de Mandeville*, para concluir “assim, [que] a data da composição das *Viagens de Mandeville* pode facilmente ser estabelecida em 1366, como sugerido por Warner. Mas, se a dedicatória direcionada a Eduardo III é genuína ou não, [*Viagens de Jean de Mandeville*] poderiam ter sido escritas entre 1356 e o início de 1371” (STEINER, 1934, p. 147. Tradução nossa). [No original: “thus, the date of composition of *Mandeville’s Travels* may easily have been 1366 as was assumed by Warner. But whether the dedication addressed to Edward III is genuine or spurious, the *Travels* were composed between 1356 and the early part of 1371” (STEINER, 1934, p.147)].

dedicatória a Edward III presente em alguns manuscritos, Paul Hamelius indica o ano de 1366⁹⁴. Mediante referida problemática, concordamos com J. D. Thomas, que, englobando o intervalo possível, assinala a versão original redigida entre 1355 e 1371 (THOMAS, 1957, p.165).

O ano de 1371 é de suma importância, pois foi redigida a versão existente mais antiga do manuscrito⁹⁵. Escrito em Paris, por Raoulet d'Orléans, para Charles V, recebeu a denominação de fons. fr. nouv. ac. 4515⁹⁶. Foram elaboradas 26 versões subsequentes, todas datadas dos séculos XIV e XV, copiadas principalmente na França⁹⁷. No entanto, mesmo sendo a mais antiga, trata-se apenas de uma cópia pobre da original, isso porque além das pequenas diferenças, carrega também duas adições em relação à tradição insular dos manuscritos⁹⁸, a qual igualmente derivada do manuscrito primitivo, começou a circular na Inglaterra entre finais de 1370 e começo de 1390⁹⁹. Não avolumando a narrativa com detalhes, destacamos apenas o

⁹⁴ Paul Hamelius ao ter Jean d'Outremeuse no papel de autor do livro *Viagens de Jean de Mandeville* está naturalmente inclinado a negar os anos entre 1355, 1356 e 1357 como prováveis datas, isso porque em 1366 Jean d'Outremeuse possuía 28 anos, levando as datas anteriores a apresentá-lo muito jovem. Mas, para defender seu pressuposto, Hamelius destaca uma dedicação a Edward III presente em algumas versões, assim “o ano 1366, quando o rei Eduardo repudiou a supremacia do papa sobre o reino, é um ano provável. Ele vem logo após 1362, sobre o qual veja as notas para a página p.146 (...)” (HAMELIUS, 1923, p. 14. Tradução nossa). [No original: “the year 1366, when king Edward repudiated the pope’s supremacy over the realm, is a probable one. It comes soon after 1362, for which see notes to p. 146 (...)” (HAMELIUS, 1923, p. 14). Na nota da p. 146 o autor não exclui por completo a possibilidade de que a obra tenha sido escrita em 1362, isso porque “Vincent de Beauvais datando a ascensão dos tártaros em 1202 (*Spec. Hist.*, 1. XXIX., c. Ixix), essa passagem parece ter sido escrita após 1362, quando Jean d'Outremeuse tinha 24 anos, e Sir Jean Mandeville viveria ainda mais dez anos. O mais antigo manuscrito, data do ano de 1371. Não é impossível remeter uma data pouco posterior para a composição” (HAMELIUS, 1923, p. 116. Tradução nossa). [No original: “Vicent de Beauvais dating the rise Tartars in 1202 (*Spec. Hist.*, 1. XXIX., c. Ixix), this passage seems to have been written after 1362, when Jean d'Outremeuse was 24 years old, and Sir John Mandeville had still ten years to live. The earliest MS. Belonging to the year 1371, a date soon after for the composition is not impossible” (HAMELIUS, 1923, p. 116)].

⁹⁵ Segundo Michael J. Bennett, “o mais antigo manuscrito datado foi feito para Carlos V da França, em Paris, no ano de 1371. Nesse ano já havia três versões francesas das Viagens em circulação, associadas à Ile-de-France, Inglaterra e Liège. No início da década de 1380, havia traduções para o Latim e para o Inglês, na década de 1390, já existiam duas traduções independentes para o Alemão” (BENNETT, 2006, p. 274. Tradução nossa). [No original: “the earliest extant dated manuscript was made for Charles V of the France in Paris in 1371. By this time there were three French version of *Travels* in existence, associated variously with Île-de-France, England, and Liège. In the early 1380 there was translations into the Latin and English, and in the 1390s two independent translations into German” (BENNETT, 2006, p. 274)].

⁹⁶ BENNET. Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953.

⁹⁷ TZANAKI, Rosemary. **Mandeville’s Medieval audiences: a study on the Reception of the Book of Sir John Mandeville (1371-1550)**. New York: Routledge, 2017.

⁹⁸ BENNET. Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953.

⁹⁹ Michael C. Seymour coloca que a Versão Insular foi feita na Inglaterra antes de 1375 (MOSELET, 1994, p. 42). Já para George Warner, o qual observa a Defective Version, redigida por volta de 1400, “a mais antiga notícia do trabalho de Jean de Mandeville na Inglaterra encontrada é na crônica *Meaux*

fato da diferença ampla entre ambas, constituir de um acréscimo na insular de uma passagem sobre Jó¹⁰⁰, e, no que concerne à continental, a primeira está na descrição do “Vale Perigoso”, enquanto a segunda situação se encontra no momento cujo autor apresenta os argumentos da circunferência da terra, De acordo com Josephine W. Bennett,

em primeiro lugar, o estilo e o método narrativo da passagem diferem marcadamente daquele das [*Viagens de Jean de Mandeville*]. Em segundo lugar, a segunda passagem a ser inserida nas *Viagens* (e que concorda com o primeiro estilo) não é simplesmente uma inserção, mas uma substituição (BENNETT, 1953, p. 139)¹⁰¹.

Devido a essas três grandes diferenças, os pesquisadores destacam a versão “Continental” e a “Insular”. Outra grande variação ocorre, também, entre ambas as versões citadas, tidas como “Originais”, e a “Ogier”, caracterizada por uma adição de um herói Carolíngio, Holger Danske¹⁰², resultado da reescrita da versão “Continental” por Jean d’Outremeuse¹⁰³. Frente a essa variedade de manuscritos, optamos por utilizar, nesta dissertação, a versão contemporânea mais completa. Nesse sentido, a edição organizada por Susani Silveira Lemos França se destaca, uma vez que a professora compara

(...) três importantes edições modernas dos manuscritos em inglês (a de Paul Hamelius, a de M.C. Seymour e o primeiro volume da edição de Malcolm Letts, cujas introduções e notas tiveram imenso peso para os estudos recentes sobre o texto) com o segundo volume da edição

Abbey, em Yorkshire, escrita pelo abade Thomas de Burlon, entre 1388 e 1396 (WARNER, 1889, p. X. Tradução nossa). [No original: “the earliest notice of Mandevilles’s work in England with which I am acquainted is in the chronicle of *Meaux Abbey*, in Yorkshire, written by Abbot Thomas de Burlon between 1388 and 1396” (WARNER, 1889, p. X)].

¹⁰⁰ TZANAKI, Rosemary. **Mandeville’s medieval audiences**: a study of reception of the *Book of Sir John Mandeville* 91371-1550). New York: Routledge, 2017, p. 15-16.

¹⁰¹ No Original: “In the first place, the style and narrative method of the passage differs markedly from the Travels. In the second place, the second passage which has been inserted into the Thavels (and which agrees with the first style) is not simply an insertion, but a substitution (BENNETT, 1953, p. 139).

¹⁰² Quanto ao mais, o autor observando a maior variante sendo entre a “Original” e a “Ogier”, coloca que “(...) as duas maiores variantes foram mais geralmente conhecidas na forma de seis interpretações individuais – a Continental, a Insular, a Defeituosa, as versões Velsler, na mão ‘original’, e as versões de Von Diemeringen e no latim da Vulgata, no “Oier” – das quais as que melhor representam o trabalho de Mandeville são a Continental e a Insular (HIGGINS, 1997, p. 20-24. Tradução nossa). [No original: “(...)the two major variants were most widely known in the form of some six individual renderings – the Continental, Insular, Defective, and Velsler Versions, on the ‘Original’ hand, and the von Diemeringen and Vulgate Latin Versions, on the ‘Ogier’ – of which the Continental and Insular best represent the *Mandeville*-author’s own work” (HIGGINS, 1997, p. 20-24)].

¹⁰³ BENNETT. Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953.

de Letts e uma edição crítica recente da versão insular, em anglo-normando, preparada por Christiane Deluz. Além dessas três edições principais, serviu de apoio a recente edição espanhola (2001), de Ana Pinto (FRANÇA, 2007, p. 26).

Das versões utilizadas por Susani Silveira Lemos França, somente o manuscrito *Nouv. Acq. França. 4515* presente no segundo volume de Malcolm Letts, não se origina da tradição insular, a qual compreende 25 manuscritos¹⁰⁴. Desse total, nos importa a “Defective Version”, cópia mais antiga difundida na Inglaterra¹⁰⁵, que deu origem a distintos outros manuscritos¹⁰⁶, cuja característica está no buraco na descrição sobre o Egito, convencionalmente chamado pelos pesquisadores de “Egypt Gap”. Outras duas cópias, a Cotton C. XVI e a Egerton 1982, igualmente propagadas em traduções inglesas, não possuem referida brecha, levando-as a serem entendidas na forma de uma variante.

As três versões inglesas, que constituem a principal base das obras utilizadas por Susani Silveira Lemos França, possuem particularidades, resultando no fato de serem compreendidas como distintas. No entanto, para não entramos em minúcias, destacamos apenas, para além da “Egypt Gap” na “Defective Version”, as qualidades gerais tanto da Egerton 1982, quanto da Cotton Titus C. XVI.

Redigida no ano de 1400, em Hetfordshire, o manuscrito Cotton Titus C. XVI tem como base os textos oriundos tanto da “Defective Version”, quanto as primeiras versões da tradição Insular¹⁰⁷. Alguns pesquisadores, como Malcolm Letts, ressaltam os galicismos presentes na obra, os quais não desconfigurando as propriedades do inglês, colaboram na criação de um estilo rigoroso, cujas maravilhas são relacionadas aos plausíveis desarmes dos leitores, carregando-os por uma história pouco forçada (LETTS, 1949, p. 127-128). Já outros pesquisadores, tal qual C. W. R. Moseley, focam nas dificuldades do tradutor e na sutil flexibilidade do Anglo-Normando para a criação de um escrito marcado pela diferença na estrutura das prosas existentes até então,

¹⁰⁴ SEYMOUR, Michalel C. The scribal tradition of Mandeville’s Travel: the insular version. **Scriptorium**, Tome 18, n. 1, 1964.

¹⁰⁵ SEYMOUR, Michalel C. The scribal tradition of Mandeville’s Travel: the insular version. **Scriptorium**, Tome 18, n. 1, 1964, p. 41.

¹⁰⁶ Para um estudo detalhado da tradição inglesa da obra de Jean de Mandeville, ver: SEYMOUR, Michael C. The English Manuscript of Mandevilles’s Travels. **Edinburgh Bibliographical society transactions**, IV, vol. 5, 1966, p. 167-210.

¹⁰⁷ TZANAKI, Rosemary, **Mandeville’Medieval Audience**: a study on the reception of the *Book* of Sir John Mandeville (1371-1550). New York: Routledge, 2017, pp. 32-33.

transformando-a em um trabalho de grande influência nas composições inglesas posteriores¹⁰⁸ (MOSELEY, 1986, p. 36).

Não menos singular, o manuscrito Egerton 1982, composto no mesmo período da Cotton, mas no dialeto Northem¹⁰⁹, muitas vezes é considerada pelos pesquisadores como a única completa versão inglesa e a mais original¹¹⁰. A respeito de sua origem, M. C. Seymour apresenta um estudo detalhado no artigo de nome *The origin of the Egerton Version of “Mandeville’s Travels”*, fato que nos leva a adicionar à discussão apenas sua diferença em relação às outras cópias: não possui falta de folhas ou buracos. Por essa razão, autores, como A. W. Pollard, a utilizam para suprir certas falhas em direção à produção de traduções mais completas.

1.4 O itinerário de Jean de Mandeville

A obra *Viagens de Jean de Mandeville* apresenta uma estrutura distinta de outros livros de viagens redigidos ao longo dos séculos XIII, XIV e XV, haja vista que possibilita a separação em duas partes¹¹¹. Malcolm Letts, expõe uma síntese de ambas ao colocar que:

A parte 1 pretende ser um guia da Terra santa, que todos os homens devem amar e exaltar, e que todos têm como dever reconquistar. Todas as rotas possíveis são descritas, incluindo uma que passa pelo Turquistão. As menções de santos e relíquias servem para introduzir um número de histórias bíblicas e não-bíblicas, e após a descrição do monte Sinai e do Egito, a segunda parte do livro leva o leitor ao

¹⁰⁸ As dificuldades na tradução, de acordo com C. W. R. D. Moseley, não apenas aparecem exclusivamente na versão Cotton, mas também em outros manuscritos (MOSELEY, 1986, p. 36).

¹⁰⁹ BENNET. Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953, p. 288.

¹¹⁰ Como coloca Malcolm Letts, a “Egerton é a única versão inglesa completa, porque na Cotton faltam três folhas. De igual modo, talvez, ela tenha um estilo mais original do que a versão Cotton. Portanto, dá a impressão, por vezes, de ser uma paráfrase e não uma tradução. O ‘eu’ mais enfático aparece aqui e ali, e as comparações são normalmente bem vividas” (LETTS, 2016, p. lxii. Tradução nossa). [No original: “Egerton is the only complete English version, for Cotton lacks three leaves. It is perhaps more original in style than the Cotton version. In fact, it gives the impression at times of being a paraphrase rather than a translation. The more emphatic ‘I’ is apparent here and there, and the comparisons are often very vivid” (LETTS, 2016, p. lXII)].

¹¹¹ Conforme coloca Vladmir Acosta, “o livro de Mandeville pode ser dividido em duas grandes partes, ainda que algumas edições o dividam em cinco, e que alguns manuscritos no geral não realizem nenhuma divisão” (ACOSTA, 1992, p. 220. Tradução nossa). [No original: “El libro de Mandeville puede dividirse claramente en dos grandes partes, aunque algunas ediciones lo dividen en cinco y pese a que los manuscritos por lo general no hacen ninguna división” (ACOSTA, 1992, p. 220)].

Extremo Oriente, em que a imaginação do autor assume o protagonismo total (LETTS, 1949, p. 41)¹¹².

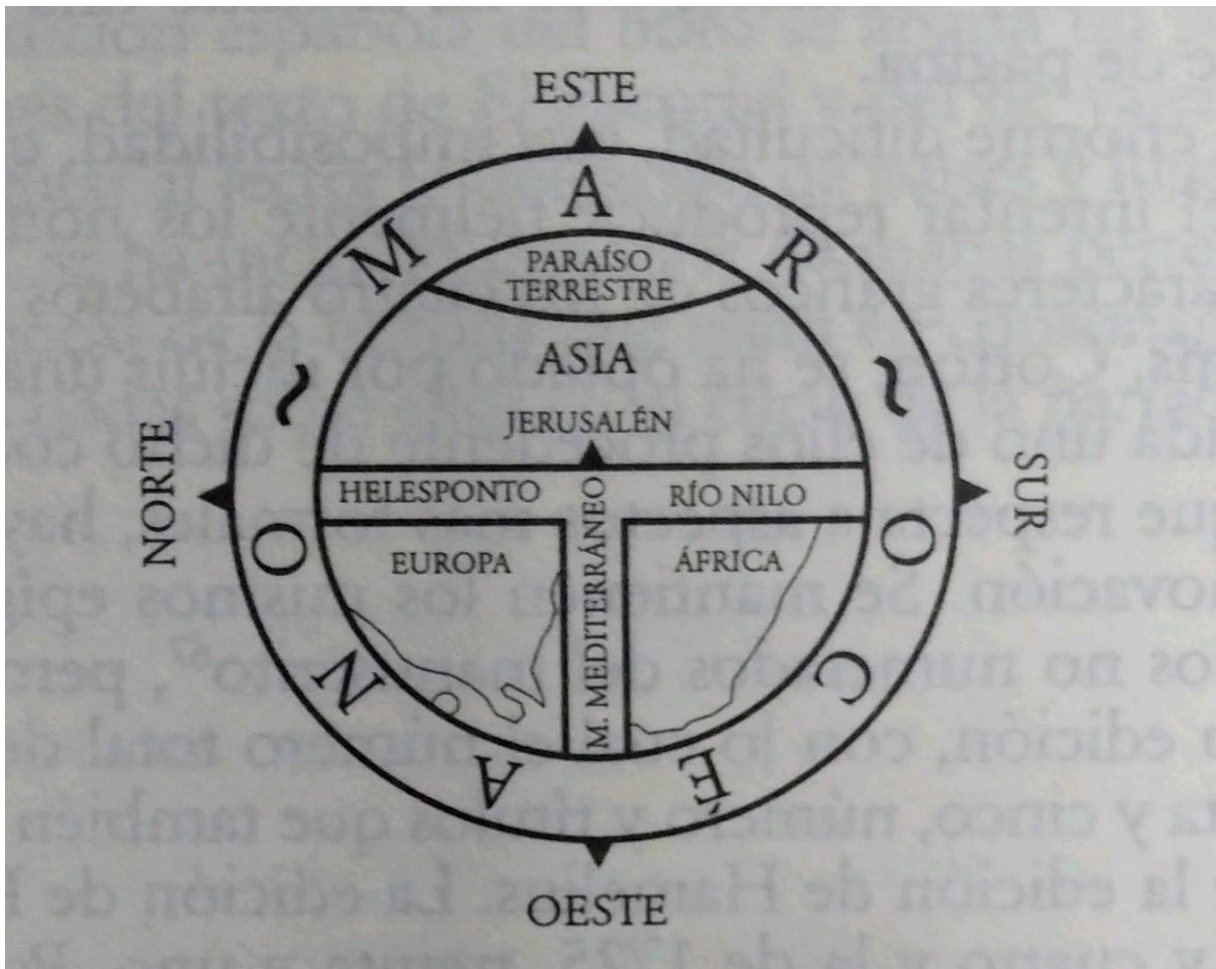
Ao longo dos dois momentos, o viajante carrega a imagem de mundo tal qual representada nos mapas denominados “T-O”, ilustrado na Imagem 1. Assim, o uso de pronomes demonstrativos, como “aqui”, “nosso”, “ali”, “acima”, “abaixo”, entre outros, conforme demonstra Ana Pinto, concordam com o entendimento do Oceano rodeando a terra:

A terra está representada em forma de disco, dividido por dois eixos em forma de T: o vertical representando o Mar Mediterrâneo; o horizontal, o Helesponto e o rio Nilo; os três espaços diferenciados pelos eixos do T representam os três continentes conhecidos até o momento: Ásia, Europa e África. Assim, ao estar dito discário: ‘orientados’, Ásia aparece situada na metade superior, em cima do traço horizontal, i.e. ‘acima’, enquanto que Europa e África aparecem na metade inferior, a primeira na esquerda do traço vertical e a segunda à direita, i.e., ‘abaixo’. Além do mais, em todos esses discários medievais, Jerusalém, figura no centro do globo (PINTO, 2001, p. 40-41)¹¹³.

¹¹² No Original: “Part I purports to be a guide of the Holy Land, which all men ought to love and cherish, and which they were in duty bound to reconquer. All possible routes are described, including one via Turkestan. The mentions of saints and relics serves to introduce a number of Biblical and some most un-Biblical stories, and after a description of Mount Sinai and Egypt, the second part on of the book transports the reader to the Far East, where the author’s imagination has full scope” (LETTS, 1949, p. 41).

¹¹³ No Original: El orbe está representado en forma de disco dividido por dos ejes en forma de T: el vertical representado el mar Mediterráneo; el horizontal, el Helesponto y el río Nilo; los tres espacios diferenciados por los ejes de la T representan los tres continentes conocidos hasta ese momento: Asia, Europa y África. Pero, al estar dichos discarios: “orientados”, Asia aparece situada en la mitad superior, en cima del trazo horizontal, i. e., “arriba, mientras que Europa y África aparecen en la mitad inferior, la primera a la izquierda del trazo vertical y la segunda a la derecha, i. e., “abajo”. Además, en todos estos discarios medievales, Jerusalén, figura en el centro del orbe (PINTO, 2001, p. 40-41).

Imagem 1 - Mapa T-O

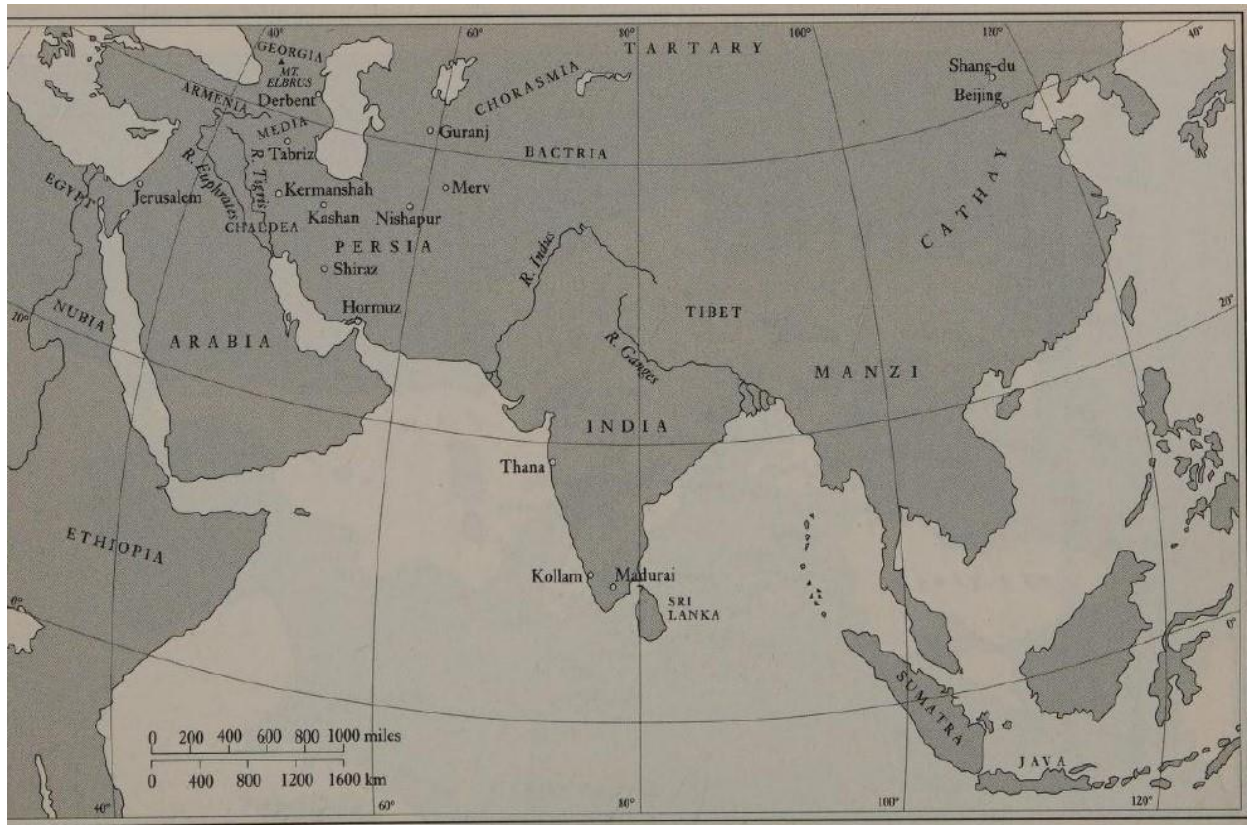


Fonte: PINTO, Ana. Introducción. In: **Los viajes de Sir John de Mandeville**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001, p. 41.

Em relação às regiões passadas, Anthony Bale¹¹⁴ apresenta um mapa contemporâneo, ilustrado na Imagem 2, em que destaca o nome das principais regiões descritas por Jean de Mandeville das quais podemos destacar, por exemplo, a Turquia, Armênia, Pérsia, Arábia, Egito, Tartária, Líbia. Nos dois Próximos Tópicos, apresentaremos as distintas regiões relatadas. Recuando diante da possibilidade de analisarmos página por página ou especificamente as várias rotas, centramos no esboço das localizações geográficas e de certas coisas maravilhosas descritas.

¹¹⁴ BALE, Anthony. Introduction. In: **The book of marvels and travels**. Anthony Bale translation. Oxford: Oxford University Press, 2012, pp. IX-XXIX.

Imagem 2 - Nome das regiões percorridas por Jean de Mandeville



BALE, Anthony. Introduction. In: **Sir John Mandeville: The book of Marvels and Travels.** Anthony Bale Translation. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. XL.

1.4.1 O deslocamento pelo Oriente Próximo

Centro da terra, Jerusalém constitui a primeira localidade a qual se destina Jean de Mandeville. Para tanto, começa apresentando lugares conhecidos à Cristandade, como Inglaterra, Irlanda, Gales, Alemanha e Hungria, em seguida, saindo da Europa pelo Mar Mediterrâneo, entra no domínio dos Gregos Ortodoxos¹¹⁵. Constantinopla, maravilhosa na essência, é a primeira cidade retratada com preocupação, não carregando apenas bonitas igrejas, tal qual a de Santa Sofia, mas também algumas relíquias, dentre as quais, destacam-se, por exemplo, a cruz de Jesus Cristo, sua túnica, e o corpo de Santa Ana. As características geográficas igualmente são evidenciadas, antecedendo o momento da descrição da fé dos gregos, os quais,

¹¹⁵ FLECK, Andrew. Here, there, and in between: representing difference in the 'travels' of Sir John Mandeville. *Studies in Philology*, vol. 97, n.4, 2000, p. 383.

cristãos, diferem em fé “(...) pois dizem que o Espírito Santo não procede do Filho, mas apenas de Deus Pai” (MANDEVILLE, 2007, p. 48).

Há outras diferenças narradas entre a fé dos gregos e dos europeus, expostas, “(...) pois muitos homens se deleitam e sentem prazer em ouvir falar sobre coisas estranhas” (MANDEVILLE, 2007, p. 51). Desse modo, saindo do familiar em direção ao exótico e desconhecido¹¹⁶, Jean de Mandeville descreve distintas rotas de Constantinopla a Jerusalém, procurando trazer ao relato sobretudo os aspectos maravilhosos das regiões¹¹⁷, sem nunca perder de vista os parâmetros culturais que o ligam aos leitores¹¹⁸. Os sete capítulos que constituem esse primeiro momento, estão ilustrado no Quadro 1.

Quadro 1 - Capítulos 1 ao 7

CAPÍTULOS	TÍTULOS
Capítulo 1	Do caminho da Inglaterra a Constantinopla.
Capítulo 2	Da cruz e da coroa de Nosso Senhor Jesus Cristo.
Capítulo 3	Da cidade de Constantinopla e da fé dos gregos.
Capítulo 4	De São João Evangelista e da filha de Hipócrates convertida em dragão.
Capítulo 5	Das peculiaridades de Chipre, do caminho de Chipre a Jerusalém, e da maravilha de um fosso pleno de areia
Capítulo 6	Dos muitos nomes dos sultões e da terra da Babilônia
Capítulo 7	Da terra do Egito, da fênix da Arábia, da cidade do Cairo, da natureza do bálsamo e

¹¹⁶ HOWARD, Donald R. The world of Mandeville's travels. **The yearbook of English studies**, n.1, 1971, p. 6.

¹¹⁷ NASCIMENTO, Renata Cristina de Souza. Narrativas e Literatura de Viagens na Idade Média. **Revista História Helikon**, Curitiba, v.2, n.2, 2014, p.8.

¹¹⁸ ESPADA, Antonio García. **Marco Polo y las Cruzadas**. Historia de la Literatura de viajes a las Indias en el siglo XIV. Madrid: Marcial Pons História, 2009, p. 245.

	de como reconhecê-lo e dos celeiros de José.
--	--

Ao longo dos sete capítulos, Mandeville descreve distintas localidades onde se encontram maravilhas, como a ilha de Cos e Lango, na qual habitava a filha de Hipócrates transformada em dragão, as cidades de Jaffa, Babilônia e o território do Cairo, no Egito. Por vezes, os acontecimentos maravilhosos dessas regiões modificavam a jornada, tornando-a mais turbulenta, por exemplo, na cidade de Satália o cavaleiro relata passagens perigosas e sem fundo, resultado da ruína do local em razão das loucuras amorosas de um jovem¹¹⁹. Em outros momentos, apenas os resquícios do prodígio são descritos, tal qual a cabeça conservada em Alexandria de um monstro possuidor de dois cornos. Contudo, nos territórios abundam sobretudo as referências às *mirabilia* bíblica, como os celeiros de José, “(...) em direção ao deserto que se encontra entre a África e o Egito” (MANDEVILLE, 2007, p. 74). Algo semelhante ocorre nos dois capítulos seguintes, delineados no Quadro 2:

Quadro 2 - Capítulos 8 e 9

CAPÍTULOS	TÍTULOS
Capítulo 8	Da ilha da Sicília, do caminho que vai da Babilônia até o Monte Sinai, da Igreja de Santa Catarina e todas as maravilhas que aí há.
Capítulo 9	Do deserto entre a igreja de Santa Catarina e Jerusalém, da árvore seca, e de como surgiram as rosas pela primeira vez no mundo.

¹¹⁹ “Existia lá uma bela e bem feita dama que morreu de repente e foi enterrada em uma tumba de mármore. Por causa do grande amor que tinha por ela, o jovem foi à noite à sua tumba, abriu-a, entrou, deitou-se com a moça e, depois, partiu. Ao fim de nove meses, uma voz apareceu e lhe disse: ‘vai à tumba daquela mulher, abre-a e vê o que engendraste nela, e cuida para que não saia, caso contrário, sofrerás grande dano’. Ele obedeceu, mas, ao abrir a tumba, deixou sair uma serpente de aspecto horripilante, a qual fluiu sobre a cidade e o país, e a cidade logo afundou num abismo” (MANDEVILLE, 2007, p. 55).

Nesses capítulos, Jean de Mandeville volta à Europa para descrever outras rotas a Jerusalém. Novamente, países do Ocidente, conhecidos dos leitores, são o ponto de partida. Os portos de Gênova e de Veneza, levam a ilhas como a de Sicília, lembrada desde Plínio pela maravilha do costume de utilizar cobras destinadas a identificar os filhos ilegítimos¹²⁰. Ao sair do Mar Mediterrâneo, e já em terra, o autor guia os leitores no trajeto entre a Babilônia e o Monte Sinai, local onde há a igreja de Santa Catarina, com abundância de azeite e ausência de insetos devido a um milagre. Os monges desse convento também são importantes, pois oferecem suplementos aos peregrinos, possibilitando a travessia do deserto até a cidade de Bersabé, em seguida Hébron, ao monte de Mambré, Belém, e “de Belém a Jerusalém, não há mais que duas milhas, e a meia milha de Belém, há uma igreja onde o anjo anunciou aos pastores o nascimento de Nosso Senhor” (MANDEVILLE, 2007, p. 88).

Nos dois grupos de capítulos anteriores, bem como nos seis seguintes capítulos, os quais formam a primeira parte da obra, o relato se aproxima dos Guias de Peregrinação. Carregando a imagem de um Oriente cheio de referências maravilhosas bíblicas e milagres, o cavaleiro altera as informações dos costumes e dos lugares, com as descrições dos ritos sagrados em cada etapa do itinerário, mas, diferente de outros escritos produzidos com as mesmas pretensões, isso é, guiar até Jerusalém, não apresenta dados práticos à viagem, tal qual a segurança dos rios e a distância das hospedarias¹²¹. Assim, o que observamos, sobretudo, é um roteiro com várias possibilidades¹²²:

Mas o que quer ir à Babilônia por outra rota mais próxima dos países do Ocidente, anteriormente referidos, ou dos países próximos a esses, deverá ir pela França, pela Borgonha e pela Lombardia. Não é necessário que eu mencione os nomes das cidades, nem das vilas que estão nessa rota, pois é a rota comum e a conhecida por muitas nações. Existem muitos portos de onde se pode tomar o mar. Alguns ganham o mar em Gênova, outros em Veneza, e atravessam o Mar Adriático, chamado Golfo de Veneza, que se divide Itália e Grécia deste lado. Alguns vão a Nápoles, outros a Roma a Brindisi, e aí tomam o mar, ou em outros muitos lugares onde há portos. Outros vão

¹²⁰ ACOSTA, Vladimir. Viajeros y maravillas. Tomo III. Caracas, Venezuela: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 1992, p. 225.

¹²¹ CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. De la peregrinación Medieval a viaje imaginario: la evolución literaria y estética de un género como prefiguración del hecho turístico. Cuadernos de Turismo, n. 27, Murcia. España, Universidad de Murcia, 2011, p.237.

¹²² NASCIMENTO, Renata Cristina de Souza. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos- Relatos de viagens e peregrinações. In: FRANÇA, Susani Silveira Lemos (et. al.). Peregrinos e peregrinações na Idade Média. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 113.

pela Toscana, pela Campânia, por Apúlia e pelas ilhas da Itália, pela Córsega, Sardenha e Sicília, que é uma ilha grande e formosa (MANDEVILLE, 2007, p. 75-76).

Ao longo do livro há outros trechos semelhantes ao exposto anteriormente, em que o viajante apresenta distintas rotas, todas partindo da Cristandade com destino final a Jerusalém. Aspectos mundanos, sem dúvida, aparecem relacionados, por exemplo, à curiosidade e ao desejo de conhecer o mundo¹²³, contudo a religiosidade marca o eixo central dos relatos. Os milagres, as referências bíblicas e as relíquias carregam na obra grande número de páginas, sendo a Terra Santa a mais prolongada. Seis capítulos são dedicados a tal empreitada, como se percebe no Quadro 3;

Quadro 3 - Capítulos 10 ao 15

CAPÍTULOS	TÍTULOS
Capítulo 10	Das peregrinações que levam a Jerusalém e dos santos lugares ao redor.
Capítulo 11	Do templo de Nosso Senhor, da crueldade de Herodes, do Monte Sião, da Probatica Piscina, e da Natatória Siloé.
Capítulo 12	Do Mar Morto, do Rio Jordão, da cabeça de São João Batista, e dos costumes dos samaritanos.
Capítulo 13	Da província da Galileia e de onde nascerá o Anticristo, de Nazaré, da idade de Nossa Senhora, do Dia do Juízo Final e dos costumes dos jacobitas, sírios e georgianos.

¹²³ ZACHER, Christian K. **Curiosity and pilgrimage: the Literature of discovery in fourteenth-century England**. Baltimore: John Hopkins Univer. Press, 1976, p. 132.

Capítulo 14	Da cidade de Damasco, de três caminhos a Jerusalém: um por terra e por mar, o outro mais por terra que por mar e o terceiro, todo por terra
Capítulo 15	Dos costumes dos sarracenos e de sua religião, de como o sultão conversou com o autor desse livro, e dos primeiros tempos de Maomé.

Nesses seis capítulos são descritos de maneira desestruturada os santuários e lugares próximos à Palestina, tornando a Terra Santa por si só uma espécie de relíquia (HOWARD, 1971, p. 7). Em razão de ser a localidade escolhida e de ter por anos a presença de Jesus naquela região, Jean de Mandeville observa materializações das histórias sagradas, tal qual o leite derramado de Maria, recebendo grande importância, em especial, as rochas, pois estão estritamente relacionadas às relíquias (GREENBLATT, 1996, p. 60-63). Dessa maneira, procurando localizar os traços do salvador que escolheu Jerusalém, o cavaleiro relata acontecimentos e personagens bíblicos mesclando a descrição de aspectos geográficos e deixando transparecer a religiosidade dos peregrinos, certamente ávidos por deslumbrar e tocar, por exemplo, o Santo Sepulcro, o Monte Calvário, o Monte Sião, Mar Morto, Rio Jordão, e assim por diante. No que se refere às maravilhas, como chama a atenção Vladimir Acosta, poucas coisas podem ser ressaltadas além dos costumes, ritos e religiões dos outros povos, e também algumas curiosidades, tais quais a fonte com origem no Paraíso Terrestre e a que muda de cor (ACOSTA, 1992, p. 227).

Finalizada a narração da Terra Santa, ocorre certa tensão narrativa (GREENBLATT, 1996, p. 63). Marcada por um anticlímax e por uma reviravolta, ao invés de concluir a Primeira Parte do livro mediante as familiares fórmulas devocionais, sucede narrações favoráveis aos sarracenos e a advertência aos cristãos para olharem para si mesmo¹²⁴. Da mesma forma, acontece a passagem do itinerante peregrino para o curioso, qualidade essencial da segunda parte da obra, sobre a qual nos debruçaremos no próximo tópico.

¹²⁴ HOWARD, Donald R. The world of Mandeville's travels. **The yearbook of English studies**, n. 1, 1971, pp. 1-17.

1.4.2 O deslocamento pelo Extremo Oriente

A Primeira Parte do livro *Viagens de Jean de Mandeville* se assemelha, mas também possui diferenças em relação aos escritos de outros peregrinos. A questão religiosa e a imagem do mundo estritamente associada aos acontecimentos bíblicos, por exemplo, irrompe tanto no cavaleiro, quanto naqueles viajantes destinados à Terra Santa por objetivos espirituais. Em contrapartida, certa curiosidade e o relacionamento com as maravilhas, singularizam Jean de Mandeville. Já no que concerne à Segunda Parte da obra, as qualidades peregrinarias pouco surgem.

Descrevendo as terras além de Jerusalém, como observa Christian K. Zacher, Jean de Mandeville de um peregrino devoto se transforma em um itinerante curioso. De fato, na Primeira Parte igualmente irrompe certas *curiositas*, as quais levam, por exemplo, o viajante a observar outras religiões e até a escrever, o impelindo a ter a peregrinação como forma de conhecer o mundo. Porém, é na Segunda Parte que a curiosidade se evidencia à maneira do explorado, testando a esfericidade do globo, observando os fenômenos da natureza, analisando as coisas em primeira mão, e assim por diante (ZACHER, 1976).

Não mais possuindo uma direção determinada, Jean de Mandeville se aventura agora por regiões pouco conhecidas. Referências bíblicas não são ausentes, mas o interesse passa então ao mundano, refletindo mais a imagem do mundo associada à Antiguidade. Deixando Jerusalém para trás, a diversidade e a imensidão do firmamento pululam:

Como já falei da Terra Santa, das terras circundantes e dos muitos caminhos que há para se chegar até lá, ao Monte Sinai e à Babilônia, à Maior e à Menor, e a outros muitos lugares, quero avançar mais e falar de lugares, ilhas, animais e povos que estão mais além da Terra Santa, pois, nas partes de lá, há uma grande diversidade de países e ilhas que estão divididos por quatro rios que têm seu berço no Paraíso Terrestre (MANDEVILLE, 2007, p. 145).

Separando as terras longínquas em quatro rios, Jean de Mandeville descreve as terras mais próximas a Jerusalém nos dois primeiros capítulos da Segunda Parte, esboçados no Quadro 4. Dessa maneira, após apresentar os aspectos gerais

geográficos do Oriente Longínquo e colocar algumas possíveis rotas, o cavaleiro descreve Trebisonda, lugar onde está enterrado Santo Atanásio. Na continuação do itinerário, o viajante entra na Armênia Menor, e em outras localidades, descrevendo, por exemplo, o Castelo do Gavião, o Monte Arat, local em que está a Arca de Noé, a terra de Jó, as amazonas, Etiopía, até chegar na Índia.

Quadro 4 - Capítulos 16 e 17

CAPÍTULOS	TÍTULOS
Capítulo 16	Das terras da Albânia e da Líbia, dos desejos para velar um gavião, e da arca de Noé.
Capítulo 17	Da terra de Jó e do seu tempo, do apresto das gentes da Caldéia, da terra onde vivem mulheres sem a companhia de homens, da natureza e das virtudes do verdadeiro diamante.

Apresentando enorme riqueza de detalhes, os cinco capítulos destinados à descrição da Índia, ilustrado no Quadro 5, se centra sobretudo nas descrições das ilhas. Não nos prendendo às minúcias, observamos Jean de Mandeville dividindo as mais de cinco mil ilhotas em três partes: [...] Índia Maior, um país anfitrião, Índia Menor, um país moderado, e uma terceira parte ao norte, que era fria e congelante (LETTS, 1949, p.56)¹²⁵. O fim do mundo índio, conforme coloca Vladimir Acosta, ocorre após a descrição de Dondin e as diversas ilhas, repletas de seres exóticos, dependentes do rei desse país (ACOSTA, 1992, p. 234-235).

Quadro 5 - Capítulos 18 ao 22

CAPÍTULO	TÍTULO
Capítulo 18	Dos costumes das ilhas ao redor da Índia, da diferença entre ídolos e simulacros, das três espécies de pimenta as quais dão

¹²⁵ No original: "(...) Ind the More, a full host country, Ind the Less, a temperate country, and a third part towards the north, which was cold and frosty" (LETTS, 1949, p.56).

	numa mesma árvore, e da fonte que muda de cor a cada hora do dia.
Capítulo 19	Dos julgamentos feitos pela mão de São Tomé, o apóstolo, na cidade de Calamyé, da devoção e dos sacrifícios feitos aos ídolos, e da procissão ao redor da dita cidade.
Capítulo 20	Dos vis costumes que imperam na Ilha de Lamary, e de como a terra e o mar são de forma redonda, como prova a estrela chamada Antártica.
Capítulo 21	Do palácio do rei da Ilha de Java, das árvores que dão farinha, mel, vinho e veneno, e de outras maravilhas e costumes das ilhas dos arredores.
Capítulo 22	De como se sabe pelo ídolo se os doentes vão morrer ou não, de pessoas de formas diferentes e muito desfiguradas, e dos monges que dão esmola aos babuínos, símios, macacos e outros animais.

Dentro desse espaço geográfico, o qual se inicia no capítulo 19 e termina em meados do 23, momento em que começa a narrativa sobre as terras do Grande Cã, há descrições das mais variadas, referentes, por exemplo, às plantas, aos animais e às pessoas de diferentes culturas, religiões e formas. Maravilhosas na essência, esses relatos perpassam sobretudo a tradição antiga, referente aos monstros e aos animais prodigiosos, levando Jean de Mandeville a ser tido como verdade não somente devido à narração de experiências pessoais, ou questões literárias, mas, também, como esclarece Mary B. Campbell, “por causa que isso soa como verdade” (CAMPBELL 1991, p.126-127)¹²⁶.

¹²⁶ No original: “(...) because he sounds like truth” (CAMPBELL 1991, p.126-127).

Certamente, organizar a narrativa em primeira pessoa, redigir em um período histórico de diminuição das notícias do Extremo Oriente¹²⁷ e começar o livro apresentando uma peregrinação¹²⁸ colaboraram com a veracidade da obra, contudo, quando concorda com as sensibilidades de sua época¹²⁹, apresentando o quase-científico e o quase-imaginativo característico de seu gênero, é sobretudo nesse momento que Jean de Mandeville soará como verdade¹³⁰. Observamos de maneira sucinta tal característica no momento em que o autor escreve a respeito da esfericidade da terra, para provar seus argumentos mescla o “Eu vi”, o “Eu ouvi” e o “Eu comprovei” com a narrativa de uma história, ouvida quando jovem, de um homem “valente” que, deixando sua terra em direção à Índia, viajou tão longe a ponto de escutar pessoas falarem seu idioma. Assim,

(...) estou certo de que ao fazer tão grande percurso por terra e por mar, contornou toda a terra e, ao rodeá-la, voltou ao seu país. Se tivesse ido um pouco mais longe, teria descoberto seu país e o que conhecia. Mas deu a volta dali e, dessa forma, perdeu grande parte de seu trabalhoso percurso, como o mesmo contou muito tempo depois do seu regresso. Sucedeu depois, quando se dirigia à Noruega, que sobreveio uma tempestade no mar que o obrigou a arribar em uma ilha. Uma vez ali, deu-se conta de que era a mesma ilha na qual ouvira alguém falar sua própria língua quando conduzia os bois no arado (MANDEVILLE, 2007, p. 172).

Sem dúvida, referida história não é verdade, imaginária se mescla não somente a noção comum da esfericidade da terra¹³¹, mas a dados que comprovam tal ponto. A

¹²⁷ CAMPBELL, 1991, p. 124-125.

¹²⁸ ZACHER, Christian K. **Curiosity and pilgrimage: the Literature of discovery in fourteenth-century England**. Baltimore: Johns Hopkins Univer. Press, 1976, pp. 130-157.

¹²⁹ HOWARD, Donald R. The world of Mandeville's travels. **The yearbook of English studies**, n. 1, 1971, p. 17.

¹³⁰ Conforme coloca CAMPBELL, “O artista Mandeville era de fato ‘à frente de seu tempo’, a frente como todos os bons artistas são. O clima e as condições daquele período permitiram sua emocional e intelectual lucidez: o quase-científico, quase-imaginário status de seu gênero permite-lhe apresentar duas formas de verdade. Mas os historiadores posteriores de seu livro revelaram, ele estava perto de romantizar e literatizar, como um intelectual fundição no começo do livro” (CAMPBELL, 1991, p. 161). [No original: “Mandeville, the artist was indeed ‘ahead of his time’, ahead, as good artists are, of any time. The climate and conditions of his moment permitted him his emotional and intellectual lucidity; the quasi-scientific, quasi-imaginative status of his genre permitted his balancing act with two kinds of truth. But as the later history of his book reveals, he was soon to be romanticized and literalized, as the intellectual realm coalesced in the *Travels* began to draw apart” (CAMPBELL, 1991, p.161)].

¹³¹ Conforme coloca Miguél Ángel Ladero Quesada, *Viagens de Jean de Mandeville* “(...) contribuiu para popularizar a noção de esfericidade da Terra, que já era ideia corrente nos meios universitários desde que, em 1220, o inglês John Holywood, ou Sacrobosco, compôs seu tratado *De Shaera Mundi* inspirando-se indiretamente em Fatósenes através dos comentários do geógrafo mulçumano al-Faroghani (século IX) (LADERO QUESADA, 2007, p. 72. Tradução nossa) [No original: “(...) contribuyó a popularizar la noción de la esfericidad de la Tierra, que ya era corriente en los medios universitarios

combinação do quase-científico e do quase-imaginário ocorre ao longo de toda a obra, ou seja, também na narração sobre as Terras do Grande Cã, presente nos capítulos expostos na Quadro 6.

Quadro 6 - Capítulos 23 ao 26

CAPÍTULO	TÍTULO
Capítulo 23	Do Grande Cã de Catai, da majestade de seu palácio, de como se senta para comer e do grande número de servidores que o servem.
Capítulo 24	Por que o Grande Cã é assim chamado, do estilo de suas cartas e da inscrição que há ao redor de seus selos, o grande e o pequeno.
Capítulo 25	Do ornamento da corte do grande Cã quando são celebradas festas solenes, de seus sábios, e de como é recebido quando viaja pelo país.
Capítulo 26	Da região e dos costumes dos tártaros que vivem em catai, e de como se faz quando morre o imperador e de como é eleito.

A descrição da China por Jean de Mandeville foi analisada detalhadamente por diversos autores, incluindo Malcolm Letts¹³². Assim, resta-nos escrever a respeito da sensibilidade transmitida pelo viajante quando na corte do Grande Cã, as quais estão associadas ao sentimento de maravilhamento, observadas, por exemplo, na seguinte passagem:

Esse palácio, onde está a sede, é grandioso e maravilhoso. No seu salão, há 24 colunas de fino ouro e todas as paredes do interior são cobertas de couro vermelho de uns animais chamados de panteras,

desde que, hacia 1220, el inglés John Holywood o Sacrobosco, compusiera su tratado *De Sphaera Mundi* inspirándose indirectamente en Eratósenes a través de los comentarios del geógrafo musulmán al-Farghani (siglo IX) "(LADERO QUESADA, 2007, p.72)].

¹³² LETTS, Malcolm. Sir John de Mandeville. The Man and his book. London: The Batchworth Press, 1949, p. 64-75.

que são muito bonitos e de bom odor. De modo que, em razão do bom odor dessas peles, nenhum mal odor entra no palácio. Elas são vermelhas como sangue e brilham tão intensamente ao sol que só com dificuldade podem ser observadas. Muitas pessoas adoram estes animais quando se deparam com eles, em razão de seus poderes e do bom odor que exalam. Estimam essas peles tanto ou mais que se fossem de ouro (MANDEVILLE, 2007, p. 192).

Ao longo da narrativa de toda a obra de Jean de Mandeville sucede momentos como o colocado acima, cujo relato não perpassa somente o visto ou ouvido, mas também o cheirado, o tocado e o experimentado. O sentimento de admiração, dessa forma, não recebe um relato fora dos sentidos, sendo muitas vezes descrito de maneira distinta de outros viajantes. Os dois capítulos seguintes, ilustrados no Quadro 7, demonstram de forma evidente a extrapolação de *Viagens de Jean de Mandeville* de sua principal fonte, ou seja, o escrito de Odorico de Pordenone.

Quadro 7 - Capítulos 27 e 28

CAPÍTULO	TÍTULO
Capítulo 27	Do reino de Tharse e das terras e reinos das partes setentrionais, no regresso da terra de Catai.
Capítulo 28	Do império da Pérsia, da terra tenebrosa e de outros reinos que pertencem ao grande Cã de Catai, e de outras terras dele até o Mar da Grécia.

Conforme coloca Vladimir Acosta, ambos os capítulos apresentam conteúdo relacionados às terras vizinhas e até dependentes dos mongóis, uma vez que o centro da narração são as estepes asiáticas desde Khorasan ao Mar Cáspio, até a Armênia e a Geórgia. Poucas maravilhas carregam essas localidades, das quais destacam-se, por exemplo, a terra dos cumanos, repleta de moscas, e o reino de Abcásia, lembrado devido à impenetrável névoa que o circunda, impossibilitando o reconhecimento de seus habitantes. A principal característica, portanto, dos dois capítulos está no distanciamento do livro de Odorico de Pordenone, na maior aproximação de Haytun e também na João Pian del Carpini (ACOSTA, 1992, p. 235-236).

Em seguida, terminado a descrição dos países que estão à oeste do reino do Catai, Jean de Mandeville inicia o relato “(...) de alguns países e ilhas que estão mais além dos países dos quais tratei” (MANDEVILLE, 2007, p. 225). Os capítulos estão ilustrados no Quadro 8.

Quadro 8 - Capítulos 29 ao 34

CAPÍTULOS	TÍTULOS
Capítulo 29	Dos países e ilhas que estão mais além de Catai e das diversas frutas dali, e dos 22 reis encerrados entre montanhas.
Capítulo 30	Do estado real do Preste João, de um rico homem que construiu um maravilhoso castelo e o chamou Paraíso, e da sua astúcia.
Capítulo 31	Da cabeça do demônio no Vale Perigoso, e dos costumes das gentes de diferentes ilhas dos arredores.
Capítulo 32	Da bondade das gentes da Ilha de Bragman, do rei Alexandre, e do porquê do nome preste João.
Capítulo 33	Das montanhas de ouro guardadas por formigas, e dos quatro rios que nascem no Paraíso Terrestre.
Capítulo 34	Dos costumes dos reis e outros habitantes das ilhas contíguas à terra do Preste João, e da honra que o filho presta a seu pai.

Nestes últimos seis capítulos, Jean de Mandeville narra as localidades além do Império do Grande Cã. Na fronteira do mundo conhecido, o autor escuta, cheira, vê e experiencia as maravilhas de distintas maneiras, como podemos observar nos dois relatos seguintes.

O primeiro diz respeito a um homem rico chamado Gatholonades que vivia na ilha de Milstorak, em um castelo sobre uma montanha. Dentro das muralhas havia o

jardim mais bonito que o homem podia deslumbrar, repleto de árvores de todas as frutas possíveis; plantas medicinais aromáticas; as mais belas flores do mundo; fontes preciosas, algumas bordadas de jaspe e cristal, da qual manava leite, vinho e mel; salões e câmeras pintadas de azul e ouro; aves e animais de todas as espécies, vivos ou movidos por mecanismos, os quais cantavam deliciosamente. Para além da existência dessas maravilhas naturais que podiam ser ouvidas, comidas, tocadas e vistas no período anterior da estadia de Jean de Mandeville naquela região, a admiração era causada também pelas mais lindas donzelas e jovens menores de quinze anos, vestidos elegantemente com roupas de ouro, que cantavam lindamente, parecendo anjos (MANDEVILLE, 2007, 233-234).

Ao lado da ilha de Milstorak há uma localidade, experienciada pessoalmente por Jean de Mandeville, cujo nome para alguns era Vale Encantado, para outros Vale do Demônio e para outros Vale Perigoso. Dali se ouvem ensurdecidores estrondos de tormentas, grandes murmúrios e ruídos, parecidos com sons de tambores, bombos e trovões. Repleto de mortos corpos humanos, igualmente abarrotado de demônios e de ouro para atrair a cobiça das pessoas.

No centro desse vale, sob uma rocha, há uma cabeça com cara de demônio, terrificante e horrível à vista, só podendo ser vista até os ombros. Contudo, não houve ninguém no mundo que fosse tão corajoso, cristão ou não, que ao olhá-la não tivesse pavor e a impressão de que ia morrer, de tão horrenda a cabeça. Olha de forma tão cortante as pessoas, com uns olhos tão móbeis e faiscantes, que mudam constantemente de forma e expressão ao ponto de ninguém se atrever a aproximar-se dela. Irradia fogo e fumaça, e tanta pestilência que dificilmente alguém poderia resistir (MANDEVILLE, 2007, p. 235).

Ambos os relatos, narrados sequencialmente no livro causam admiração no viajante, sendo a primeira ouvida de outras pessoas, enquanto a segunda, vivenciada. Essa diferença, entretanto, não impede os sentimentos e sentidos de emergirem nos dois casos. Algo semelhante ocorre ao longo de toda a obra e também nos escritos de outros viajantes.

CAPÍTULO II. JEAN DE MANDEVILLE NO CONTEXTO DOS VIAJANTES AO ORIENTE DOS SÉCULOS XIII E XIV

Curioso, Jean de Mandeville se une aos missionários e comerciantes no que se refere à narração de um itinerário ao Oriente. Entretanto, enquanto aqueles narram de acordo com as lembranças e experiências pessoais, este direciona o olhar e os sentidos a lugares estratégicos, demonstrando interesse pela geografia dos espaços “visitados”. Ao criar experiências fictícias, porém, o cavaleiro não pretende apenas entreter os leitores, como faria um romancista, ele apresenta fatos verídicos, nos quais as emoções poderiam ser sentidas.

No presente capítulo, a discussão centraliza-se no personagem Jean de Mandeville. Ao longo da narrativa, procuramos entender a realidade desse viajante, identificando as experiências transmitidas aos leitores. Analisaremos também, a perspectiva de Oriente existente no período de escrita da obra, fato relevante devido à associação com as riquezas e com coisas exóticas, as maravilhas.

2.1 O viajante Jean de Mandeville

Com a intensificação do contato entre a Cristandade e o Extremo Oriente, há um crescente interesse por parte do público leitor em conhecer as terras distantes. Contudo, o período posterior a meados do século XIV foi marcado pelas dificuldades nas realizações de itinerários nas terras asiáticas¹³³, sendo esse momento propício para o surgimento de obras baseadas em viagens imaginárias¹³⁴. Citemos como exemplo o *Livro do conhecimento de todos os reinos*, que não apenas retrata o

¹³³ Entre as razões das dificuldades, Mary B. Campbell destaca, por exemplo, “logo após a queda de Acre em 1291, o Khan Persa Oljaitu se converter ao Islam. De igual modo, os mongóis na Pérsia, na Rússia e no Turquistão foram rapidamente absorvidos pelas culturas muçumanas que os cercavam, e suas relações com o Ocidente pioraram. Uma missão cristã permaneceu na China, mas caiu juntamente com os mongóis na região: o último missionário ocidental, John de Marignolli, deixou a China em 1347 e os cristãos foram expulsos em 1369 por nacionalistas chineses” (CAMPBELL, 1991, p. 126. Tradução nossa). [No original: “shortly after the fall of Acre in 1291, the Persian Khan Oljaitu converted to Islam. The Mongols in Persia, Russia, and Turkestan were quickly absorbed into the Moslem cultures around then, and relations with the west broke down. A Christian mission remained in China, but fell with the fall of the Mongols there: the last western missionary, John of Marignolli, left China in 1347, and the Christians were expelled in 1369 by Chinese nationalists” (CAMPBELL, 1991, p. 126)].

¹³⁴ CAMPBELL, Mary B. **The witness and the other world: exotic European Travel Writing, 400-1600**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1991, p. 126-127.

conhecimento já descrito em livros anteriores, mas acrescenta novas informações sobre o diferente:

E vivi por um tempo no castelo de Magot porque todos os dias eu via e ouvia coisas maravilhosas. Ao norte, as terras de Albizibi faziam fronteira com a Tartaria, região formada por terras inabitadas e inférteis, mas as pessoas viviam em locais estranhos, estes são maldosos e comem carne e peixe cru, eles também têm longas faces como aquelas de cachorros, mas são brancos e realizam tudo que pretendem fazer, são chamados *cynocephali*. Eu vi um deles na capital de Norgancio (LIBRO DEL CONOSCIMIENTO DE TODOS LOS REINOS, 1999, p. 83)¹³⁵.

Observamos que a motivação para permanecer em certa região do Oriente, ao invés de missionária¹³⁶ ou comercial¹³⁷, como os itinerantes anteriores, está no desejo de prolongar a sensação de maravilhamento ao testemunhar as coisas maravilhosas. Na mesma direção, ocorre a afirmação de ter visto os *cinocéfalos*¹³⁸, algo distinto, por exemplo, do narrado por João de Pian del Carpini¹³⁹. Igual modo, o autor de *Viagens de Jean de Mandeville*, ao descrever o deslocamento baseado em um itinerário irreal, apresenta um personagem que vê, ouve e sente as localidades de maneira distinta¹⁴⁰, firmando sua existência e credibilidade diante o público não somente por confirmar o

¹³⁵ No original: “And in the castle of Magot I lived for a time because every day I saw and heard marvelous thing. And to the north the lands of Albizibi border on encircled tartaria, which are barren and uninhabited lands, but people lived in some places, and they are vile men and they eat raw meat and fish, and have long faces like dogs, but they are white and do everything they see done, and they call them cynocephali. And I saw one of them in the capital of Norgancio” (LIBRO DEL CONOSCIMIENTO DE TODOS LOS REINOS, 1999, p. 83).

¹³⁶ Como aponta Odorico de Pordenone: “Embora se narrem muitas e variadas coisas sobre os costumes e as condições deste mundo, deve-se contudo saber que eu, Frei Odorico de Friuli, querendo fazer uma viagem e ir até as regiões dos infiéis para lucrar alguns frutos de almas, ouvi e vi muitas coisas grandes e maravilhosas que verdadeiramente posso narrar” (PORDENONE, 2005, p. 283).

¹³⁷ Tal como os irmãos Polo: “É verdade que no tempo em que Balduino era imperador de Constantinopla, e Misser Ponte de Veneza governava a cidade em nome do duque de Veneza, no ano de 1252, dois nobres cidadãos de Veneza, Misser Nicola Polo, pai de Misser Marco, e Misser Mafeu Polo, irmão de Nicola, se encontravam no porto de Veneza e decidiram partir, carregados de mercadorias e preciosidades, em um de seus barcos a vela” (POLO, 1985, p.34).

¹³⁸ Os cinocéfalos são criaturas descritas pelos viajantes geralmente caracterizadas por possuir rosto canino e corpo humano. Contudo, sofre variações entre as narrações dos itinerantes.

¹³⁹ As narrações de João de Pian de Carpini sobre os monstros estão relacionadas às coisas ouvidas, como: “Indo além, chegaram a uma terra junto ao oceano, onde encontraram certos monstros, como nos foi dito com firmeza, que em tudo tinham forma humana, mas os pés terminavam em pés de bois e tinham cabeça humana, mas tinham cara como de cão” (CARPINI, 2005, p. 27-28).

¹⁴⁰ Jean de Mandeville, de acordo com Stephen Greenblatt, “(...) aquilo que os viajantes anteriores frequentemente apresentam como simples ouvir dizer ou mito local, Mandeville insiste em ter experienciado pessoalmente (GREENBLATT, 1994, p. 51).

conhecimento anterior, mas também devido ao fato de suas narrações soarem como verdadeiras¹⁴¹.

Dessa forma, não é de se estranhar o fato de que os contemporâneos à escrita de *Viagens de Jean de Mandeville*, possuidores de uma perspectiva de mundo e ciência diferente da atual¹⁴², tinham tanto o cavaleiro Jean de Mandeville, quanto seus deslocamentos, na posição de real, e o conhecimento ali presente no papel de verdadeiro¹⁴³. No “Renascimento”, entretanto, em razão das Grandes Viagens à América e das transformações na imagem do mundo, cuja aceitação como verídica das narrações de monstros e maravilhas herdadas da Antiguidade, os indivíduos dificilmente aceitavam, o itinerário foi tido na posição de mentiroso¹⁴⁴.

Outra mudança em relação à veracidade do deslocamento e à autoria da obra ocorreu ao longo do século XIX. Nesse período, em consequência da grande importância oferecida ao autor pelos pesquisadores envolvidos em uma mentalidade positivistas, capitalista e individualista (BARTHES, 1994, p. 66), ocorreram problemas na leitura e na recepção¹⁴⁵, levando ao descrédito da existência de Jean de Mandeville.

Os primeiros a terem referido posicionamento foram E. B. Nicholson e Sir Henry Yule, os quais firmaram o texto como redigido em Liège por Jean de Bourgogne, ou Jean à la Barbe, que usou Mandeville no modo de pseudônimo¹⁴⁶. Essa

¹⁴¹ CAMPBELL, Mary B. **The witness and the other world: exotic European travel writing, 400-1600**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1991, p. 49-50.

¹⁴² De acordo com Règine Pernoud, a ciência medieval carregava aspectos folclóricos e imaginários, sem, contudo, perder certa curiosidade científica (PERNOUD, 1996, p. 155-158).

¹⁴³ ACOSTA, Vladimir. **Viajeros y maravillas**. Tomo III. Caracas, Venezuela: Monte Ávila Editores Latinoamericana, 1992, p. 215-216.

¹⁴⁴ Conforme coloca C. W. R. D. Moseley, “(...) desde as viagens europeias de descobrimento, nós temos uma imagem completamente diferente do mundo e as histórias de monstros e *marvels* de tradição medieval, advindas de Plínio, Aethicus, Solinus e Heródoto, não são mais aceitas. Portanto, Mandeville é tido como mentiroso” (MOSELEY, 1982, p. 12. Tradução nossa). [No original: “(...) since the European voyages of discovery, we have a completely different picture of the world and no longer accept the stories of monsters and marvels that descend to the medieval mind from Pliny, Aethicus, Solinus and Herodotus. Is Mandeville them, then was a liar” (MOSELEY, 1982, p. 12)].

¹⁴⁵ Conforme aponta Susana Morales Osorio e Sonia Fernández Hoyos, há um problema na leitura e na recepção quando os críticos buscam legitimar a obra de Jean de Mandeville através da experiência em primeira mão do viajante. “Portanto, o que estão projetando a partir desse paradigma é um modelo de conhecimento distante do próprio texto e que não funciona dentro do mesmo, haja vista o próprio conceito de autor que manejam nada ter a ver com os textos medievais (OSORIO; HOYOS, 2006, p. 338. Tradução nossa). [No original: “Es decir, lo que están proyectando desde ese paradigma crítico es un modelo de conocimiento ajeno al del propio texto y que no funciona dentro del mismo, puesto que el concepto mismo del autor que manejan nada tiene que ver con el texto medieval” (OSORIO; HOYOS, 2006, p. 338)].

¹⁴⁶ BENNET, Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953, p. 3.

apreciação, defendida também por George F. Warner¹⁴⁷, não foi aceita por Paul Hamelius, para quem Jean D'Outremeuse, autor de *Myreus des Histors*, era o verdadeiro autor do livro¹⁴⁸. Posteriormente, Malcolm Letts¹⁴⁹, retomando as biografias anteriores a 1400, credita na existência de Jean de Mandeville, o apontando como escritor¹⁵⁰.

Há outros pesquisadores contemporâneos que se dedicaram à problemática da autoria de *Viagens de Jean de Mandeville*, como Ana Pinto¹⁵¹, Christiane Deluz¹⁵², Susane Morales Osorio e Sonia Fernández Hoyos¹⁵³, havendo certa concordância entre elas do fato de que o escritor não tenha realmente se deslocado. A conclusão do itinerário ser baseado em uma jornada irreal não nos impossibilita, devido à forte pretensão à realidade nela presente, de continuarmos a falar de Jean de Mandeville como se tivesse existido e viajado¹⁵⁴. Conforme explica Stephen Greenblatt, este posicionamento,

(...) não significa apenas a submissão a uma imposição; significa também participação num desejo fundador da linguagem, num desejo de estabelecer uma referência com o mundo. E se, neste como em outros casos, a linguagem labora tortuosamente, ela não é

¹⁴⁷ WARNER, George. Introduction. In: WARNER, G. **The buke of John Mandeville**. Westminster: Roxburghe Club, 1989, pp. Xxx-xl.

¹⁴⁸ HAMELIUS, Paul. Introduction. In: HAMELIUS, Paul. **Mandevilles's travels**. London: Early English Text society, 1923. 2 v. pp. 1-13.

¹⁴⁹ LETTS, Malcolm. **Sir John Mandeville**. The man and his book. London: The catchworth Press, 1949.

¹⁵⁰ Conforme destaca Josephine Bennet, Malcolm Letts, "ao aceitar a evidência de Liège, expressa a convicção de que o autor de *Viagens de Jean de Mandeville* foi um inglês cujo nome real era Mandeville. Essa posição representa um retorno à bibliografia corrente entre 1400 até que Warner e Nicholson publicassem suas conclusões" (BENNETT, 1953, p. 95. Tradução nossa) [No original: "While accepting the Liège evidence, express the conviction that the authors of the *Travels* was as Englishman whose real name was Mandeville. That position represents a return to the biography current from about 1400 until Warner and Nicholson published their conclusion" (BENNETT, 1953, p. 95)].

¹⁵¹ Para Ana Pinto, apontar Jean D'Outremeuse como autor de *Viagens de Jean de Mandeville* segue sendo uma hipótese cujo propósito é o de adicionar mais um nome a possíveis autores. "Não obstante, depois de vários séculos há algo que se sabe com certeza: Sir Jean de Mandeville nunca existiu e seu nome só responde ao de um personagem fictício sob o qual escondeu sua verdadeira identidade o real autor da obra, quem conseguiu, nas palavras da *Cambridge History of English Literature* 'a fraude literária mais sucedida da história em um dos livros mais deliciosos jamais escrito" (PINTO, 2001, p. 22. Tradução nossa). [No original: "No obstante, después de varios siglos hay algo que sí se sabe con certeza: Sir John de Mandeville nunca existió y su nombre sólo responde al de un personaje de ficción tras el cual escondió su identidad el verdadero autor de la obra, quien consiguió, en las palabras de la *Cambridge History of English Literature* 'el fraude literario más logrado de la historia en uno de los libros más deliciosos que jamás se hayan escrito" (PINTO, 2001, p. 22).

¹⁵² Christiane Deluz, de acordo com Susani Silveira Lemos França, recusa a paternidade da obra *Viagens de Jean de Mandeville* à Jean D'Outremeuse (FRANÇA, 2007, p. 14).

¹⁵³ OSORIO, Susana Morales; HOYOS, Sonia Fernández. El mediterráneo a través de la ficción: el extraño caso de Sir John Mandeville. **Anuario de Estudios medievales (AEM)**, 36/1, enero/junio de 2006, pp. 335-354.

¹⁵⁴ GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo**. São Paulo: editoria da Universidade de São Paulo, 1996, p. 57.

completamente vazia. Expressa não a existência material como tal, mas uma circulação de signos que torna a existência material significativa, compreensível, vibrante. *As viagens de Mandeville* e o próprio fenômeno textual a que chamamos Mandeville são constituídos de pedaços da experiência humana, muitos dos quais sob a forma de moedas desgastadas, ou antes, de notas que passaram de mão em mão (GREENBLATT, 1996, p. 57).

Nessa direção, no próximo tópico perceberemos as maneiras como o personagem Jean de Mandeville se constrói, demonstrando um contato diferente com o Oriente dos outros viajantes, em especial devido ao desejo de aventuras e à curiosidade de descobrir as maravilhas das terras distantes compartilhadas com o público.

2.1.1 Eu, Jean de Mandeville, cavaleiro e curioso

Na obra, Jean de Mandeville se apresenta como um cavaleiro, nascido em St. Albans, na Inglaterra, que no ano de 1322 viaja da Europa até o Oriente. Durante a estadia nas terras asiáticas, afirma ter servido na posição de soldado ao sultão de nome Malechmadabron, no original, e, na tradução, Melik-al-Ashraf Kudjuk¹⁵⁵, nas frequentes batalhas contra os beduínos. De igual modo, exerceu a função de soldado também ao Grande Cã, juntamente com seus companheiros e criados durante quinze meses nas batalhas contra o rei Mancy. Após tais façanhas bélicas¹⁵⁶ e deslocamentos por diferentes terras orientais, o cavaleiro regressa à Cristandade, a contragosto, em razão de uma artrite gotosa, escrevendo o livro no ano de 1356.

¹⁵⁵ Segundo Ana Pinto, “o governo deste sultão durou de 1341 a 1342. De acordo com esse fato, se o relato de Mandeville for certo, essa seria a data em que supostamente o viajante esteve no Egito, ou seja, vinte anos depois de partir de seu país e quatorze antes de regressar, o que resulta um tanto incoerente se sua suposta estância nessas terras, como permite deduzir nas narrações, é anterior ao do Extremo Oriente” (PINTO, 2001, p. 86. Tradução nossa). [No original: “el gobierno de este sultán duró de 1341 a 1342. De acuerdo con esto, si el relato de Mandeville fuera cierto, ésa sería la fecha en que le supuesto viajero estuvo en Egipto, es decir veinte años después de partir de su país y catorce años antes de regresar, los que resulta un tanto incoherente si su supuesta estancia en esa tierra, como parece deducirse de la narración, es anterior a la del Extremo Oriente” (PINTO, 2001, p. 86)].

¹⁵⁶ Há, em relação ao fato de Jean de Mandeville ter participado de façanhas bélicas, certa discordância entre a tradução da Susani Silveira Lemos França e da Ana Pinto. A primeira coloca: “Estive acompanhado de gente boa e honrada, sem as quais não teria podido participar das belas façanhas e empresas das quais participei” (MANDEVILLE, 2017, p. 256). Na segunda observamos a seguinte passagem: “(...) estive acompanhado de gente boa e honrável, e estive presente em belas campanhas bélicas (ainda que não levei a cabo nem uma, devido a minha incapacidade (MANDEVILLE, 2001, p. 317. Tradução nossa). [No original: “(...) he estado acompañado de gente buena y honorable, y he estado presente en hermosas hazañas bélicas (aunque yo no llevé a cabo ninguna, debido a mi incapacidad)” (MANDEVILLE, 2001, p. 317)].

Referidas informações, conforme colocado anteriormente, durante séculos foram tomadas como verídicas, contudo, atualmente grande parte dos pesquisadores concordam com o fato de que o personagem Jean de Mandeville não existiu. Esse posicionamento, ao invés de fazer as análises recuarem, as leva a direcionamentos distintos, pois, ora os historiadores consideram a disposição dos contemporâneos da escrita da obra¹⁵⁷, ora, contam com disposições modernas das categorizações dos viajantes¹⁵⁸. Para nosso estudo, interessa menos separar o autor das sensações reproduzidas pelo protagonista, e mais percebermos as experiências humanas refletidas no livro¹⁵⁹. E, no que diz respeito à interação entre a obra e o público, tal qual observa Guillermo Giucci, percebemos a transferência por parte dos leitores, a fim de participar das ilusões narradas, da vivência do viajante para o próprio desejo de se aventurar. Assim, compensando suas frustrações diárias, eles fantasiavam ser um outro diferente, emocionando-se como protagonistas de uma expedição incomum e acreditando “(..) renovar-se com seus desteros ficcionais” (GIUCCI, 1992, p.87-88).

Entretanto, ao invés dos leitores se aventurarem e se emocionarem junto a um cavaleiro que busca, mediante o deslocamento por terras asiáticas, alcançar um destino glorioso, eles encontram, à diferença de outros ousados errantes¹⁶⁰, um personagem construído pouco para ser herói. Sem uma missão própria à viagem¹⁶¹, Jean de Mandeville, por exemplo, possui insuficientes características associadas ao principal modelo comportamental da cavalaria cortês, São Jorge, que, mediante à

¹⁵⁷ Exemplo de referido posicionamento encontramos no escrito de Susani Silveira Lemos França, de nome *Mulheres dos outros: os viajantes cristãos nas terras a Oriente* (séculos XIII-XV), a qual justifica sua disposição da seguinte maneira: “Jean de Mandeville, apesar de ser reconhecido desde o século XIX como viajante ‘de gabinete’, que não fez mais do que recolher escritos alheios, está aqui incluído entre viajantes que efetivamente se deslocaram, em razão de ter passado como viajante para os homens de seu tempo e até para os quinhentistas. Ao retomar, desenvolver, comentar, glosar, rerepresentar escritos do passado, ele inscreveu-se numa tradição e ajudou a preservá-la, legando-nos uma síntese que traduziu, como poucas, o que se esperava das terras a oriente da Europa e o que se imaginava que ali houvesse” (FRANÇA, 2015, p. 176).

¹⁵⁸ Por exemplo na obra: GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santilana, 1996, p. 29-30.

¹⁵⁹ De maneira ampla, conforme destaca José D’Assunção Barros, se os personagens do Romance, mesmo ficcional, “pensam e sentem de certo modo e, se o autor colocou no papel tais pensamentos e sentimentos, tal foi possível porque eles fazem sentido não apenas para ele, mas também para seus leitores” (BARROS, 2020, p. 98).

¹⁶⁰ Segundo Michel Pastoureau, “no ultramar distante e misterioso, os cavaleiros vão buscar a realização de um destino que aspiram grandioso, e que sua vida medíocre e rotineira do Ocidente não consegue alcançar. Mesmo que a ideia de cruzada experimente já possua certa degenerescência, mesmo que as grandes expedições militares conduzidas pelos soberanos não resultem senão em lamentáveis fracassos, o apelo do Oriente continua a exercer sobre a classe cavaleiresca um fascínio que beira à neurose coletiva” (PASTOUREAU, 1989, p. 163).

¹⁶¹ TZANAKI, Rosemary. **Mandeville’s Medieval audiences: a study on the Reception of the *Book of Sir John Mandeville* (1371-1550)**. New York: Routledge, 2017, pp. 138-139).

coragem e à força, se coloca à serviço dos fracos¹⁶². O momento no qual narra a ilha de Lango ilustra bem referida situação. Nessa região, habita em um castelo a filha de Hipócrates, transformada em dragão devido aos encantos da deusa Diana. Houve tentativas de transformar novamente a criatura em mulher, todas sem sucesso, “todavia, quando aparecer um cavaleiro que seja verdadeiramente valente e ouse beijá-la, ele não morrerá, apenas converterá a donzela à sua forma natural e passará a ser senhor de todo o país” (MANDEVILLE, 2007, p. 54).

Assim, legando a outro cavaleiro a aventura, Jean de Mandeville não busca mediante a coragem libertar a mulher do encanto¹⁶³. O dragão, maravilha que coloca à prova os viajantes¹⁶⁴, ao invés de incitar as peripécias, leva o itinerante a se prevenir de determinadas localidades, como a Torre de babel, a ilha chamada de Silha e alguns desertos no Extremo Oriente.

O fato de evitar os riscos causados pelo contato com seres maravilhosos, contudo, não o impossibilita de narrar aventuras perigosas, resultado, sobretudo, do desejo de conhecer as localidades, por exemplo, o Vale Perigoso. Descrita no papel de entrada do inferno, essa região está repleta de demônios, os quais visivelmente rodeiam os transeuntes, ameaçando, lançando ataques, golpeando a terra e o ar, soltando trovões e tempestades. Alguns cristãos se arriscam, outros não.

Deveis saber que, quando meus companheiros e eu estivemos nesse vale, hesitamos muito se deveríamos nos atrever a correr o risco de entrar com a proteção de Deus. Alguns decidiram entrar e outros não. Havia entre nós, dois homens valentes, frades menores, que eram da Lombardia, e disseram que se alguém entrasse, preparar-se-iam e

¹⁶² Jacques Le Goff explica-nos que “(...) sobretudo São Jorge, vindo do Oriente, que se distinguiu como o grande santo cavaleiresco em toda a cristandade. Santo cavaleiro, se se pode dizer, cujo papel religioso e social manifestou-se no episódio frequentemente representado em que ele mata o dragão para libertar a princesa. São Jorge foi o modelo do cavaleiro cortês que emprega sua força, coragem e natureza sagrada a serviço dos fracos” (LE GOFF, 2011, p. 92).

¹⁶³ Johan Huizinga destaca o feito heroico praticado por amor, em que a morte para o cavaleiro passa a ser uma alternativa em direção à conquista da mulher amada. Assim, a coragem, e “o feito heroico deve construir-se na libertação ou no resgate da própria mulher do perigo mais ameaçador” (HUIZINGA, 2013, p. 116). Algo que o personagem Jean de Mandeville não realiza. Para mais informações a respeito da coragem e bravuras nos viajantes, ver o debate sobre a masculinidade na seguinte Tese: FERRARI, Fernando Ponzi. **Nós somos legião**: a imagem latina dos habitantes do Extremo Oriente e da África dos séculos finais da Idade Média (XIII-XV). Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2019.

¹⁶⁴ “O maravilhoso estava profundamente integrado na busca pela identidade, individual e coletiva, do cavaleiro idealizado. As provas dos cavaleiros passam por toda uma série de maravilhas – maravilhas que ajudam (como certos objetos mágicos) ou maravilhas a combater (como os monstros); e esse fato levou Erich Köhler a escrever que a própria aventura coletiva que é a valentia, a busca de identidade, do cavaleiro no mundo cortês é, ela própria, uma maravilha” (LE GOFF, 1994, p. 48).

entrariam junto. Depois de esses homens dizerem isso, confiando na graça divina e neles próprios, ouvimos missa, confessamo-nos, comungamos e entramos 14 de nós, mas saímos apenas nove (MANDEVILLE, 2007, p. 236).

Dessa forma, ao longo da obra, há a construção de um personagem aventureiro, mas que, ao contrário da busca pela glória individual mediante combate contra os inimigos¹⁶⁵ e maravilhas, procura conhecer as coisas das terras distantes. Jean de Mandeville, ordinário na qualidade de herói do romance¹⁶⁶, se diferencia, então, por exemplo, do cavaleiro narrado Geoffrey Chaucer¹⁶⁷, dado que o deslocamento ocorre movido pela curiosidade. Igual modo, se distingue de Perceval, pois em busca da verdade, questiona e pergunta¹⁶⁸, assim como na abadia de Santa Catarina, onde, por intermédio de milagre, os abades superiores são eleitos:

Por isso, perguntei a um e outro, mas eles nada quiseram dizer-me até que eu insisti que deveriam, pela graça que Deus lhes concebeu, dar a conhecer tudo isso para que as pessoas se fizessem mais devotas. Aleguei também que me parecia que pecavam ao ocultar o milagre que Deus fez e continua fazendo todos os dias, pois são o testemunho de seu poder; como disse Davi no saltério: *mirabilia testimonia tua Domine*, o que quer dizer: “Senhor tuas maravilhas são teu testemunho”. Foi, então, que me disseram que, na verdade, tudo isso sucedia muitas vezes, mas eu não podia saber mais (MANDEVILLE, 2007, p. 80).

A aspiração de conhecer os mistérios do mundo presentes em Jean de Mandeville reflete, por um lado, o desejo do público de saber sobre as terras

¹⁶⁵ Jean de Mandeville se mostra pouco propenso a empreender combates em busca de recuperar a Terra Santa, ao contrário, afirma ter servido ao Sultão: “Eu pude notar bem, pois vivi com o sultão em seu serviço, como soldado em suas frequentes guerras contra os beduínos, e teria me casado com a filha de um príncipe da terra e recebido rica herança, se tivesse renegado meu criador. Porém, agradeço a Deus não ter cedido a nada do que aquele homem me prometeu” (MANDEVILLE, 2007, p. 62).

¹⁶⁶ TZANAKI, Rosemary. **Mandeville’s Medieval audiences: a study on the Reception of the *Book of Sir John Mandeville* (1371-1550)**. New York: Routledge, 2017, p. 139.

¹⁶⁷ Os deslocamentos do cavaleiro narrado por Geoffrey Chaucer ocorrem, sobretudo, objetivando proteger ou libertar a Cristandade dos inimigos, como podemos observar na seguinte passagem: “Esteve presente na conquista de Alexandria; muitas vezes, na Prússia, coube-lhe a cabeceira da mesa, à frente de todas as nações; fez campanhas na Lituânia e na Rússia, mais que qualquer outro cristão de sua categoria; também esteve em Granada, no cerco de Algeciras; no reino de Bem-Martin; em Aias e Atalia, quando ambas foram tomadas; e presenciou o desembarque de nobres de armadas às margens do Grande Mar” (CHAUCER, 2014, p. 37-39).

¹⁶⁸ O jovem Perceval “(...) gostaria de interrogar seu anfitrião, perguntar-lhe o que significa a lança que sangra e para quem é conduzido o graal e seu conteúdo. Mas não ousa fazê-lo; o bravo Gornemant de Goor, que há pouco tempo o hospedara, ensinara-lhe que um perfeito cavaleiro não deve colocar questões indiscretas. Guarda, portanto, o silêncio, presenciando, sem chegar a entender, uma aventura incomparável, a mais prodigiosa jamais oferecida a um jovem cavaleiro” (PASTOUREAU, 1989, p. 173)

distantes¹⁶⁹ e, por outro, a paixão dos itinerantes ao estranho. A curiosidade, definida por Kim M. Phillips como posição de impulso intelectual ou cognitivo em direção à busca de compreender determinado fenômeno¹⁷⁰, se encontra, então, não somente no cavaleiro, mas também em outros viajantes, como Guilherme de Rubruc, o qual percorre os templos dos idolatras, pergunta a respeito de outras crenças, tenta entrar em lugares proibidos, entre outras coisas, muitas vezes nem escondendo seu ímpeto ao leitor: “Enquanto entrávamos, saía um servo com os ossos do dorso de um cordeiro, queimados até a negrura de carvões; fiquei muito curioso sobre o que significaria aquilo” (RUBRUC, 2005, p. 188).

O fato de que os viajantes não escondem a curiosidade diante dos mistérios deslumbrados nas terras distantes, ao invés de excluir a sensação da lista das condenações do Cristianismo, apenas adiciona novos sentidos ao termo¹⁷¹. João de Pian del Carpini, por exemplo, aponta seu impulso de conhecer relacionado ao entendimento da intencionalidade dos Mongóis e consequentemente a proteção dos Cristãos a futuros novos ataques¹⁷². Odorico de Pordenone, expressa seu interesse ao exótico associado ao tornar o Oriente conhecido para futuras novas missões evangelizadoras¹⁷³. Marco Polo e Jean de Mandeville, de maneira distinta, pois constroem personagens no papel de leigos, demonstram a crescente vontade de

¹⁶⁹ PHILLIPS, Kim M. **Before Orientalism**: Asian peoples and culture in European Travel Writing, 1245-1510. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania, 2014, p. 65-67.

¹⁷⁰ “Curiosidade pode ser definido como um impulso essencialmente intelectual ou cognitivo [em direção] à procura das causas e assim expande o conhecimento humano, enquanto ‘wonder’ é uma resposta afetiva ao mistério e a diversidade [diante] a criação de Deus” (PHILLIPS, 2014, p. 65-66. Tradução nossa) [No original: “Curiosity might be defined as an essentially intellectual or cognitive impulse to seek causes of phenomena and thus expand the range of human understanding, while ‘wonder’ is a primarily affective response to the mysteries and diversity of God’s creation” (PHILLIPS, 2014, pp. 65-66)].

¹⁷¹ Conforme coloca Rosemary Tzanaki, “*curiositas* nunca perdeu inteiramente a condenação original do Cristianismo, simplesmente foram adicionados novos significados” (TZANAKI, 2017, p. 40. Tradução nossa). [No original: “*Curiositas* never entirely lost its original condemnatory meanings for Christians; it simply added new ones” (TZANAKI, 2017, p. 40)].

¹⁷² “Ao irmos aos tártaros e a outras nações do Oriente, por mandato da Sé Apostólica, tendo conhecimento da vontade do senhor Papa e dos veneráveis cardeais, escolhemos viajar primeiro junto dos tártaros, pois temíamos que, para breve, da parte deles, ocorresse iminente perigo para a Igreja de Deus” (CARPINI, 2005, p. 29).

¹⁷³ Não é evidente a motivação do itinerário de Odorico de Pordenone, contudo, de acordo com Eugenia Popeanga, pode ter ocorrido tanto com objetivo missionário, quanto repleta de outras razões. “Os textos consultados, apenas nos falam sobre isso, pelo que entendemos, ou sua missão era secreta, e sua conclusão foi tardia, ou sua viagem era simplesmente de inspeção e reconhecimento das resistências que os frades menores possuíam na Ásia (POPEANGA, 1992, p. 49. Tradução nossa). [No original: “Los textos consultados, apenas nos hablan de esto, por lo que entendemos, o bien su misión era sumamente secreta, con lo cual tardó mucho en llevarla a cabo, o bien su viaje era simplemente de inspección y reconocimiento de las residencias que los frailes menores poseían en Asia” (POPEANGA, 1992, p. 49)].

compreender as maravilhas criadas por Deus¹⁷⁴. Todos, contudo, independente da justificativa ao fato de serem curiosos¹⁷⁵, compartilhavam a ideia de terem maior propensão a rumarem as terras longínquas à procura de coisas maravilhosas, como coloca o suposto cavaleiro:

Em nossa terra, sucede justamente o contrário, pois estamos no sétimo clima, que está regido pela Lua, que tem um movimento rápido; é o planeta de passagem. Por isso ela nos dá condição e vontade de nos deslocarmos e de caminharmos por diferentes rotas em busca de coisas estranhas e das diversidades do mundo, pois a Lua se move ao redor da Terra mais rapidamente que nenhum outro planeta¹⁷⁶ (MANDEVILLE, 2007, p. 157-158).

A diferença surge novamente nas motivações para a procura das coisas estranhas, o que influencia no relacionamento com as maravilhas. Curioso, tal qual outros itinerantes, Jean de Mandeville, cavaleiro ao invés de missionário ou mercador, empreende a jornada em busca de aventuras e emoções. A isso, somamos o fato de ter redigido tendo como base uma viagem imaginária, para entendermos a jornada de um personagem que a cada passo se admirava. Monstros, objetos mágicos, riquezas, possibilidades de peripécias e assim por diante, são narrados não apenas para entreter, mas também para informar o público ainda herdeiro da imagem de um Oriente parecido com a Antiguidade, descrito, por exemplo, pela Bíblia e por Julio Solino. Na construção de toda essa singularidade literária, o autor busca em distintos escritos disponíveis as informações, se relacionando de variadas formas com os gêneros e textos do período, se encaixando em diferentes categorias de viajantes.

¹⁷⁴ “A frequência cada vez maior dos aspectos naturais nas discussões de jornadas à Terra Santa e ao Extremo oriente coincide não somente com a Identidade Cristã, como *homo viator*, mas também com a doutrina de que o Senhor é criador do mundo e daqueles que nele habitam (PETER, 2001, p. 602. Tradução nossa). [No original: The increasing frequency of discussions of journeys to the Holy Land and the farthest East coincided not only with the Christian identity as *homo viator* but also with the doctrine that the world is the Lord's and the fullness thereof” (PETER, 2001, p. 602)].

¹⁷⁵ “Peregrinos, reis, e todos os cristãos tinham motivo para estarem curiosos sobre o mundo que Deus havia criado. E com a expansão dos horizontes mentais europeus, que seguiram as conquistas mongóis do século XIII, sua versão de ‘curiosidade sagrada’ teve diante de si uma geografia vastamente expandida (PHILLIPS, 2014, p. 66. Tradução nossa). [No original: Pilgrims, kings, and indeed all Christians had reason to be curious about the world that God had created, and with the broadening of European mental horizons following the Mongol conquests of the thirteenth century their version of ‘holy curiosity’ took in a vastly expanded geography (PHILLIPS, 2014, p.66)].

¹⁷⁶ Para mais informações sobre o desejo de conhecer o mundo por parte dos viajantes cristãos, ver: PETERS, Edward. The desire to know the secrets of the world. **Journal of the history ideas**, v. 62, n.4, 2001, pp. 593-610.

2.2 O Oriente das maravilhas: o sacro, os monstros e o não-familiar

Conforme aponta David Le Breton, as emoções estão ligadas às singularidades individuais e também às maneiras desenvolvidas culturalmente de interpretar os acontecimentos. Assim, ao invés de apenas expressões selvagens e irracionais, elas demonstram as formas como as pessoas são afetadas pelo meio circundante e pelos fatos ocorridos, necessitando de uma reciprocidade entre o “Eu” e o “Outro” para sua manifestação, pois;

Sua proveniência não é exclusivamente individual: ela é uma consequência íntima, ocorrida na primeira pessoa, de um aprendizado social, em primeiro lugar, e de uma identificação com os outros, em segundo lugar. Essas duas dimensões alimentam conjuntamente a sociabilidade e assinalam ao sujeito o que deve sentir, de qual maneira e em quais condições precisas (BRETON, 2019, pp. 145).

Ao olharmos para o medievo, percebemos que as condições precisas para o indivíduo sentir o maravilhamento diante de algo, carregava pouca familiaridade, ao contrário, o sentimento resultava do deslumbramento do novo, do desconhecido e do não-familiar. Os viajantes às terras distantes, tal qual o Oriente¹⁷⁷, estão condicionados, portanto, à admiração¹⁷⁸. As situações emotivas narradas, longe de acidentais ou fingidas, demonstram momentos propícios à emoção. Jerusalém, por exemplo, estimula o maravilhar (*admiratio*) associado aos aspectos religiosos, em contrapartida, estar na corte do Grande Cã, desperta a admiração ao mundano, ligado, entre coisas, às riquezas. Nessa direção, verificamos as imagens dos lugares carregadas pelos itinerantes influenciando nas formas que sentiam, uma vez que, como explica Lorraine Daston e Katherine Park,

(...) os escritores de literatura de viagem e topográfica cada vez mais enfatizavam a raridade e a maravilha que geralmente dependiam da geografia: um pigmeu talvez pareça para os europeus ocidentais como

¹⁷⁷ Conforme assinala Keagan Brewer, “se a maravilha vem da novidade, então faz sentido que mundos distantes seriam pontos focais para a maravilha” (BREWER, 2016, p. 36. Tradução nossa). No Original: “If wonder is of the novel, then it makes sense that distant worlds would be focal points for wonder” (BREWER, 2016, p. 36).

¹⁷⁸ Não somente os viajantes em finais da Idade Média estavam condicionados a sentir a admiração diante do diferente, mas também os itinerantes à América, conforme aponta Stephen Greenblatt, “maravilha’ é, devo dizer, a figura central da resposta inicial dos europeus ao Novo Mundo, a decisiva experiência emocional e intelectual em presença da diferença radical” (GREENBLATT, 1996, pp. 31).

maravilhas sobrenaturais, mas na terra dos pigmeus, o contrário pode ser verdadeiro (DASTONS; PARK, 1998, p. 122)¹⁷⁹.

A construção da referida imagem de um Oriente diferente do Ocidente e propício à admiração, remonta à Grécia Antiga, onde mediante viagens, tal qual o deslocamento de Alexandre, o Grande (356-323 a. C.) em direção ao rio Indo, na Índia¹⁸⁰, ocorreram entre os ocidentais as primeiras manifestações da consciência de serem próximos e diferentes das pessoas oriundas das terras orientais¹⁸¹. Após os gregos, os romanos, mesmo diante o significativo expansionismo, não alcançaram localidades muito longínquas, resultando no ausente contato direto com povos distantes, como os chineses, e um conhecimento mútuo, baseado sobretudo no imaginário e nas maravilhas¹⁸².

Ao longo do período inicial da Idade Média, em consequência das dificuldades dos itinerários¹⁸³, pouco foi adicionado ao conhecimento das terras distantes, sobressaindo-se a imagem de dois Orientes: um próximo, local dos infiéis que devem ser convertidos; e um mais remoto, região das maravilhas e lendas¹⁸⁴. A respeito do segundo, o qual cada vez mais se torna mais desconhecido do Ocidente, observamos os contatos voltando a ocorrer somente durante os séculos XIII, XIV e XV, em que a “Imagem do Mundo” refletida pelos viajantes, apesar de algumas variações e mudanças, perdura ainda o conhecimento oriundo da Antiguidade Tardia e da Alta Idade Média¹⁸⁵.

¹⁷⁹ No Original: “(...) travel and topographical writers increasingly emphasized rarity and wonder it occasioned were often dependent on geography: a pygmy might appear to western Europeans as preternatural Marvel, but in pygmy land, the reverse be true” (DASTONS; PARK, 1998, p. 122).

¹⁸⁰ DORÉ, Andréa. Relações entre Oriente e Ocidente (séc. XIII-XVII): mercadores, missionários e homens de armas. **Biblos**, Rio Grande, 21: 105-124, 2007.

¹⁸¹ Para mais informações sobre a criação da imagem dos gregos sobre o Oriente, ver: GÓMEZ ESPELOSÍN, Francisco Javier. **geografía de lo exótico: los griegos y las otras culturas**. Madrid, España: Síntesis, 2019; CÓRDOBA, Joaquín M. La atracción por Oriente. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier. (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Barcelona, España: Lunweg Editores y CSIC, 2007, pp. 77-100.

¹⁸² Como exemplo das maravilhas creditas pelos Ocidentais existentes no Oriente Jean-Pierre Drége destaca a imaginação dos romanos da origem da seda em uma espécie de árvores que davam furtos de Lã (DRÉGE, 2000, pp. 27).

¹⁸³ Entre os fatores que dificultaram as viagens no início da Idade Média, George Kimble destaca, por exemplo, o declínio comercial de Roma, o qual passou paulatinamente o comércio com o Extremo Oriente a povos intermediários, e a invasão germânica nos séculos V e VII, que acabou com a unidade cultural existente, resultando em uma regionalização da cultura e do conhecimento e aumento dos perigos nas estradas (KIMBLE, 2005).

¹⁸⁴ KAPPLER, Claude. **Monstruos, demonios y maravillas a fines de la Edad Media**. Madrid, España: Ediciones Akal, 1986, p. 49.

¹⁸⁵ MOLLAT, Michael. **Los exploradores del siglo XIII al XVI: primeras miradas sobre nuevos mundos**. México, D. F.: Fondo de Cultura Económico, 1990, p. 97.

Nessa direção, Guillermo Giucci aponta-nos a existência de duas linhas de representação do Oriente longínquo legadas aos viajantes de fins do medievo. De um lado Heródoto (c. 490-430 a. C.), o qual localizando os superlativos no extremo da terra, ao invés de apresentar o fabuloso em relação ao modelo do conhecido, identifica o remoto mediante os desvios e variações do vulgar, sendo a singularidade da natureza e os excessos marcadores dos prodígios distantes¹⁸⁶. Por outro lado, Julio Solino (c. 230-40 a. C.), amplamente popular e quem ofereceu à Idade Média o principal repertório das maravilhas. Este, ao não criar, mas imitar modelos antigos, moldou limites, aperfeiçoou prodígios e magnificou riquezas em direção à fundamentação do além como zona de admiração infinita, construindo e consolidando a visão estereotipada do “outro” essencialmente maravilhoso, originário de um “(...) remoto, insólito, deslumbrante e assustador” (GIUCCI, 1992, p. 67-72).

A perspectiva ficcional do longínquo de Julio Solino, da mesma forma como ocorreu com Heródoto, foi amplamente questionada, mas em oposição a este, aquela representação, repleta de homens-monstros, impregnaram as idealizações medievais¹⁸⁷. Outros autores antigos, tal qual Plínio, o Velho, também tiveram grande relevância na formação da imagem de um Oriente remoto e maravilhoso¹⁸⁸, o qual, no medievo, para além dos escritores pagãos, também apresentava o conhecimento

¹⁸⁶ Conforme coloca Guillermo GIUCCI, “Por narrações de prodígios nos *Nove livros* deve-se entender o processo de seleção do singular na natureza, seja sob a forma de exagero (o grande tamanho dos animais na Índia), curiosidade (o sêmen negro dos hindus), estranhezas (o paradoxo do ládano, ao mesmo tempo belo e malcheiroso), beleza (os etíopes bonitos) ou infrequência (a dupla gravidez da lebre); por inventário de maravilhas deve-se entender as descrições das regiões do excesso, onde se encontram ‘mais ouro’, ‘mais beleza’, ‘mais tamanho, vida, espécies’” (GIUCCI, 1992, p. 69).

¹⁸⁷ “Os fabulários apontavam, se não exigiam, a presença de moradores monstruosos nos limites do mundo habitável, em particular na Índia e na Etiópia, regiões concebidas como geograficamente próximas na Idade Média. Essa visão do remoto, materializada textualmente como espaço do prodígio, da monstruosidade, da barbárie, da desmesura e do extraordinário, e condensada de modo admirável na *Collectanea* de Julio Solino, foi se impondo, apesar da oposição das vozes discordantes e de interpretações alternativas, no imaginário do ocidente medieval. De fato, santo Agostinho de Hipona aprovaria a possibilidade da existência pavorosa dos homens-monstros. E Isidoro de Sevilha se encarregaria de oficial sua realidade: na *finisterre* oriental proliferava uma legião de homens portentosos que, com sua alteridade pavorosa, reafirmava os poderes sobrenaturais de Deus” (GIUCCI, 1992, p. 72).

¹⁸⁸ Conforme coloca Maria Serena Mazzi, “poderíamos dizer, portanto, que o conhecimento medieval do mundo acaba por ser uma copilada estratificação de elementos reais e fantásticas, interpretações científicas com origem na cultura helenístico-romana, de crenças religiosas, de sábias observações naturalísticos-antropológicas e de outros conteúdos provenientes de lendas e de sagas, além de testemunhas diretas e de narrações alteradas desde a distância” (MAZZI, 2018, p. 192. Tradução nossa). [No original: “Podríamos decir, por tanto, que el conocimiento medieval del mundo acaba por ser una complicada estratificación de elementos reales y fantásticos, interpretaciones científicas con origen en la cultura helenístico-romana, de creencias religiosas, de sabias observaciones naturalísticos-antropológicas y de otros materiales provenientes de leyendas y sagas, además de testimonios directos y de narraciones alteradas desde la distancia” (MAZZI, 2018, p. 192)].

bíblico¹⁸⁹. Referências à Arca de Noé, ao povo Gog e Magog, bem como ao Paraíso Terrestre, por exemplo, eram comuns nos viajantes em fins do medievo.

O *Imago mundo* relacionado ao pensamento religioso influenciou, sobretudo, o imaginário referente ao Oriente Próximo, existindo casos, como a obra *Viagens de Jean de Mandeville*, cuja narração se centra basicamente na localização dos diferentes espaços e episódios descritos na Sagrada Escritura. Assim, os itinerantes não se limitavam a descrever unicamente as maravilhas de Jerusalém ou do Santo Sepulcro, mas de todas as regiões posteriores ao Leste do Mediterrâneo¹⁹⁰. Herdeiros de uma sobreposição ao invés da manutenção do conhecimento anterior¹⁹¹, os viajantes, envoltos em perspectivas teológicas, transformavam os mapas e narrações de viagens em guias para a fé, em que esboçavam mais o mundo espiritual que o tangível¹⁹². Dessa forma, à diferença do itinerário ao Extremo Oriente no qual o viandante, muitas vezes curioso, conjecturava conviver com monstros e riquezas, o deslocamento pelo “Território de Fronteira”, que abarcava a leste à Ásia Menor e a faixa sírio-palestinaiana¹⁹³, carregava a expectativa de entrar em contato com o Sacro. As narrações das relíquias abundam, então, em deslocamentos igualmente caracterizados pelo relacionamento com o não-familiar.

Tanto os deslocamentos pelo Oriente Próximo, quanto pelo Extremo Oriente, eram determinados com o contato diante do “não-familiar”. A entrada em um “Novo Mundo”¹⁹⁴, onde a natureza e as pessoas agiam de forma diferente, marcava os

¹⁸⁹ WITTKOWER, Rudolf. *Marvels of the East. A study in the History of Monsters*. **Journal of the Warburg and Courtauld Institutes**, vol. 5, 1942, pp. 166-168.

¹⁹⁰ De acordo com Jacques Le Goff, “para o homem medieval, o Oriente inicia-se a leste do Mediterrâneo, no Oriente Próximo” (LE GOFF, 2017, p. 126-127).

¹⁹¹ Assim como destaca George Kimble, no início da Idade Média, “manutenção, mais do que expansão era a palavra de ordem. O tom que prevaleceu foi, conseqüentemente, aquele de submissão à autoridade. Velhas opiniões vieram assumir maior importância que a realidade presente e o seu estudo era o único caminho que se acreditava ser seguro para atingir a verdade” (KIMBLE, 2005, pp. 73).

¹⁹² Márcia Siqueira Carvalho, explica-nos que a característica de esboçar o mundo espiritual, ao invés do sensível perdura por toda a Idade Média, sendo a representação do mundo baseada sobretudo na Bíblia (CARVALHO, 2013). Para mais informações a respeito da influência religiosa na percepção do mundo e na criação dos mapas, ver: BOORSTIN, Daniel J. *The prison of Christian dogma*. In: BOORSTIN, Daniel J. **The discovers: a history of man’s search to know his world and himself**. New York: Randon House, 1983, pp. 100-106.

¹⁹³ Para mais informações sobre o “Território de Fronteira”, ver: LOPES, Paulo Catarina. *Ordenar o mundo pela fronteira imaginada: o caso do Livro do Conhecimento*. **História de fronteira**, n. 2, 2016, p33-34.

¹⁹⁴ O “Novo Mundo” é descrito da seguinte maneira por Maria Adelina Amorim: “Um lugar não definido em termos geográficos, mas idealizado, um lugar para lá da fronteira que divide a Europa da Ásia, o mundo visível, do desconhecido” (AMORIM, 2002, p. 139). O viajante Guilherme de Rubruck, talvez, seja quem melhor demonstra a entrada neste “Novo Mundo” ao colocar que: “Quando penetramos em território desses bárbaros, pareceu-me que entrava em outro mundo, como disse acima” (RUBRUCK, 2005, p. 132).

viajantes, sendo as fronteiras variáveis¹⁹⁵. No caso de Jean de Mandeville, por exemplo, Constantinopla limita o fim da realidade conhecida:

E posto que este primeiro- Grécia- é diferente e discordante do nosso país na fé e nas leis, eu o mencionei aqui para que soubessem a peculiaridade que há entre nossa crença e a deles, pois muitos homens se deleitam e sentem prazer em ouvir falar sobre coisas estranhas (MANDEVILLE, 2007, p. 51).

Os gregos ortodoxos, portanto, tal qual os irlandeses, mesmo sendo cristãos fazem parte do não-familiar. O viajante expressa a elaboração de um “Nós” e “Outro”, como esclarecem alguns pesquisadores, tal qual Andrew Fleck¹⁹⁶ e A. C. Spearing Spearing, baseado em especial, “(...) mas não exclusivamente em termos de prática e crença religiosa – entre nós (Cristãos e Católicos) e eles (não Católicos ou Mulçumanos ou Pagãos)” (SPEARING, 2008, pp. 7)¹⁹⁷. Contudo, devido à especificidade da obra – o fato de seu autor não ter viajado -, não o podemos comparar com itinerantes reais, à semelhança de Marco Polo, pois, conforme esclarece Joan-Pau Rubiés:

(...) é necessário distinguir o livro de Marco Polo e o de Mandeville como as duas principais instâncias no desenvolvimento do gênero de

¹⁹⁵ De acordo com André Bazzana, a “reflexão sobre o conceito de ‘fronteira’ impõe um exame dos caracteres principais que aparecem, em casos diversos e distintos, através dos séculos medievais. Por ser desde a Antiguidade limite de um território, e vinculado com monges e fortalezas de poder e de espaços onde o exercia, a fronteira é uma realidade concreta (não um limite lineal e contínuo, se não uma imprecisa e particular), mas também é símbolo de um pertencimento militar ou político, o lugar onde ocorre sucede o desenvolvimento de movimentos contrários à expansão – produto da guerra e da paz -, uma região viva e dinâmica (atrativa) ou vazia e despovoada (repulsiva), zona de todos os perigos, ou zona em que surge uma sociedade nova (BAZZANA, 1994, p. 26. Tradução nossa). [No original: “reflexión sobre el concepto de ‘frontera’ impone un examen de los caracteres principales que aparecen, en casos diversos y distintos, a través de los siglos medievales. Por ser desde la Antigüedad límite de un territorio, y vinculación con monjes y fortines del poder y del espacio donde se ejerce, la frontera es una realidad concreta (no límite lineal y continua, sino zona imprecisa y particular), pero también es el símbolo de una posesión militar o política, el lugar donde intentan desarrollarse movimientos opuestos de expansión – producto de la guerra y prenda de la paz -, una región viva y dinámica (atractiva) o vacía y despoblada (repulsiva): zona ‘de todos los peligros’ o zona donde surge una sociedad nueva” (BAZZANA, 1994, p. 26)]. No caso da obra *Viagens de Jean de Mandeville*, na fronteira é que surgem as primeiras descrições das maravilhas, como a Cruz e a coroa de Jesus.

¹⁹⁶ Segundo Andrew Fleck, os Gregos Ortodoxos, para Jean de Mandeville, são uma dupla fronteira: “(...) geograficamente, os Gregos se posicionam entre a cultura europeia ocidental e as terras exóticas ocupadas por outros seres humanos; narrativamente, eles formam uma barreira, sobre a qual vão aparecer os seres cada vez mais estranhos que povoam a narrativa” (FLECK, 2000, p. 382. Tradução nossa). [No original: “(...) geographically, the Greeks stand between Western European culture and the exotic lands occupied by other human beings; narratively, they form a barrier, across which will appear the increasingly strange beings that populate the narrative” (FLECK, 2000, pp. 382)].

¹⁹⁷ No original: “[...] but not exclusively in terms of religious practice and believe – between us (Christian and Catholic) and them (non-Catholic or Muslims or Pagans)” (SPEARING, 2008, pp. 7).

literatura de viagem no Ocidente latino, em razão de ser inaceitável posicionar Mandeville como sendo um observador (o que ele nunca foi) com o mercador veneziano). Para entender as práticas etnográficas medievais, nós devemos comparar Marco Polo com as missões franciscanas e dominicanas, cujos relatos realmente refletiam sua experiência no sul da Índia e na China (RUBIÉS, 2004, p. 49)¹⁹⁸.

Portanto, apenas podemos perceber a maneira como constrói uma lógica fundada na compactação de uma alteridade oferecedora de sentido -ainda que às vezes intensificadora de estranheza – a um grupo determinado¹⁹⁹. A perspectiva de pertencimento à Cristandade recebe especial importância.

O termo *Cristandade*, o qual provém da palavra *Christianitas*, com raiz em *Christiani*, expressava os seguidores de Jesus Cristo nos primórdios do cristianismo, referindo-se sobretudo à noção de uma comunidade, da qual participavam os batizados²⁰⁰. O caráter inicial do termo, sem carregar motivações políticas, foi mudando ao longo dos séculos²⁰¹. No século XI, o vocábulo entrou em uso corrente, principalmente pelo Papado, uma vez que cada vez mais fortalecido pelo divórcio entre o *Sacerdotium* (sacerdócio) e o *Imperium* (Império), relegava ao concorrente a dessacralização enquanto tomava a iniciativa de uma governança em modelo monárquico frente a todos os povos cristãos do Ocidente²⁰². De acordo com Fernando Ponzi Ferrari, após esse período, firma-se a noção do que é ser “cristão” no interior das estruturas eclesiásticas, e, posteriormente, na estruturação das relações sociais

¹⁹⁸ No original: “(...) it is necessary to distinguish the book of Marco Polo and Mandeville as the two most important instances in the development of the genre of travel literature in Latin West it is nevertheless unacceptable to compare Mandeville as *observer* (which he never was) with the venetian Merchant. In order to understand medieval ethnographical practices, we must therefore compare Marco Polo with those Franciscan and Dominican missions whose accounts did actually reflect an experience in South India and China” (RUBIÉS, 2004, p. 49).

¹⁹⁹ HARTOG, François. **O espelho de Heródoto**: ensaio sobre a representação do outro. Belo Horizonte: UFMG, 2014, p. 242.

²⁰⁰ HUBEŇÁK, Florencio. *Christianitas*: ¿un vocablo o un período histórico? In: **Helmantica**: Revista de filología clásica y hebrea, Tomo 60, n. 181, 2009, pp. 109-136.

²⁰¹ Para mais informações a respeito da mudança do termo ao longo da Idade Média, seu entendimento no período e seu caráter identitário, ver: DAWSON, Christopher. **The formation of Christendom**. São Francisco: Ignatias Press, 2008; GREELHAAR, Tim. Talking about christianitas at the time of Innocent III (1198-1216): what does word use contribute to the history of concepts? **Contributions to History of Concepts**, vol. 10, 2015, pp. 7-28; GOMES, Francisco José. A Cristandade medieval entre o mito e a utopia. **Topoi**, vol. 3, Rio de Janeiro, 2002, pp. 221-231; RIQUELME JIMÉNEZ, Carlos José. Formación de la identidad europea en la Edad Media. In: GÓMES SÁNCHEZ, Yolanda; ALVARO PLANAS, Javier. (Orgs.). **Enseñar la idea Europa**. Madrid, España: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces S. A.; Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2005, pp. 45-70; TOLAN, John. Constructing Christendom. In: HUDSON, John; CRUMPLIN, Sally. (Orgs.). **The making of Europe**: essays in honor of Robert Bartlett. Boston: Koninklijke Brill, Leiden, 2016, p. 277-298.

²⁰² ARNALDI, Girolamo. Igreja e Papado. In: Le GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2017, p. 648.

laicas. As manifestações religiosas passam por uma rigidez, se tornando dependentes de regras formalmente estabelecidas e institucionalizadas, através, por exemplo, dos ritos. “A não adesão a essa estrutura passa a ser taxada como ‘desviante’, ‘selvagem’ e ‘bárbara’ por seus observadores mais severos” (FERRARI, 2019, pp.75).

Carregando a ideia de pertencimento à *Cristandade*, e tendo outras sociedades e culturas no papel de não-familiar, os viajantes ao rumarem ao Oriente levavam a expectativa de se maravilhar diante objetos maravilhosos e sacros, monstros, riquezas, povos desconhecidos e distintos ao longo do trajeto. Por vezes, o sentimento inicial era de medo, como exemplifica João de Pian del Carpini:

Mesmo com medo de sermos mortos ou aprisionados para sempre pelos tártaros e por outras nações, ou sermos atormentados pela fome, sede, frio, calor, injúrias e demasiados trabalhos além das forças -tudo isso nos sucedeu de diversas maneiras, mais do que creríamos, exceção feita da morte e da escravidão perpétua-, não nos poupamos, contudo, para podermos cumprir a vontade de Deus, segundo o mandato do senhor Papa (...) (CARPINI, 2005, pp. 29).

Por outro lado, a curiosidade, o prazer e o desejo de deslumbrar estimula o itinerante, impedindo-o, em alguns casos, de narrar todo o deslumbrado para que outro, igualmente aventureiro, tivesse algo a contar. É o que declara Jean de Mandeville:

Inclusive, nos países que visitei, há outras muitas diversidades que não pude mencionar, pois o relato alargar-se-ia muito se falasse de todas. E posto que tenha falado só de alguns países, espero que isso seja suficiente por hora. Se tivesse descrito tudo o que existe nas partes de lá, um outro homem que se preparasse e se aparelhasse para seguir esses caminhos e procurar descobrir aqueles países, poderia ser impedido por minhas palavras de contar muitas coisas estranhas, já que não poderia dizer nada novo que pudesse divertir ou deleitar quem o ouvisse (MANDEVILLE, 2007, p. 255).

Dessa forma, para além do *imago mundi* dos viajantes, observarmos a influência nas maneiras como se relacionavam com as coisas distintas associadas também ao contexto e aos impulsos para o deslocamento. João de Pian del Carpini, por exemplo, ao empreender a jornada após os primeiros e brutais contatos entre a Cristandade e os mongóis, apresenta o anseio e o medo diante de um povo pouco conhecido. Odorico de Pordenone, viajando algumas décadas depois, expressa menos receios, no entanto, investido de missão evangelizadora entre os infiéis, não

descreve o prazer de testemunhar pessoalmente a Terra Santa, tocando e beijando pedras e objetos antes em interação com Jesus Cristo. Algo distinto de Jean de Mandeville, cavaleiro em busca de aventuras, atuante em batalha a favor dos infiéis, à exemplo do Sultão e do Grande Cã, quem, na posição de peregrino, descreve a admiração diante das relíquias de Jerusalém.

No próximo tópico, perceberemos as diferentes motivações dos viajantes para rumarem ao Oriente, identificando os distintos sentimentos diante das maravilhas e da relação que Jean de Mandeville tem com os grupos de itinerantes.

2.3 Os viajantes em direção ao Oriente maravilhoso

A Cristandade, após o ano mil²⁰³, passa por um processo de crescimento comparável somente com o ocorrido ao longo do século XVIII²⁰⁴. No que concerne a uma plausível explicação para referido desenvolvimento, os pesquisadores convergem, existindo estudos descritivos que demonstram as modalidades, as múltiplas faces e a cronologia, mas sem, contudo, apresentar justificativas únicas²⁰⁵. Jérôme Baschet, por exemplo, apresenta a elucidação mais ampla do fenômeno, ou seja, as “causalidades sociais”, devido ao fato destas dizerem respeito

(...) às causas de possibilidades, ao mesmo tempo materiais e ideológicas, indispensáveis a um tal desenvolvimento produtivo, para além dos meios técnicos e humanos necessários para pô-lo em marcha (BASCHET, 2006, pp. 109).

Jacques Le Goff, de maneira mais minuciosa, aponta a intensificação dos empreendimentos agrícolas, na chamada “Revolução Agrícola”, cujo início, de forma lenta, sucede os séculos VII-VIII, acelerando após o ano mil, provocando, entre outras mudanças, o aumento nas áreas cultivadas, nos rendimentos, na variedade da produção e, conseqüentemente, na alimentação (LE GOFF, 2005, p. 45).

²⁰³ Conforme explica Eric R. Wolf, um observador da Europa no 800, a perceberia significativamente diferente em 1400, principalmente no que diz respeito ao vínculo com os povos oriundos de diferentes localidades, tal qual África e Ásia. O percurso desses 600 anos marcou o aumento da comunicação continental e intercontinental, resultado de processos internos e externos, os quais possibilitarem deslocamentos longínquos e próximos (WOLF, 2006, pp. 131).

²⁰⁴ BOIS, Guy. **La gran depresión medieval, siglos XIV-XV**: el precedente de una crisis sistemática. Madrid; Valencia: Biblioteca Nueva; Universidad de Valencia, 2006.

²⁰⁵ BOIS, Guy. **La gran depresión medieval, siglos XIV-XV**: el precedente de una crisis sistemática. Madrid; Valencia: Biblioteca Nueva; Universidad de Valencia, 2006.

Outras conjunturas, como o crescimento demográfico²⁰⁶, o aumento das atividades comerciais²⁰⁷ e a monetarização da sociedade²⁰⁸, foram igualmente importantes para uma Cristandade que estava sobretudo em movimento e expansão. Assim, naquele momento, camponeses cada vez mais rumavam de suas terras em busca de novos territórios para plantação²⁰⁹; aristocratas, movidos pelo desejo de aumentarem suas fortunas, seguiam em direção a distintos espaços²¹⁰; comerciantes cavaleiros, clérigos, entre outros, instigado por propósitos religiosos, se dirigiam à Jerusalém; universitários e acadêmicos iam a grandes centros do conhecimento²¹¹. Em suma, homens e mulheres viventes após o ano mil, na posição de viajantes²¹², se deslocavam em maior número em razões diversas, possibilitados por questões ideológicas e materiais dentro da Europa, tornando lugares antes pouco visitados em costumeiros destinos, tal qual o Oriente Próximo.

De fato, o Oriente Próximo desde 330²¹³ constitui destino de homens e mulheres que buscavam conhecer os lugares percorridos por Jesus Cristo. Contudo, os deslocamentos eram no primeiro momento em número pequeno²¹⁴, sendo somente

²⁰⁶ DANIEL-ROPS. **Historia de la iglesia de Cristo**. Tomo IV, La Catedral y la cruzada (Primera Parte). Madrid: Los amigos de la historia, 1970.

²⁰⁷ Para mais informações, ver: SAMPEDRO LÓPEZ, Roque. Comercio, instituciones y orden espontáneo durante la Plena Edad Media en el Occidente Medieval. **Sémata: Ciências Sociais e Humanidades**, n. 31, 28 ago. 2019, pp. 209-233; WOLF, Phillippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos**. São Paulo: Martins Fontes, 1988; WOOD, Diana. **El pensamiento económico medieval**. Barcelona: Editorial Crítica, 2003.

²⁰⁸ Conferir em: GUENÉE, Bernadn. **O Ocidente nos séculos XIV e XV: os estados**. São Paulo, SP: Pioneira, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981; REIS, Jaime Estevão dos. A matemática nos manuais de mercadores da Idade Média: uma análise do Zinbaldone de Canal. In: REIS, Jaime Estevão dos. **A Idade Média em debate: estudos das fontes**. Curitiba: CRU, 2019, pp. 123-140.

²⁰⁹ POLY, Jean-Pierre; VAUCHEZ, André; [et. al.]. **El despertar de la Europa**. Barcelona: Crítica, 2001

²¹⁰ BARTLETT, Robert. **La formación de Europa: conquista, colonización y cambio cultural, 950-1350**. Valencia, Granada: Universitat de València; Universidad de Granada, 2003, p. 46.

²¹¹ DANIEL-ROPS. **Historia de la iglesia de Cristo**. Tomo IV, La Catedral y la cruzada (Primera Parte). Madrid: Los amigos de la historia, 1970.

²¹² Pensando em um sentido mais profundo dos viajantes, ou seja, o homem como um itinerante na terra em direção a algo, alguns pesquisadores utilizam o termo *Homo viator*. Sobre o conceito de *Homo viator* na Idade Média ver: GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. El hombre medieval como 'homo viator': peregrinos y viajeros. **IV Semana de Estudios Medievales**, Najera, 1993. Instituto de Estudios Riojano, Lograño, 1994, pp. 11-30.

²¹³ Conforme coloca J. R. S. Phillips, a Terra Santa sempre teve importância central na história do Cristianismo, sendo visitada principalmente por peregrinos, os quais foram incentivados, "(...) para não dizer criados, pelo descobrimento em Jerusalém, no ano de 326 da nossa era, das relíquias da Verdadeira Cruz; encontrada pela mãe de Constantino, o primeiro Imperador cristão (PHILLIPS, 1994, p. 24. Tradução nossa). [No original: (...) por no decir que, en gran parte creado, por el descubrimiento en Jerusalén, en el año de 326 de nuestra era, de las reliquias de la Verdadera Cruz; hallazgo hecho por la madre de Constantino, el primer emperador cristiano" (PHILLIPS, 1994, p. 24)].

²¹⁴ Certamente, como esclarece Michel Sot, houve um certo exagero quando se colocou as dificuldades criadas pelos Califas Omíadas e Abássidas para justificar o número não elevado de viagens. Para além de alguns entraves, por exemplo, a devastação de Jerusalém pelo persa Cosroes II, os deslocamentos até o século X eram motivados, pois objetivava-se tirar proveito dos peregrinos por parte dos

após o século XI seu crescimento, em partes como exercício de penitência²¹⁵, mas, sobretudo, resultado das maiores facilidades oferecidas aos itinerantes tanto no caminho terrestre, passando por Constantinopla, quanto nas rotas marinhas, partindo dos portos italianos²¹⁶. À medida que adentravam na Ásia, conforme explica Joaquín M. Córdoba, esses peregrinos e comerciantes recuperam cada vez mais os mitos referentes aos luxuosos produtos, atraindo a curiosidade e a cobiça, redigindo obras cujas cores das roupas, a grandeza dos bazares e feiras, o aroma das madeiras, eram um dos centros das descrições (CÓRDOBA, 2007, pp. 88).

Paralelamente ao crescente interesse pelo Oriente Próximo por parte da Cristandade, visto os produtos de luxo²¹⁷ e aspectos religiosos, no Extremo Oriente “(...) se prepara um século XIII ameaçador para os sedentários, da Cristandade Ocidental à China, passando por Irã e Índia (CHAUNU, 1972, pp. 26)²¹⁸. Os mongóis, povo oriundo das estepes asiáticas, causadores inicialmente de pânico na Europa, e colocados, em um segundo momento, na posição de prováveis aliados contra os inimigos islâmicos, em razão de sua relativa tolerância ao Cristianismo, apresentam um distinto destino às viagens. Antes desconhecidas, àquelas regiões passam a ser mais visitadas, como demonstra João de Marignolli:

Antes do tempo dos tártaros, ninguém acreditava que a terra era habitável além deles, tampouco se acreditava que havia algum país além. Mas os tártaros, pela vontade de Deus, e com incrível esforço, cruzaram estas terras, e se encontram no que os filósofos chamam de zona tórrida e impassível (MARIGNOLLI, 1916, p. 213)²¹⁹.

mulçumanos. O fato dos Califas concederem a Carlos Magno um protetorado teórico sobre os lugares santos, indicava “o interesse reservado à peregrinação por parte dos cristãos e a relativa tolerância do islã” (SOT, 2017, pp. 398). Dessa forma, percebemos que o principal empecilho à viagem eram as questões internas da Cristandade.

²¹⁵ De acordo com Jean Flori, inicialmente, as peregrinações à Jerusalém não possuíam o mesmo sentido espiritual que recebeu nos séculos posteriores ao VIII (FLORI, 2017, p. 11-12).

²¹⁶ PHILLIPS, J. R. S. **La expansión medieval de Europa**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1994, p. 47.

²¹⁷ George Duby explica-nos que, após o século XII, ocorreu um crescimento na recusa do estilo de vida rústico à medida que os senhores saíam do isolamento agrário, resultando em tentativas de exibicionismos suntuosos, mediante, por exemplo, à ostentação de produtos de luxo oriundos do Oriente, levando ao aumento na procura desses produtos (DUBY, 1980, p. 193-194).

²¹⁸ No original: “(...) se prepara un siglo XIII amenazador para los sedentarios, de la Cristiandad occidental a China, pasando por Irán y la India” (CHAUNU, 1972, pp. 26).

²¹⁹ No Original: “Before the days of the Tartars nobody believed that the earth was habitable beyond these, nor indeed was it believed that there was any country at all beyond But the Tartars by God’s permission, and with wonderful exertion, did cross them, and found themselves in what the philosophers call the torrid and impassable zone (MARIGNOLLI, 1916, p. 213).

Impulsionados pela complacência mongol, comerciantes e mercadores perceberam a possibilidade de evangelizar ou comercializar. Percorrendo terras até então pouco conhecidas, e herdeiros de uma imagem do Oriente, buscavam as maravilhas presentes na Bíblia e as descritas por Julio Solino, Plínio, o Velho, entre outros. Muitas vezes se decepcionavam diante do deslumbrado, mas sempre se maravilhavam diante o não-familiar, seja da natureza, seja dos distintos costumes.

Nos próximos tópicos, perceberemos a relação dos viajantes com as maravilhas do Oriente, bem como os motivos de irem à determinadas localidades. Analisaremos os peregrinos, cavaleiros cruzados e os curiosos itinerantes, os quais para além de Jerusalém, desbravavam terras desconhecidas.

2.3.1 Os viajantes em direção ao Oriente maravilhoso: peregrinos

Os peregrinos, conforme aponta Adeline Rucquoi, formavam um grupo extremamente variado de viajantes na idade média: reis, nobres, cavaleiros, clérigos, camponeses, mercadores, comerciantes, entre outros, que a qualquer momento poderiam tomar alguma rota em direção a um lugar sagrado:

Não existe um ‘tipo’ de peregrino. Nem todos vão ao mesmo santuário. Nem todos seguem as mesmas motivações ou perseguem o mesmo objetivo. Nem todos são pobres ou ricos, procedem do campo ou das cidades, etc. De maneira diferente, se pode dizer que os peregrinos constituem um mundo, com a diversificação e a complexidade que envolve este termo e em pleno acordo com a concepção medieval de universo ‘múltiplo e desordenado’ de onde sai a ‘ordem divina’ (RUCQUOI, 1981, p. 82)²²⁰.

É necessário, portanto, compreender o sentido da palavra “peregrino”. De acordo com José García de Cortázar, desde a época clássica o termo “peregrino” caracteriza a realidade concreta do forasteiro, daquele que abandona voluntariamente o lugar de origem e se desloca a terras distantes. Designava, sobretudo, o viajante

²²⁰ No Original: “No existe un ‘tipo’ de peregrino. No todos van al mismo santuario. No todos obedecen a las mismas motivaciones o persiguen el mismo objetivo. No todos son pobres o ricos, proceden del campo o de las ciudades, etc. En cambio, se puede decir que los peregrinos constituyen un mundo, con la diversificación y la complejidad que encubre este término y en pleno acuerdo con la concepción medieval del universo ‘múltiple y desordenado’ de donde sale el ‘orden divino’” (RUCQUOI, 1981, p. 82)”.

“que se dirigia até algum lugar santo por motivos religiosos e em espírito de devoção” (GARCÍA CORTÁZAR, 1996, p. 9)²²¹.

A fé operante na procura por redenção e perdão dos pecados, bem como o desejo de conhecer os lugares sagrados, eram os principais motivos para a peregrinação. De acordo com Susani Silveira Lemos França:

Foi assim que ao longo de séculos muitos homens saíram de suas terras de origem em busca de perdão ou redenção. Exílio voluntário e recomendado, seu alvo era, sem dúvida, sublime: encontrar a si mesmo no caminho rumo a Deus. Movidos pela devoção religiosa, a trajetória que traçam é, em princípio, em busca de compreender sua própria existência e o seu papel no grande plano divino do qual estavam convencidos de que faziam parte (FRANÇA, 2017, p. 9).

De acordo com Mauro Beltrami, a peregrinação justifica-se “(...) com o fim de poder participar de uma vida futura agradável e perto de Deus” (BELTRAMI, 2011, p. 198)²²². Mas, o fato é que muitos peregrinos consideravam a vida como um caminho até o paraíso “celestial”, e o abandono das coisas mundanas formava o requisito fundamental à ascensão ao outro mundo, ao transcendente (HERNÁNDEZ, 2013, p. 69).

Todavia, nem todos os que empreenderam itinerários a lugares santos eram movidos por uma fé desinteressada, ligada à aproximação com Deus e ao aumento na crença²²³. Há um conjunto maior de viajantes que, em um momento ou outro, chegavam às portas dos santuários com variadas propensões, tornando difícil, às vezes, distingui-los dos verdadeiros peregrinos (RUCQUOI, 1981, p. 90). Feliciano Novoa Portela, por exemplo, coloca que no extremo oposto dos peregrinos, os quais respondiam a um chamado de Deus, estavam indivíduos que não passavam de itinerantes impulsionados por,

(...) vagabundagem: viajantes a nem uma parte ‘que dissimulado com as roupas de peregrinos e o bordão andavam pelo mundo para não trabalhar’. Outras vezes, o que os movia era o interesse de conhecer o mundo, em alguns momentos mediante seus próprios olhos, por exemplo, testemunhando as mesmas coisas que viram os

²²¹ No Original: “que se dirigía hacia algún lugar santo, por motivos religiosos y en espíritu de devoción” (GARCÍA CORTÁZAR, 1996, p. 9).

²²² No original: “[...] con el fin de poder participar de una vida futura agradable y cercana a Dios” (BELTRAMI, 2011, p. 198).

²²³ Em relação ao interesse religioso existente nas peregrinações podemos destacar, por exemplo, a busca por cura, o agradecimento de um “milagre”, entre outros.

protagonistas da Bíblia ou os lugares que morreram (NOVOA PORTELA, 2007, p. 161)²²⁴.

Margaret W. Labarge exemplifica essas peregrinações impulsionadas por motivações não religiosas, ao apontar um grupo de cavaleiros do século XIV, simpatizantes de John Wyclif. Para a autora, entre os nobres peregrinos, havia certa paixão pelas viagens e uma inquietude nunca satisfeita, potencializada tanto pela curiosidade natural de conhecer o mundo, quanto ao desejo de escapar de uma vida rotineira (LABARGE, 2000, p. 112).

Certamente, a ligação da peregrinação à vontade de conhecer o mundo foi resultado de uma secularização dos itinerantes. Porém, não podemos deixar de lado as mudanças contextuais, como as relacionadas ao pensamento e às sensibilidades²²⁵, as quais influenciaram, por exemplo, no crescimento da curiosidade nos itinerantes e no anseio por deslumbrar e narrar aspectos naturais dos lugares percorridos. De igual modo, da forma como nos esclarece Christian Zacher, diante das incertezas do século XIV os indivíduos passam por uma mudança intelectual, cujo exagero de os apontar possuidores de um conhecimento onde há o divórcio entre a fé e a ciência, não impossibilita de os indicar como detentores de um método indutivo, “(...) figurados tanto no final da Idade Média quanto no nascimento das angústias da Era Moderna” (ZACHER, 1976, pp. 9-11)²²⁶.

Muitos nobres peregrinos, nessa direção, empreenderam deslocamentos movidos por questões mundanas e, ao regressarem, encontravam um público ansioso por saber das coisas não muito diferente das que o fizeram viajar, ou seja, as curiosidades naturais do mundo e escapes da monotonia do dia a dia. O “maravilhoso” ao entrar no crescente interesse dos leitores, então, faz que muitos relatos e descrições de peregrinações não se limitassem unicamente a manifestar a fé dos viajantes, mas também servissem para divulgar lendas e mitos de caráter fantástico, informações “de novas terras, usos e costumes, ao mesmo tempo que estimularam o

²²⁴ No original: “[...] vagabundeos: viajeros a ninguna parte ‘que disimulados con el hábito de peregrinos y el bordón andan por el mundo por no trabajar’. Otras veces lo que movía al peregrino era el mero interés por conocer el mundo, por ver con sus ojos, por ejemplo, las mismas cosas que vieron los protagonistas de la Biblia o los lugares donde murieron” (NOVOA PORTELA, 2007, p. 161).

²²⁵ Conforme coloca Pierre CHAUNU, “é aí, no século XIV, que colocamos, sem hesitar, o início da Modernidade. De resto, toda a História do pensamento (veja-se a virada da escolástica medieval), da sensibilidade (veja-Huizinga), das formas (veja-se Chastel), convida-nos a dar primazia ao plano modificador do século XIV” (CHAUNU, 1976, p. 113).

²²⁶ No original: “(...) figured crucially in both the waning of the Middle Ages and the birth pangs of the modern era” (ZACHER, 1976, pp. 9-11).

gosto europeu de sair à procura de novas terras e emoções” (CRISTÓVÃO, 2002, p. 39).

Jean de Mandeville, itinerante a lugares do “Além-Mar”, em busca de aventuras, demonstra o desejo do público tanto de conhecer a Terra Santa, quanto de saber sobre as maravilhas das localidades distantes. Amplamente difundida em fins do medievo, a obra apresenta características comuns aos “Guias de Peregrinação”. Assim, por exemplo, o cavaleiro incita os leitores a rumarem a Jerusalém em busca de riquezas e peripécias, descreve minuciosamente as diferentes relíquias e lugares sagrados existentes ao longo da jornada, bem como apresenta as melhores rotas:

Agora, falar-vos-ei do caminho mais rápido para ir a Jerusalém, pois alguns que vão para lá não têm intenção de visitar outros lugares, ou porque não têm dinheiro suficiente, ou porque não podem suportar tão longa viagem, ou porque receiam atravessar o deserto, ou porque têm pressa para reencontrar suas mulheres e filhos, ou por alguma outra causa razoável. Por isso, mostrar-vos-ei como se pode viajar mais e fazer a peregrinação a Jerusalém no menor tempo possível (MANDEVILLE, 2007, p. 127).

Ao mesmo tempo que carrega características semelhantes aos “Guias de peregrinação”, *Viagens de Jean de Mandeville* se distingue em razão de apresentar uma concepção diferente do maravilhoso. Extrapolando com lendas e relatos fantásticos, Jean de Mandeville expressa narrações admiráveis não relativas ao sacro, como ocorre no relato da cobra existente na ilha da Sicília:

Na Sicília, existe um tipo de serpente que é usada para testar se os filhos de alguém são bastardos ou legítimos. Se os filhos nasceram do matrimônio legítimo, as serpentes se movem em torno deles sem fazer-lhes nenhum mal, porém, se nasceram de adultério, as serpentes os picam e os envenenam (MANDEVILLE, 2007, p.76).

Assim, seja diante fenômenos maravilhoso sacros, seja diante de fenômenos profanos, fato é que o sentimento se centra, sobretudo, nos aspectos religiosos. Carregando, na Primeira Parte da obra, a imagem de um Oriente ligado, em especial à Bíblia, Jean de Mandeville não deixa, no prazer de estar na terra em que mártires e personagens bíblicos estiveram, de manifestar a religiosidade do homem medieval exteriorizando o grande simbolismo de experienciar aquela região. Renata Cristina de Souza Nascimento, evidencia a condição espiritual dos peregrinos ao entender que por estarem presencialmente nos locais da vida e paixão de Cristo, os indivíduos

gozavam, representativamente, da oportunidade de vivenciar o sacrifício feito por Jesus para com a humanidade. Entretanto, apenas testemunhar e experienciar as passagens presentes nas sagradas escrituras não era suficiente, a autora ressalta, para além, a necessidade de venerar as relíquias tidas como proporcionadoras de uma comunicação direta com Deus (NASCIMENTO, 2017, p. 73).

Em concordância à Hilário Franco Junior, portanto, observamos as peregrinações medievais cumprindo um papel duplo: “(...) ser uma forma de penitencia e levar os indivíduos ao contato com as relíquias” (JÚNIOR, 1997, p. 32-33). Ademais, de referido caráter espiritual, havia em fins do medievo também os interesses profanos, a título de exemplo destacamos a natural curiosidade de conhecer o mundo, e a procura por emoções.

Outro grupo de viajantes que ao longo dos séculos XI-XIV rumaram ao Oriente Próximo foram os Cruzados. Peregrinos armados, buscavam, ora a redenção dos pecados, ora aventuras e riquezas. Libertar Jerusalém era um dos principais objetivos, mesmo que em finais do medievo houvessem outras pretensões, desses itinerantes muitas vezes possuidores de ideais cavaleiresco²²⁷. No tópico a seguir os analisaremos.

2.3.2 Os viajantes em direção ao Oriente maravilhoso: cavaleiros e cruzados

No introito é relevante destacar a situação das “Cruzadas” naquele momento. A queda de Acre em 1291 e a expulsão dos Francos da Síria eram fatos tidos por muitos na posição tanto de temporários, quanto de punição divina, sendo questão apenas de purificação espiritual e de reorganização dos cristãos para uma retomada dos territórios perdidos²²⁸. Já para outros, a experiência ocidental no “além-Mar” estava acabando. Essa consciência causava dor e sofrimento, mas não surpresa, uma vez que, nas palavras de Jean de Mandeville:

(...) hoje em dia, o orgulho, a cobiça e a inveja têm inflamado tanto o coração dos senhores da terra, que estão mais preocupados em deserdar seus vizinhos do que em disputar ou conquistar sua

²²⁷ Não podemos deixar de lado o destacado por Jean Flori, para o qual, “a cruzada não é a cavalaria! Os cavaleiros não são todos cruzados e quando dela participam, é por uma espécie de penitência, para remir os pecados de... sua cavalaria!”. (FLORI, 2017, p. 219).

²²⁸ ESPADA, Antonio García. **Marco Polo y las Cruzadas**. Historia de la Literatura de viajes a las Indias en el siglo XIV. Madrid: Marcial Pons História, 2009.

verdadeira herança, antes referida. E a gente comum, que estaria disposta a entregar seu corpo e suas propriedades para conquistar nossa herança, sem um chefe ou um senhor é como um rebanho de ovelhas sem um pastor, que se separa e dispersa sem saber para onde ir nem o que fazer. Mas queira Nosso Santo Pai que os senhores temporais entrem em acordo e com suas gentes empreendam essa santa Viagem para além mar! (MANDEVILLE, 2007, pp. 34-35).

Vontade divina ou não, fato é que ao longo do século XIV, poucos foram os empreendimentos destinados a retomarem à Terra Santa, dos quais se destacam, por exemplo, o realizado por Felipe IV (1285-1314) e por Felipe VI da França (1328-1350), respectivamente nos anos de 1313 a 1331 (JASPERT, 2020, p. 82). Ambas as empreitadas, sem sucesso, não conseguiram ascender um fervor popular religioso, tal qual o ocorrido na Primeira e Terceira Cruzadas, demonstrando novos interesses dos europeus, como os conflitos internos por partes dos senhores, e certo temor dos camponeses diante da possibilidade de que a Guerra Santa adquirisse teores políticos. Conforme explica Steve Runcinam, nesse momento, o domínio da Cristandade no ultramar estava acabando, seu desaparecimento causava dor e sofrimento, mas não surpresa, haja vista as comodidades e prosperidades da Europa guiarem para distintos objetivos (RUNCINHAM, 1999, p. 425).

Assim, enquanto as Cruzadas como empreitada coletiva no Ocidente iam findando durante os séculos XIV e XV²²⁹, cresciam, em paralelo, os textos escritos destinados a descrever possíveis táticas de guerra para recuperar a Terra Santa, resultado do crescente interesse por parte da Cristandade em saber sobre o Oriente²³⁰. Ditas obras redigidas por iniciativas individuais, pelos membros dos mais variados setores sociais, eram resultado, sobretudo, das lembranças da experiência latina no Oriente Próximo, bem como da inaceitável derrota na Palestina²³¹. Outras fontes documentais produzidas naquele momento²³² demonstram que após a queda

²²⁹ Conforme aponta PHILLIPS, a ideia de Cruzada sobrevive à derrota de 1291, adotando novas formas nos séculos XIV e XV (PHILLIPS, 1994, p. 77).

²³⁰ ESPADA (2009) relaciona referido “Tratados” com as “Descrições das Índias” produzidas contemporaneamente. Além do mais, o autor observa as obras propagandistas a novas cruzadas como relacionadas ao crescimento no interesse da Cristandade para com o Oriente.

²³¹ Ver: GARCÍA ESPADA, Antonio. **Marco Polo y las Cruzadas**. Historia de la Literatura de viajes a las Indias en el siglo XIV. Madrid: Editorial Pons Historia, 2009.

²³² ESPADA (2009) destaca, por exemplo, “o aumento de predicadores para recrutar combatentes e outros recursos materiais; o aumento das imposições fiscais para custear novas expedições; na intensificação das negociações com este fim entre o papa, o rei da França e as repúblicas italianas; na profusão de movimentos populares conhecidos como ‘as cruzadas dos pobres’, ou, por exemplo, na promulgação do primeiro ano do jubileu em 1300 (ESPAÑA, 2009, p. 47. Tradução nossa). [No original: “el aumento de predicadores para reclutar combatientes y otros recursos materiales; en el aumento de las imposiciones fiscales para costear nuevas expediciones; en la intensificación de las negociaciones

de Acre em 1291 o sonho de uma nova cruzada segue vivo nas mentes europeias²³³, mas agora o desejo provocava mais palavras eloquentes do que verdadeiros entusiasmos²³⁴.

A vontade de reconquistar Jerusalém repercute em *Viagens de Jean de Mandeville*. Entretanto, como aponta Malcolm Letts:

Mandeville tinha uma ideia definida de propaganda em sua cabeça, ou ele nem imaginava por um momento que seu livro teria algum uso prático para homens de ação. Ele estava preocupado somente com as necessidades dos peregrinos e com a preservação dos locais da Terra Santa (LETTS, 1949, p. 42)²³⁵.

A preservação de Jerusalém é tida por Jean de Mandeville, como obrigação de todos os cristãos porque:

Entre as terras de além mar, aquela chamada de Terra Santa e conhecida como Terra Prometida é a mais digna e a mais excelente, senhora e soberana de todas as demais, e é abençoada, santificada e consagrada com o preciosos corpo e sangue de nosso Senhor Jesus Cristo, pois nela foi de sua vontade receber a carne e o sangue da Virgem Maria e por ela caminhou, palmilhando-a com seus benditos pés. Ali, quis ser gerado na bendita e gloriosa Virgem, tornando-se homem, e quis fazer muitos milagres, pregar e ensinar a fé e a religião cristã como se fosse a seus filhos; e ali ele aceitou receber muitas reprovações e escárnios de todos nós. E ele, que era chamado rei do céu, da terra, do ar e do mar e de todas as coisas contidas nisso, quis ser chamado rei, em especial dessa terra, ao dizer: *Rex sum Judeorum* (MANDEVILLE, 2007, p. 33).

Assim, devido ao fato de ter sido a terra escolhida por Jesus para sofrer sua paixão, há na percepção do viajante, certa conciliação entre o serviço prestado a Deus

a este fin entre el papa, el rey de Francia, y las repúblicas italianas; en la profusión de movimientos populares conocidos como 'las cruzadas de los pobres', o, por ejemplo, en la promulgación del primer año jubileo en 1300" (ESPADA, 2009, p. 47)].

²³³ Embora vivo, o desejo de uma nova cruzada esbarra em obstáculos, visto, como coloca Jacques Le Goff, a perda do interesse por causa das contínuas derrotas sofridas pelos cristãos, a crescente dedicação dos soberanos a conflitos internos mais do que na luta contra o infiel, e a mudança na concepção ideológica identificadora – antes, Jerusalém fazia parte da Cristandade enquanto identidade, agora, dados os progressos no Ocidente cristão, não. Fatores esses que resultaram no interesse europeu dentro de seu próprio território, transformando a Terra Santa em um sonho a ser alcançado (LE GOFF, 2011, p. 99).

²³⁴ LABARGE, Margaret W. **Viajeros medievales**: los ricos y los insatisfechos. Madrid, España: Nerea, 2000, p. 157-158.

²³⁵ No original: "Mandeville had any definite idea of propaganda in his mind, or that he imagined for a moment that his book would be of any practical use to men of action. He was concerned only with the needs of pilgrims and the preservation of the Holy Land places" (LETTS, 1949, p. 42).

ou à Virgem Maria, com aqueles obrigatoriamente prestados por parte dos cavaleiros aos senhores feudais, tal qual observamos na seguinte passagem:

Daí devermos um tal senhor amar e honrar, temer e servir, e essa santa Terra honrar e exaltar, pois nos proporcionou o fruto pelo qual todo homem pode ser salvo, a menos que seja negligente. Bem deve essa terra ser chamada deleitável e fértil, pois foi banhada e embebida pelo precioso sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo, e nos foi prometida como herança. E essa terra, onde morreria, ele tomou para deixá-la a seus filhos. Cada bom cristão, portanto, deve se empenhar em conquistar nossa herança legítima, expulsando todos os infiéis e se apropriando dela, pois nós somos chamados cristãos, em razão de nosso pai. E se somos filhos justo de Cristo, devemos reivindicar a herança que nosso Pai nos deixou e tomá-la das mãos dos infiéis (MANDEVILLE, 2007, p. 34).

Enfim, seja circunstanciado pelas peregrinações, seja para entreter o público leitor²³⁶, fato é que tais fundamentos ligados às Cruzadas fazem parte do “sentir cruzado-cavaleiresco” característico da cavalaria medieval²³⁷, presente no livro *Viagens de Jean de Mandeville*.

Para Johan Huzinga, o florescimento do “ideal cavaleiresco” se emparelha, no primeiro momento, nas ordens monásticas do tempo das Cruzadas, como nos Templários, tidos como cavaleiros errantes, livres de ligações terrenas²³⁸. Já na aspiração à “vida bela”, a concepção cavaleiresca é essencialmente estética, que também almeja ser ética²³⁹, em que se destaca a honra, o orgulho, a coragem e a aspiração à glória e à fama (HUZINGA, 2013, p. 99-103).

Além das acepções éticas, outra importante característica do “ideal cavaleiresco” é a constante busca por aventuras. Como assinala Regina Michelli Ferretti, o mundo exercia uma tentadora atração aos cavaleiros, estimulando-os a viajar. Os imprevistos encontrados durante os deslocamentos formulavam o principal fundamento da existência desse grupo de itinerantes, representando tarefas a serem realizadas. Os principais desafios, sobre o qual as peripécias adquiriam subsistência,

²³⁶ BENNET, Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953, p. 70-72.

²³⁷ Outras características existem, como o martírio e a peregrinação. Para mais informações, ver: CARDINI, Franco. O guerreiro e o cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques. **O homem medieval**. Lisboa: Editorial Presença, 1961, p. 68.

²³⁸ O personagem Jean de Mandeville foi criado ao longo da narrativa da obra na forma de um cavaleiro “errante” o qual ruma da Europa a localidades desconhecidas em busca de aventuras.

²³⁹ Huzinga (2013) destaca o fato de o ideal cavaleiresco muitas vezes ser usado como base para críticas à sociedade da época. Tal fato sucede no livro *Los viajes de Sir John de Mandeville*.

eram ligados sobretudo ao “maravilhoso”, fazendo que as aventuras e maravilhas se confundissem no mundo em que o cavaleiro se insere (FERRETTI, 1995, p. 80-81).

Envoltos em uma concepção de mundo na qual uma linha tênue de admiração os separa, os cavaleiros medievais tinham a vida em forma de aventura carregada de uma acepção de cosmo exótico, local de encontro com seres extraordinários, como fadas e duendes, e de encontros com seres monstruosos, tal qual os desenhados nas margens dos manuscritos ou inventariados nos bestiários de animais admiráveis²⁴⁰. O Oriente, então, na posição de horizonte onírico e mítico formula uma fonte para o maravilhoso desses viajantes.

Franco Cardini explica-nos que os cantares e os romances cavaleirescos recebem o fascínio da Ásia existente naquele contexto e propagam, em nível popular, lendas como a do Paraíso Terrestre, do velho da montanha, dos países das Amazonas, entre outros. Para além, é importante ressaltar o fato de que o Oriente se localiza mais adiante de Jerusalém, incluindo os territórios habitados por monstros, repletos de tesouros e de residência de homens lendários, como o Preste João (CARDINI, 1981, pp. 68-69).

No próximo tópico, analisaremos o contexto dos primeiros contatos entre o Ocidente e o Oriente Longínquo, percebendo as motivações dos itinerantes, as imagens do mundo carregadas, e a relação com as maravilhas observadas, ou não.

2.3.3 Os viajantes em direção ao Oriente maravilhoso: missionários e mercadores

O crescente número de peregrinos e cruzados após o século XI torna as terras localizadas no Oriente Próximo mais familiares da Cristandade. Porém, de modo distintos, as regiões para além de Jerusalém ainda eram pouco conhecidas. Não ignoradas²⁴¹, eram tidas como a localização dos mistérios, das lendas, habitat de raças monstruosas, de homens e de animais maravilhosos, descritos tanto pelas “autoridades” da Antiguidade, quanto por seus sucessores da Alta Idade Média.

²⁴⁰ DOMÉNECH, José Enrique Ruiz. Los viajes militares: expediciones y operaciones guerreras. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Barcelona, España: Lunwerg Editores y CSIC, 2007, p. 127.

²⁴¹ Ver: CLARAMUNT, Salvador. Los viajeros y los viajes nexos de unión entre Oriente y Occidente. **Boletín de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona**, nº. 43, 1992, p. 195-210.

Ao longo do século XII, entretanto, surgem acontecimentos revitalizantes para o crescimento no interesse europeu pela Ásia longínqua. J. R. S. Phillips (1994) explica que, em 1160, após inúmeros boatos, a Cristandade acreditava na existência de um rei oriundo de regiões desconhecidas do continente asiático cuja ajuda levaria ao triunfo sobre os inimigos. Os rumores não eram novos, possuíam base na crença difundida posteriormente ao século III da ida de São Tomás ao Oriente, visando propagar o Evangelho, mas com as progressivas dificuldades impostas pelo oponente, ela ganha cada vez mais força. Os anos entre 1218 e 1221 foram ainda mais importantes, haja vista que líderes religiosos, a fim de recuperar o ânimo dos Cruzados, começaram a transmitir a expectativa de uma colaboração exterior, que estava prestes a atravessar a Pérsia²⁴² (PHILLIPS, 1994, p. 81-85).

Nessa direção, tirando o estapafúrdio erro referente à datação da História Mongol²⁴³, Salvador Claramut (1992) há de ter razão ao colocar que inicialmente os mongóis puderam ser vistos como prováveis aliados, ou até mesmo Gengis Kan, descrito como Preste João. Assim, provavelmente, autores que escreveram entre 1218 e 1221 haviam escutado rumores da expansão de um povo oriundo do centro asiático, creditando a eles a ajuda contra os inimigos mulçumanos.

Todavia, os primeiros contatos entre o Império Mongol e a Cristandade acabaram, no primeiro momento, com as esperanças da possível colaboração, uma vez que os ataques, além de rápidos, saindo da conquista da China em 1214 para a Hungria em 1241, eram, também, acompanhados por atrocidades às margens da Europa.

Mas a terrível invasão mongol acabou tão repentinamente como havia começado. Um dia nos finais do inverno de 1242, que para os cristãos europeus deve ter sido, sem dúvida, o primeiro de uma adiantada

²⁴² Importante destacar a existência da crença de reis que salvariam a Cristandade, como Preste João e David, havia também a perspectiva da futura vinda do Oriente de povos que destruiriam a Europa, como, os Gog e os Magog, com os quais os mongóis são relacionados naquele momento.

²⁴³ Salvador Claramut coloca que “na época mesma da queda de Edesa (1141), que sucedeu a Segunda cruzada, havia crescido a notícia da primeira vitória mongol frente aos turcos selyugues, mulçumanos em Samarcanda três anos antes. Foi esse episódio em que a lenda se atribuiu a Gengis Cã. Se configurou então que o vencedor era o famoso e místico Preste João, eterno aliado dos Ocidentais (CLARAMUT, 1992, p. 200. Tradução nossa). No original: “en la época misma de la caída de Edesa (1141), que suscitó la segunda cruzada, se había extendido la noticia de la primera victoria mongol aganada sobre los turcos selyuquíes musulmanes en Samarcanda tres años antes (1141). Fue este episodio el que la leyenda atribuyó a Gengis Khan. Se configuró entonces que el vencedor era el famoso y mítico Prese Juan, eterno aliado de los Occidentales” (CLARAMUT, 1992, p. 200). Todavia, como GARCÍA ESPADA (2017) coloca, provavelmente Gengis Khan nasceu em 1162. Para mais informações, ver GARCÍA ESPADA, Antonio. **El império Mongol**. Madrid: Editorial Síntesis, 2017.

primavera, os mongóis desapareceram e a ameaça de destruição da Europa se dissipou no momento, mostrando nos anos seguintes que não voltaria (ACOSTA, 1992, p. 104-105)²⁴⁴.

O repentino desaparecimento dos agressores foi causado pela morte do principal líder, Grã Ogadai, e pela conseqüente necessidade de reunir os principais comandantes para a eleição de um novo “Kan”. A Cristandade, interpretando o acontecimento como um “milagre”, observa a utilidade de conhecer os Mongóis a fim de melhor se defender, caso houvesse novos ataques²⁴⁵. Assim, no ano de 1245 foi enviado o frade João de Pian del Carpini, a mando da “Sé Católica”, à terra dos Tártaros com a finalidade de instruir todo os cristãos sobre as vontades e intenções dos “Tártaros”.

Alguns anos depois, em 1253, outro viajante rumo da Cristandade em direção ao Extremo Oriente. Enviado por Luís IX, o franciscano Guilherme de Rubruc, tal qual o soberano, acreditava na simpatia de alguns príncipes mongóis pelos Cristãos, vendo-os como prováveis aliados contra os inimigos mulçumanos. Segundo Folker Reichert, “a embaixada de um governador no Cáucaso e alguns maus entendidos haviam sugerido essa ideia” (REICHERT, 2007, p. 204)²⁴⁶.

Entre os quase 10 anos que separam as viagens de Carpini e Rubruc, o espírito missionário muda, haja vista, por exemplo, entre outros pontos, que foi o primeiro terminar sua obra incitando uma Cruzada contra os Tártaros, e o segundo, mais modesto, a propor o envio de missões evangelizadoras e embaixadas às terras localizadas no Extremo Oriente. Isso ocorre muito por questões contextuais referentes à relação entre os Mongóis e a Cristandade. João de Pian del Carpini, ao viajar, envia uma carta do Papa para o Grã Khan questionando- o sobre os brutais ataques feitos às margens da Cristandade, recebendo áspera resposta. Por outro lado, o itinerário de Guilherme de Rubruc sucedeu a tentativas frustradas de aliança contra os

²⁴⁴ No original: “Pero la terrible invasión mongola cesó tan repentinamente como había empezado. Un día de fines del invierno de 1242, que para los cristianos europeos debe haber sido sin duda el primer de una adelantada primavera, los mongoles desaparecieron y la amenaza de destrucción de Europa se disipó por el momento, aunque los años que siguieron mostraron que ya no volvería” (ACOSTA, 1992, p. 104-105)”.

²⁴⁵ REICHERT, Folker. Los viajes políticos: Embajadas y diplomacia. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Barcelona, España: Lunwerg Editores y CSIC; 2007, p. 201.

²⁴⁶ No original: “la embajada de un gobernador en el Cáucaso y algunos malentendidos habían sugerido esta idea” (REICHERT, 2007, p. 204)”.

turcos²⁴⁷, bem como ao crescente interesse por parte da Igreja em converter os mongóis ao cristianismo.

A crescente perspectiva de evangelizar os mongóis diminuiu com as decisões do II Concílio de Lyon, realizado em 1274²⁴⁸. O revés sucede à eleição ao Papado do franciscano Jersome Ascoli, que recebe o nome de Nicolau IV, o qual empreende considerável mudança no espírito missionário do Ocidente²⁴⁹. Novamente a expectativa de evangelizar os habitantes das estepes asiáticas cresce, resultando no envio, em 1289, do franciscano João de Montecorvino à China com o objetivo de converter os Tártaros ao Cristianismo.

Assim, observamos contatos iniciais entre a Cristandade, o Extremo Oriente e a Ásia, realizados por missionários. Nas décadas finais do século XIII, mercadores também passaram a registrar suas viagens, como Marco Polo que relatou as experiências em terras chinesas. Atentos aos aspectos geográficos, sociais, culturais e econômicos, esses primeiros viajantes curiosos, imaginavam uma Ásia repleta das maravilhas descritas por escritores da Antiguidade, muitas vezes não encontrando-as²⁵⁰: “Indaguei sobre os monstros ou homens monstruosos, dos quais falam Isidoro e Solino. Eles me disseram que nunca viram tais coisas, e desconfiamos muito que aquilo seja verdade” (RUBRUC, 2005, p. 195).

Em outros momentos, alguns seres que se esperava causar admiração, são completamente diferentes, como os pigmeus descritos por Marco Polo:

²⁴⁷ Como coloca Andréa Doré, três anos após o retorno de Carpini, Luís IX recebe em Chipre dois embaixadores nestorianos que propunham, por parte do Imperador Mongol, uma aliança contra os turcos. A resposta do rei ficou encarregada ao dominicano André Longjumeau, o qual, no acampamento, encontrou a viúva de Guyuk que considerou a carta do rei uma prova de submissão (DORÉ, 2008, p. 6).

²⁴⁸ Segundo Antonio García Espada “(...) o III Concilio de Lion se configurou um duro golpe ao movimento espiritual, abolindo um bom número de ordens mendicantes, reprimindo severamente as quatro sobreviventes (franciscanos, dominicanos, agostinianos e carmelitas) e cuidando de seus membro mais extremos cujos líderes (Angel Clarena, Ubertino de Cosale, Tomás de Celano e Tomás de Tolentino, os conhecidos *Fratricelli dele Marche*) planejaram desafios ao monopólio espiritual da igreja em várias frentes (GARCÍA ESPADA, 2017, p. 280. Tradução nossa). No original: “(...) el II Concilio de Lyon asestó un duro golpe al movimiento espiritual aboliendo un bueno número de ordenes mendicantes, amonestando severamente a las cuatro supervivientes (franciscanos, dominicos, agostinos y carmelitas) y encalando a sus miembros más recalcitrantes, cuyos líderes (Ángel Clarena, Ubertino de Cosale, Tomás de Celano y Tomás de Tolentino, los conocidos *Fratricelli dele Marche*) plantearon serios desafíos al monopolio espiritual de la Iglesia en varios frentes (GARCÍA ESPADA, 2017, p. 280).

²⁴⁹ JACKSON, Peter, **The Mongol and the West: 1221-1410**. Londres, Longman, 2005, p. 431.

²⁵⁰ João de Montecorvino, por exemplo, procura o Paraíso Terrestre: “Sobre o que admirar nos homens, comparados aos outros, sobre os animais e o paraíso terrestre, perguntei e procurei muito. Nada pude encontrar” (MONTECORVINO, 2005, p. 255).

Quero desmentir o que dizem dos pigmeus das Índias. Há, na realidade, nesta ilha, uma espécie de macacos muito pequenos, com cara como a dos homens. Os indígenas apanham-nos e arrancam-lhes todo o pelo, menos o da barba e de outros lugares, à semelhança dos homens; matam-nos e fazem-nos secar e curtem-lhes a pele com cânfora e outras espécies, para que não apodreçam, nem deitem mau cheiro. E assim curtidos e pelados, os apresentam à venda e isso tem feito acreditar que são homens. Mas, a verdade é que nunca se viu na Índia um homem, mesmo pequeno, que seja desse tamanho (POLO, 1985, p. 195).

Enfim, confirmando ou contestando o imaginário e os conhecimentos antigos, os viajantes apresentam um Oriente não menos carregado de objetos dignos de causar o maravilhamento, sentimento este que permanece nos viajantes do século XIV, como Odorico de Pordenone. Assim, a *admiratio*, por exemplo, está em feitos milagrosos, no não-familiar e, sobretudo, em tudo aquilo relacionado ao Grande Cã. As festas e a corte do Grande Cã são descritas de maneira espantosa em virtude de suas riquezas, de sua grandeza e também de coisas inexplicáveis, tal qual observamos nos pavões feitos de ouro, os quais se mexem diante das palmas, resultado, de acordo com Odorico de Pordenone, de ação demoníaca²⁵¹, mas descrito por Jean de Mandeville da seguinte maneira: “Não sei se isso se dá por meio de algum instrumento ou por nigromancia, porém, o que se pode dizer é que é prazeroso contemplar. É uma grande maravilha, seja lá pelo que for” (MANDEVILLE, 2005, p. 193).

Há outras diferenças entre Odorico de Pordenone e Jean de Mandeville, assim como do segundo para com outros itinerantes do contexto, em especial, relacionadas ao fato deste não ter viajado. Contudo, percebemos em Jean de Mandeville, a descrição de um Oriente distinto, onde as imagens antigas se mesclam às oferecidas pelas novas jornadas. A preocupação, por exemplo, do autor em construir um personagem cujas emoções, como o maravilhamento, expressa aspectos associados a distintos sentimentos, tais quais o medo e o prazer, e também aos sentidos, isso é, ao toque, ao cheiro, ao sabor, à visão e à audição, refletem a especificidade do contato com as terras asiáticas.

²⁵¹ “Quando algum tártaro quer fazer uma festa ao senhor, aqueles que estão ali batem-se mutuamente as mãos e, então, os pavões abrem suas asas e parecem dançar. Isso acontece por ação diabólica ou por um artifício que está sob a terra” (PORDENONE, 2005, p. 322).

CAPÍTULO III. A MARAVILHOSA EXPERIÊNCIA DE JEAN DE MANDEVILLE NAS TERRAS DISTANTES

No primeiro capítulo, discutimos sobre os escritos de viagens produzidos ao longo dos séculos XIII ao XV, centrando na fonte da dissertação, *Viagens de Jean de Mandeville*, bem como sobre sua especificidade em relação a outros textos. Esboçamos, igualmente, a escolha da versão utilizada no presente estudo e a problemática relativa aos distintos manuscritos, concomitante com o debate referente ao conteúdo do livro, para em seguida adentrarmos no contexto dos viajantes, abordagem realizada no Segundo Capítulo. Dissertamos, então, sobre a criação de Jean de Mandeville na posição de aventureiro e curioso, ao mesmo tempo que analisamos o imaginário do Oriente, refletido igualmente nos distintos itinerantes: peregrinos, mercadores e missionários, cujo cavaleiro Mandeville em muito se assemelha.

Neste capítulo, pretendemos responder as seguintes questões: Quais outros sentimentos e sentidos estavam associados à admiração do personagem? O que provoca maravilhamento em Jean de Mandeville?

Para tanto, iniciaremos a discussão apresentando o “estado da questão” dos estudos do maravilhoso e do maravilhamento, situando-os nos campos historiográficos, apresentando a relação entre o imaginário e o sentimento, bem como a especificidade de cada qual. Em seguida, esboçaremos o sentido que a admiração assume no contexto de Jean de Mandeville, demonstrando a análise conceitual e a problemática relativa aos sentimentos narrados pelo cavaleiro, viajante fictício.

Por fim, abordaremos a admiração em três distintos momentos: frente aos objetos associados ao religioso, sejam cristãos, sejam pagãos; diante os animais, frutas e madeiras; bem como a interação com os seres possuidores de deformidades físicas.

3.1 O maravilhoso e o maravilhamento na Idade Média: o “estado da questão”

Certamente, como esclarece Márcia Janete Espig, reconstruir a historicidade do campo do imaginário encerra dificuldades, uma vez que seus estudos remontam a

distintos pesquisadores²⁵² (ESPIG, 1998, p. 161). No entanto, conforme explica-nos Susani Silveira Lemos França, somente recentemente esse domínio de investigação distanciou-se das análises condicionadas pelo fantasioso e pelo irracional defendidas pelos positivistas, para adentrar no âmbito da política, da ciência, dos gestos, das vestes e dos alimentos, ou seja, na esfera dos fenômenos sociais oferecedores de sentido a determinado mundo (FRANÇA, 2016, 173-174).

Portanto, a preocupação da “História do Imaginário” na atualidade, mesmo centrada nos modelos excedentes aos limites impostos pela constatação das experiências vividas e as deduções autorizadas por ela, pouco determina a diferença entre o real e o irreal²⁵³. As análises envolvidas, por vezes, em manifestações tipicamente imaginativas, como os sonhos e os mitos, procuram compreender as condições da criação de determinada “comunidade de imaginação” e sua aceitação por grupos sociais precisos²⁵⁴. Dessa forma, José D’ Assunção Barros observa o que constitui objeto de investigação, por exemplo,

um determinado padrão de representações, um repertório de símbolos e imagens com a sua correspondente interação na vida social e política, o papel político ou social de certas cerimônias ou rituais, a recorrência de determinadas temáticas na literatura, a incorporação de hierarquias e interditos sociais nos modos de vestir, a teatralização do poder (BARROS, 2007, p. 28).

Entre os pesquisadores das viagens medievais, a “História do Imaginário” carrega importância dado ao fato de levar a uma distinta disposição frente ao narrado pelos viajantes²⁵⁵, sobretudo com relação ao “maravilhoso”, o qual, nas palavras de Jacques Le Goff, está no “âmago do imaginário medieval” (LE GOFF, 1994, p. 25). Investigações foram realizadas, por estudiosos como Claude Kappler²⁵⁶, Mary del

²⁵² De acordo Márcia Janete Espig, no sentido amplo, os estudos do imaginário remontam ao século 19, com Michelet e James Frazer, tal qual determina Evelyn Patlagen. De outro modo, podemos creditar o sucesso inicial a Bachelard nos anos 30, o qual trabalhou com a categoria da imaginação. Embora “Bronislaw Baczko entende que seria possível retrocedermos a um passado distante para examinar as reflexões sobre os imaginários sociais – em autores como Aristóteles, Maquiavel, Rousseau e Michelet” (ESPIG, 1998, p. 161).

²⁵³ PATALGEN, Evelyne. A história do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990, p. 292.

²⁵⁴ ESPIG, Márcia Janete. Ideologia, mentalidade e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 10, 1998, p. 162-165.

²⁵⁵ Para mais informações a respeito dos estudos do imaginário nos escritos de viagens, ver: FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Imaginário: regularidade de um conceito. **Brathair**, 16 (2), 2016, pp. 171-185.

²⁵⁶ KAPPLER, Claude. **Monstros, demonios y maravillas a fines de la Edad Media**. Madrid, España: Ediciones Akal, 1986.

Priori²⁵⁷, Maria Adelina Amorim²⁵⁸, Pablo Castro Hernández²⁵⁹ e Leonardo Meliani Velloso²⁶⁰, menos em direção à realidade das coisas narradas, e mais no sentido de compreender o que os itinerantes esperavam e imaginavam deslumbrar nos deslocamentos, e a maneira que confrontavam o realmente visto, bem como as localidades mais propícias ao maravilhamento, às mudanças e permanências da Antiguidade, assim por diante. Porém, em razão de estarem mais preocupados com as imagens criadas socialmente, pouco interesse dedicaram aos modos de sentir no tocante às maravilhas²⁶¹.

De maneira distinta, em especial após a década de 1990, pesquisadores, para além de perceberem o imaginário, ou seja, o maravilhoso em si, procuraram centrar as atenções naquilo que os viajantes sentiam diante do objeto admirável, tratando as maravilhas de maneira subjetiva e como uma emoção²⁶². É o caso, por exemplo, de Lorraine Daston e Katherine Park²⁶³, Keagan Brewer²⁶⁴, Joan Onians²⁶⁵, os quais, discordantes nos objetos de análises, concordam com a premissa de que o contato com o diferente resultava no “maravilhamento” (*admiratio*). De igual modo, há entre os investigadores a conformidade do sentimento de admiração no medievo,

(...) como sendo cognitivo, não adequado, relativo e particular. Portanto, o maravilhamento não é meramente uma resposta fisiológica, mas sim o reconhecimento da singularidade e significância da coisa encontrada. Somente aquilo que é realmente diferente do

²⁵⁷ DEL PRIORI, Mary. **Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e Ibero-Americano** (séculos XIV-XVIII). São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

²⁵⁸ AMORIM, Maria Adelina. Viagem e *mirabilia*: monstros, espantos e prodígios. In: CRISTÓVÃO, Fernando. (Orgs.). **Condicionantes culturais da Literatura de Viagens: estudos e bibliografia**. Portugal, Coimbra: Almedina; Centro de Literatura da Expressão portuguesa da Universidade de Lisboa, L3, 2002, pp. 127-155.

²⁵⁹ HERNÁNDEZ, Pablo Castro. El libro de viajes como enciclopedia: un catálogo de monstros y maravillas en los viajes de Sir John Mandeville. **Revista Sans Saleis: estudios de la imagen**, vol. 5, n.2, 2013, pp. 188-204.

²⁶⁰ VELLOSO, Leonardo Meliani. **Um maravilhoso imaginário: Cartografia e Literatura na Baixa Idade Média e no Renascimento**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

²⁶¹ De acordo com José D' Assunção Barros, constitui uma característica dos historiadores do imaginário o menor interesse “(...) nos modos de sentir do que nas imagens socialmente produzidas, mesmo que em alguns casos essas imagens sejam produzidas por padrões coletivos de sentimento e de sensibilidade” (BARROS, 2007, p. 30).

²⁶² BREWER, Keagan. **Wonder and skepticism in the Middle Ages**. London-New York: Routledge, Taylor&Francis Group, 2016, p. 4.

²⁶³ DASTONS, Lorraine; PARK, Katherine. **Wonders and the order of nature, 1150-1750**. New York, NY: Zone Book, 1998.

²⁶⁴ BREWER, Keagan. **Wonder and skepticism in the Middle Ages**. London-New York: Routledge, Taylor&Francis Group, 2016.

²⁶⁵ ONIANS, Joan. I wonder: a short history of amazement. In: ONIANS, Joan. (Ed.). **Sight and Insight: essays on Art and Culture in honor of E. H. Gombrich at 85**. London: Paidon Press Limited, 1994, pp. 11-33.

conhecido pode causar o maravilhamento, e mesmo assim ele sempre terá um contexto e um ponto de vista particular (BYNUN, 1997, p. 3)²⁶⁶.

Mesmo sendo distintos os interesses historiográficos das duas correntes de análise, ao invés de ambas se oporem, se completam, pois os viajantes não empreenderam as jornadas com a “cabeça vazia”, para usarmos a expressão de Michel Mollat²⁶⁷. Herdeiros de uma concepção de um Oriente repleto de monstros, de riquezas e de coisas deslumbrantes, os itinerantes carregavam conhecimentos, dúvidas e sentimentos que resultavam, por exemplo, na sensação de maravilhamento anterior ao próprio deslocamento²⁶⁸. Envoltos em referida perspectiva admirável, viam, sentiam e, posteriormente, narravam segundo as qualidades representativas e abstratas de cada região, como sucede na descrição de Jerusalém de Jean de Mandeville, associada à surpresa diante do divino, a presença de Jesus Cristo e o bíblico, ou, de modo diferente, nas localidades posteriores à Terra Santa, onde o espanto está no natural, haja vista que essas regiões recebem, em especial, o imaginário mundano do cavaleiro, oriundo sobretudo da Antiguidade.

Assim, em razão das distintas maneiras de se admirar concordantes às regiões percorridas e ao entendimento delas, percebemos os viajantes posicionando as manifestações maravilhosas como central, sejam elas imaginadas ou sentidas, no complexo sistema de representação do estranho e do não-familiar. Conforme explica Stephen Greenblatt, isso ocorria principalmente devido ao fato de o sentimento tornar crível ao público, o narrado²⁶⁹, assinalando não somente a emoção frente a algo novo,

²⁶⁶ No original: “(...) wonder (*admiratio*) as cognitive, non-appropriative perspectival and particular. Not merely a physiological response, wonder was a recognition of the singularity and significance of the thing encountered. Only that which is really different from the knower can trigger wonder, yet wonder will always be in context and from a particular point of view (BYNUN, 1997, p. 3).

²⁶⁷ “Curiosos, os exploradores não partiam com a cabeça vazia. Do meio originário, de onde nasceram, da instrução que receberam, das experiências práticas, haviam herdado e acumulado uma massa de prejuízo, de conhecimento, de crenças, de certezas, de sentimentos, e, mais raramente, de dúvidas. Todo esse adquirido condicionou suas miradas na forma de um prisma, sendo evidente que não podiam conceber de antemão, paisagens e sociedades de outra forma que não com a ajuda de normas, de medidas e de imagens familiares” (MOLLAT, 1990, p. 96. Tradução nossa) [No original: “Curiosos, los exploradores no partían, sin embargo, con la cabeza vacía. Del medio donde habían nacido, en el que habían vivido, de la instrucción que recibieron, de las experiencias practicadas, habían heredado y acumulado una masa de prejuicios, y más raramente, de dudas. Todo lo adquirido condicionó su mirada a manera de un prisma, y es evidente que no podían concebir de antemano paisajes y sociedades de otra forma que, con la ayuda de normas, de medidas y de imágenes familiares” (MOLLAT, 1990, p. 96)].

²⁶⁸ Como explica Maria Adelina Amorim, “convencidos da sua existência, surpresos por antecipação, os viajantes partiam em demanda dessas *mirabilia*” (AMORIM, 2002, p. 139).

²⁶⁹ O posicionamento de Stephen Greenblatt pode ser ilustrado pela seguinte afirmativa de Claude Kappler: “o encontro com os monstros é central na autenticidade da experiência dos viajantes: quem não os viu, não viajou” (KAPPLER, 1986, p. 131. Tradução nossa). [No original: “el encuentro con los

mas também realizando a interação entre o desconhecido objeto deslumbrado e a imaginária convicção íntima, portanto, conhecida, que os itinerantes e leitores carregavam²⁷⁰:

Daí a facilidade com que as palavras *maravilha* e *prodígio* transitam entre a designação de um objeto material e a designação de uma resposta ao objeto, entre intensos, quase fantasmagóricos estados interiores e objetos totalmente exteriorizados que podem, após os momentos iniciais de espanto, ser tocados, catalogados, inventariados, possuídos (GREENBLATT, 1996, p. 40).

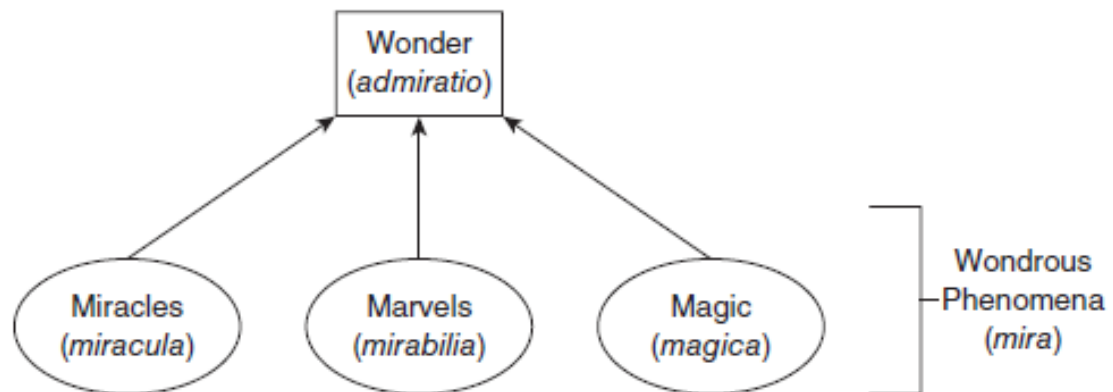
Dessa forma, caracterizando o artefato ou o fenômeno, bem como o sentimento, o termo “maravilha” demonstra os dois lados do conhecimento, ou seja, o objetivo e a sensibilidade subjetiva²⁷¹. Por vezes, sucede aos pesquisadores separarem ambas, situando, de um lado, a reação emotiva dos viajantes e, do outro, as coisas externas deslumbradas, sobretudo, mediante o termo “maravilhamento” (expresso também nos vocábulos *admiratio* e *wonder*) para designar a primeira situação, enquanto três são as palavras relativas aos distintos fenômenos causadores da admiração, ou seja, *magicum*, *miraculum* e *mirabilia*, tal qual ilustrado na figura a seguir:

monstruos es una piedra de toque de la autenticidad de una experiencia viajera: quien no los ha visto, no ha viajado” (KAPPLER, 1986, p. 131)]. Podemos adicionar outro exemplo: os que não se maravilhavam na Terra Santa diante os objetos sacros, realmente não viajaram.

²⁷⁰ Segundo Stephen Greenblatt, a obra do viajantes “(...) só é crível se despertar nos leitores um pouco do maravilhamento que ele próprio sentiu, pois esse maravilhamento ligará o que está fora com sua convicção íntima” (GREENBLATT, 1996, p. 40). Nessa direção, nada do que era relatado constitui uma completa novidade, principalmente devido à interação que realizava o maravilhoso entre o imaginado, ou seja, aquilo que se esperava deslumbrar, e o realmente visto, acalmando o novo no âmbito do conhecido.

²⁷¹ De acordo com Lorraine Daston e Katherine Park, o maravilhoso está no centro do questionamento e conhecimento científico, pois “(...) define os limites tanto objetivos, quanto subjetivos. No que se refere ao objetivo, marca os limites do natural. Já como uma paixão, delinea o limite entre o que era conhecido e desconhecido” (DASTON; PARK, 1998, p. 13. Tradução nossa). [No original: “Indeed, they defined those edges, both, objectively and subjectively. Wonder as objects marked the outermost limits of natural. Wonder as a passion registered the line between the known and the unknown” (DASTON; PARK, 1998, p. 13)]. Dessa forma, “uma história dos questionamentos das maravilhas naturais é, portanto, uma história da ordem da natureza. Ao mesmo tempo que a história da maravilha como uma paixão dos questionamentos naturais constitui, também, uma história da evolução da sensibilidade coletiva dos naturalistas (DASTON; PARK, 1994, p. 14. Tradução nossa) [No original: “A history of wonders of natural inquiry is therefor also a history of the order of nature. A history of wonder as a passion of natural inquiry is also a history of the evolving collective sensibility of naturalists” (DASTON; PARK, 1994, p. 14)].

Imagem 3 - Relação terminológica entre os termos ligados ao maravilhoso



BREWER, Keagan. **Wonder and skepticism in the Middle Ages**. London-New York: Routledge, Taylor&Francis Group, 2016, p. 9.

A respeito dos acontecimentos maravilhosos, de acordo com Jacques Le Goff, entramos no âmbito do sobrenatural cuja interpretação também recorria ao sobrenatural, ou seja, a Deus (LE GOFF, 1985, p. 24). Na mesma direção, Keagan Brewer explica-nos o fato de o mágico estar ligado ao demoníaco, ao passo que o milagroso constitui o extraordinário divino, o qual trabalhava em especial aos santos. Por fim, o *marvel* compõe o maravilhoso secular, associado aos fenômenos naturais não compreendidos (BREWER, 2016, p. 105).

Desse modo, separado em três categorias e vinculados às subjetividades dos viajantes, os objetos e fenômenos causadores de maravilhamento narrados se assemelham no fato de serem caracterizados como diferentes do conhecido. Portanto, em meio às singularidades, há certa concordância entre os itinerantes de se admirarem²⁷², por exemplo, diante de relíquias, ossos pertencentes a santos, regiões completamente cobertas pela escuridão, animais desconhecidos, pessoas possuidoras de peculiaridades físicas ou cultura diversas, redemoinhos de areia que

²⁷² Conforme observa Lorraine Daston e Katherine Park, “A tradição tinha uma forte coerência, baseada, tanto nos objetos causadores do maravilhamento, quanto nas paixões que eles inspiravam. O cânone das maravilhas naturais tinha um núcleo estável por todo o período Medieval (e até mesmo se estendendo ao período Helenístico), com uma penumbra que expandia e contraía com as ideias, experiências e mudanças de sensibilidade” (DASTON, PARK, 1997, p. 16-17. Tradução nossa) [No original: “The tradition had a strong coherence, which rested in both the objects of wonder and the passion that they inspired. The canon of natural wonders had a stable core throughout the period we have studied (and indeed back into the Hellenistic period), with a penumbra that expanded and contracted as ideas, experiences, and sensibilities changed” (DASTON, PARK, 1997, p. 16-17)].

transformam ferro em ouro, e assim por diante. Todos os acontecimentos e utensílios qualificados na posição de se distinguir da natureza habitual.

Com relação ao sentimento, *admiratio*, encontramos variadas concepções segundo os diferentes discursos. Porém, pesquisadores observam concordâncias relacionadas, por exemplo, aos estímulos, como Caroline Walker Bynum, ao destacar três características comuns nos escritos de viagens: “(...) é uma resposta à facticidade; é uma resposta ao singular; é profundamente relativo” (BYNUM, 1997, p. 13. Tradução nossa)²⁷³. De igual modo, a emoção é vista no papel de relacionada a outros sentimentos, tanto negativos, tal qual o horror, o medo e o pavor, quanto positivos, por exemplo, o prazer. De acordo com Lorraine Daston e Katherine Park, ao menos desde o século XII o termo maravilhamento carrega referidos tons emotivos, sendo somente após os séculos XV e XVI a separação em outras palavras, como *admiration* e *astonishment* em inglês, e *étonnement* e *admiration* no francês. Assim, desde a Baixa Idade Média, o termo recebe uma extraordinária e complexa definição associada a distintas sensações, as quais foram, com o passar dos séculos, cristalizadas e separadas (DASTON; PARK, 1998, p. 15-16).

No próximo tópico, pretendemos analisar as especificidades do maravilhamento na obra *Viagens de Jean de Mandeville*. De igual modo, tencionamos perceber a relação entre o sentimento descrito pelo cavaleiro Mandeville e a interação com outros livros produzidos no período, sejam obras de viagens, sejam romances.

3.2 O maravilhamento em *Viagens de Jean de Mandeville*: análise conceitual e a problemática do sentimento no personagem Jean de Mandeville

Distintas dificuldades surgem quando os historiadores buscam, mediante as fontes, compreender as emoções e sentidos do passado²⁷⁴, uma vez que a relação entre as palavras utilizadas para expressar os sentimentos variam segundo os diferentes períodos históricos e diferentes culturas. Hoje, algumas expressões podem

²⁷³ No original: “(...) it is a response to facticity; it is a response to the singular; it is deeply perspectival” (BYNUM, 1997, p. 13).

²⁷⁴ Mesmo diante as dificuldades de compreender as emoções do passado, explica-nos María Bjerg, qualquer historiador, caso se proponha, perceberá diferentes modalidades de expressão verbais e não-verbais relacionadas as emoções nas fontes. Restando à atualidade poucas dúvidas sobre a possibilidade de tais estudos. Sem embargo, o historiador deve “enfrentar o desafio de indagar como eram experimentadas as emoções, o que as provocava, de qual maneira e com qual efeito” (BJERG, 2019, p. 14. Tradução nossa) [No original: “enfrentar el desafío de indagar cómo eran experimentadas las emociones, qué las provocaba, de qué forma y con qué efectos” (BJERG, 2019, p. 14)].

revelar certo estado emotivo, resultado de determinado estímulo, enquanto em outros contextos podem equivaler a ideias vagas ou decorrer de reações padrões específicos àquele determinado grupo²⁷⁵. Por exemplo, a “surpresa”, no século XVII, de acordo com Stuart Walton, no ambiente militar implicava a situação detestável de um ataque inesperado, ao passo que, após esse período, no âmbito cotidiano, a aplicação do vocábulo conotava situações positivas, tal qual receber um presente ou um prato diferente no jantar (WALTON, 2007, p. 319-320). No medievo, o sentimento de experienciar o imprevisível e repentino poderia apelar também para a categoria do maravilhoso, como o canto dos corpos dos injustamente mortos²⁷⁶, os sonhos de presságios²⁷⁷, e, se continuarmos a conferir interesse a Geoffrey Chaucer, também nos cavalos feitos de metais que se moviam:

Enorme era a multidão que enxameava em volta desse cavalo, inspecionando tudo. Era tão alto, largo e comprido, tão bem-proporcionado à sua robustez, que parecia um corcel da Lombardia; tinha os olhos vivos e todas as características equinas, como um gentil da Puglia. Todos achavam que, da ponta da cauda às pontas das orelhas, nem a ciência nem a natureza em nada poderiam melhorá-lo. Mas o que mais espantava a todos era o fato de ele se mover, sendo feito de metal! (CHAUCER, 2014, p. 581-583).

Diante de um objeto desconhecido, feito de bronze e mágico por transportar o rei a qualquer localidade, as pessoas se surpreendiam, demonstrando que, ao contrário do que defende David Nogales Rincón, o maravilhamento no medievo, mesmo apelando para a categoria do maravilhoso²⁷⁸, é comparável ao sentimento

²⁷⁵ Para mais informações sobre as problemáticas da História das Emoções, ver: ROSENWEIN, Barbara. **História das emoções: problemas e métodos**. São Paulo, SP: Letra e Voz, 2011.

²⁷⁶ No conto da Prioressa, Geoffrey Chaucer apresenta um relato cujo menino é morto pelos judeus, sendo seu corpo escondido, até que por milagre, o corpo do menino começa a cantar. “Os cristãos que por ali passavam acorreram de pronto, admirando-se do que viam; e, imediatamente, mandaram chamar o chefe da milícia. Quando este chegou, o que não levou muito tempo, bendisse Cristo, o nosso rei do Céu, e sua santa Mãe, honra da humanidade. Em seguida, fez prender todos os judeus” (CHAUCER, 2014, p. 287).

²⁷⁷ No conto do Padre da Freia, Geoffrey Chaucer apresenta uma narrativa a respeito do sonho de um animal: “A um deles, entretanto, aconteceu algo muito estranho, pois enquanto dormia, teve um sonho espantoso a respeito da manhã seguinte: pareceu-lhe que um homem, postado ao lado da cama, lhe ordenava que retardasse a partida: ‘Se navegares amanhã, morrerá afogado. Nada mais tenho a dizer!’” (CHAUCER, 2014, p. 371).

²⁷⁸ Segundo David Nogales Rincón, “ainda que a emoção da maravilha adota, durante o período medieval, perfis psicológicos e mecanismos fisiológicos comparáveis, em boa medida, com a emoção primária da surpresa, ela mostra, contudo, alguns elementos distintos. O mais evidente é sua capacidade para apelar a uma categoria particular das mentalidades medievais como é o maravilhoso (...) e também devido as emoções com que frequentemente se associa, um viés negativo, que contrasta com a percepção atual da surpresa nos termos preferencialmente positivos” (NOGALES RINCÓN, 2017, p. 9. Tradução nossa). [No original: “Aunque la emoción de la maravilla adopta durante el período

primário da “surpresa”. Isso ocorre, principalmente, devido ao fato de pouco importar, naquele contexto, a veracidade do objeto causador de admiração²⁷⁹, principalmente porque os indivíduos possuíam um entendimento de mundo diferente do atual, cujo insólito e sobrenatural não era completamente impossível. Assim, fundamental para a aproximação das novidades e particularidades da natureza deslumbradas para o âmbito do conhecido, a forte emoção incentivava o gosto pela novidade e a curiosidade nos personagens, bem como nos leitores.

Algo semelhante ocorre entre os viajantes ao Extremo Oriente, os quais descreviam e se surpreendiam não somente diante as coisas existentes, mas também com fenômenos e seres sobrenaturais, como dragões, espécies de homens possuidores de deformidades físicas, milagres, feitiços, entre outras coisas. De acordo com Keagan Brewer, referida recordação do maravilhamento frente a criaturas extraordinárias resulta da influência de vários fatores:

(...) a pressão dos pares membros da mesma comunidade dos itinerantes, as expectativas ligadas à forma textual em que eles escreviam, a influência dos escritores considerados autoridades, o propósito de entreter a audiência, e assim por diante (BREWER, 2016, p. 13)²⁸⁰.

Dessa forma, para a presente discussão, pouco importa a veracidade dos fenômenos e das criaturas causadoras de admiração, principalmente porque o sentimento é expreso, tanto nos escritos irrealis, como *Viagens de Jean de Mandeville* e *Os contos de Canterbury*, quanto nos reais, tal qual o redigido por Jordan Catala de Sévérac, de nome *Les Mirabilia descripta*, seja frente a coisas reais ou fictícias, mediante o mesmo termo: “wonder”, no inglês²⁸¹. Com origem no

medieval perfiles psicológicos y mecanismos fisiológicos equiparables, en buena medida, con la emoción primaria de la sorpresa, muestra, sin embargo, algunos elementos distintivos. El más evidente es su capacidad para apelar a una categoría particular de las mentalidades medievales como es lo maravilloso (...), debido a las emociones con las que frecuentemente se asocia, un sesgo hacia lo negativo, que contrasta con la percepción actual de la sorpresa en unos términos preferentemente positivos” (NOGALES RINCÓN, 2017, p. 9)].

²⁷⁹ A respeito dos objetos causadores de admiração, Keagan Brewer coloca que alguns eram criados especificamente para maravilharem (BREWER, 2016, p. 80-81).

²⁸⁰ No original: “(...) peer pressure of living Community members, the expectations attached to the textual form in which they were writing, the influence of written authority, the purpose of a text to entertain its audience and so on” (BREWER, 2016, p. 13).

²⁸¹ Na passagem da obra original do cavalo feito de bronze, em Geoffrey Chaucer, observamos a seguinte descrição: “Greet was press, that swarmmeth to and fro,/ To gauren on this hors that stondesth so;/ For it so heigh was, and so brood and long,/ So wel proporcioned for to ben strong,/ Right as it were a stede of Lumbardyde,/ Ther-with so horsly, and so quik of yë/ As it a gentil Poileys courser were./ For certes, fro his tayl un-to his ere,/ Nature ne art ne coude him nat amende/ In no degree, as al the peple

escandinavo antigo, *wunder*²⁸², o vocábulo possui sinônimos também no grego clássico, *thaumazo*²⁸³, e no latim, *miror* - termo que deu origem ao “maravilhar” atual²⁸⁴, sendo os três utilizados na Cristandade, conforme esclarece Lorraine Daston e Katherine Park, na posição de semelhantes “(...) desde, pelos menos, os séculos XII e XIII em todas as tradições linguísticas estudadas. Isso resulta em um forte argumento para um entendimento comum” (DASTON; PARK, 1998, p. 15)²⁸⁵.

Dessa forma, quanto à semântica, problema primordial nos estudos do maravilhoso²⁸⁶, não ocorre perda no sentido caso, por exemplo, algumas traduções de *Os contos de canterbury* ou *Viagens de Jean de Mandeville* utilizem “maravilha”, “marvellous”, “maravilla” e “wonder” ou, de igual modo, “espanto”, “admiração” e “surpresa”, haja vista que todos esses termos são compreendidos como expressão de

wende./ But evermore hir moste wonder was,/ How that it coude goon, and was of bras;/ Ir was of Fairye, as the peple semed” (CHAUCER, 2014, p. 580-582. Grifos nosso). Enquanto *Os contos de Canterbury* utiliza majoritariamente “wonder”, no texto original, *Viagens de Jean de Mandeville*, observamos a variação entre “wonder” e “Marvel”. Na descrição sobre a viagem do Grande Cã na versão de Malcolm Letts, baseada na Egerton, por exemplo, percebemos a seguinte situação: “for there are so mickle people in that land it is *wonder* to see. Sometimes it falls, when they wend not far, that empreses’ and the emperor’s children wend together in a company, and their men mingled overhead; nevertheless, they are departed in four shots, as I said before” (MANDEVILLE, 1953, p. 167. Grifo nosso). Já na versão de A. W. Polland, o mesmo relato utiliza “Marvel”: “So that there is between then so great multitude of folk that is *marvel* to tell it. And no man should throw the number, but he had seen it. And sometimes it happeth what when he will not go far, and that it like him to have the empress and his children with him, then they go altogether, and their folk be all mingled in fere, and divided in four parties only” (MANDEVILLE, 1900, p. 160. Grifo nosso). Por fim, Susani Silveira Lemos França utiliza “maravilha”: “Da mesma forma, que ao imperador, acompanham-nas quatro hostes, ainda que não tão numerosas. O primogênito vai por outra rota, em uma carruagem com as mesmas características. Dessa forma, as viagens mobilizam tanta gente que é uma *maravilha* de ver. Ninguém poderia imaginar a soma sem ver. Às vezes, ocorre que todos viajam juntos e todas as hostes se misturam e se dividem em quatro” (MANDEVILLE, 2007, p. 208. Grifo nosso).

²⁸²ONIANS, Joan. I wonder: a short history amazement. In: ONIANS, Joan. (Ed.). **Sight and Insight: essays on Art and Culture in Honour of E. H. Gombrich at 85**. London: Pahidon Press Limited, 1994, p. 12.

²⁸³ De acordo com Gerardo Román Altamirano Mesa, mesmo faltando um maior estudo filológico, podemos perceber entre os gregos antigos o uso da palavra *thaume* para se referir a algo admirável, extraordinário, do qual derivou, por exemplo, o atual *taumaturgo* (ALTAMIRANO MEZA, 2011, p. 18).

²⁸⁴ Para mais informações sobre o termo *miror* e sua derivação nas línguas românicas, ver: AZUELA BERNAL, María Cristina. Lo maravilloso entre el paganismo y el cristianismo: la materia de Breña y la herencia Celta. En: MOCTEZUMA ÁLVAREZ, Israel; GUTIÉRREZ TRÁPAGA, Daniel. (Ed.). **História y literatura: maravillas, magia y milagros en el occidente medieval**. México: UNAM, 2015, pp. 15-33; HERNÁNDEZ, Pablo Castro. La idea del viaje en la Edad Media. Una aproximación al espíritu del viajero y la búsqueda de nuevos mundos. **Revista Historias del Orbis Terrarum**, v. 5, Santiago, 2013, p. 64-87; LE GOFF, Jacques. Maravilhoso. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMIT, Jean-Claude. (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, pp. 120-139.

²⁸⁵ No Original: “(...) from at least the twelfth or thirteenth century in all the linguistic tradition we have studied. This argue for a strong common understanding” (DASTON; PARK, 1998, p. 15).

²⁸⁶ LE GOFF, Jacques. **O maravilhoso e o cotidiano no Ocidente Medieval**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1985, p. 19.

sentimentos análogos ao longo do período em que ambas as obras foram redigidas, ou seja, o século XIV²⁸⁷.

Nessa direção, semelhante a busca dos autores em expressarem um sentimento mediante o mesmo termo, “maravilhamento”, mas, conforme destaca Caroline Bynum, não podemos simplesmente estudar as emoções medievais como se fossem somente palavras. Diante desse problema, a autora afirma então que um caminho possível é explorar os momentos cuja emoção de admiração é invocada²⁸⁸, levando em conta o fato de que,

(...) os autores medievais, em sua maioria, não teorizaram sobre o maravilhamento nos âmbitos da psicologia ou poética, áreas em que tais teorias iriam predominar posteriormente, embora, certamente, eles produzissem discussões teóricas sobre o maravilhamento. Como podemos esperar, não encontramos então apenas um, mas vários discursos, apesar de ser difícil - como sempre para a Idade Média - delimitar as diferenças entre eles (BYNUM, 1997, p. 6)²⁸⁹.

Assim, diferente de outros discursos produzidos do medievo, o maravilhamento descrito pelos personagens da obra de Geoffrey Chaucer e de outros romances, se distinguem, igualmente, do narrado pelos viajantes, à exemplo de uma dama que ao saber da remoção, em consequência de magia, de todas as pedras e rochedos circundantes ao litoral, demonstra surpresa, e

(...) atordoada, sentia que o sangue lhe fugia das faces. Jamais sonhara que um dia iria cair nessa armadilha. ‘Ai!’, gemeu ela, ‘como isso pôde acontecer-me? Como iria imaginar possível prodígio, ou

²⁸⁷ Ou seja, todos esses termos utilizados nas versões modernas do livro, ou nos distintos manuscritos produzidos ao longo dos séculos XIV e começo do XV, carregam o mesmo sentido observado por Pablo Castro Hernández: “(...) indica admiração. Surpresa, gosto pelo novo e extraordinário. Em certa medida, o maravilhoso estabelece novas sensações que geram uma ruptura com o cotidiano, vinculando-se a impressões e emoções que oscilam desde o assombro até o terrorífico” (HERNÁNDEZ, 2015, p. 18. Tradução nossa). [No original: “(...) indica admiración, sorpresa, gusto por lo nuevo y extraordinario. En cierta medida, lo maravilloso establece nuevas sensaciones que generan una ruptura con lo cotidiano, vinculándose a impresiones y emociones que oscilan desde lo asombroso hasta lo terrorífico” (HERNÁNDEZ, 2015, p. 18)].

²⁸⁸ “(...) as reações como o maravilhamento, o deleite, ou o medo não ocorrem simplesmente; eles são evocados, por vezes até mesmo encenados; nós podemos explorar aquilo que as provocava” (BYNUM, 1997, p. 40. Tradução nossa). [No original: “(...) reactions such as wonder, delight, or terror do not simply occur; they are evoked, sometimes even staged; we can explore what evokes them” (BYNUM, 1997, p. 40)].

²⁸⁹ No original: (...) medieval writers did not for the most part produce theories of wonder in the areas of psychology or poetics, where such theories would later figure so prominently, they certainly produced theoretical discussions of wonder. As we might expect, we find not one but many discourses, although it is difficult- as always for the Middle Ages-to know how to characterize their differences (BYNUM, 1997, p. 6).

portento, contrário às próprias leis da natureza?’ E foi-se a coitada para casa. Eram tais os seus temores, que mal conseguia caminhar. Chorou e soluçou um dia ou dois, desmaiou, sofreu que dava pena (CHAUCER, 2014, p. 627).

Frente à maravilhosa mudança das leis da natureza, a dama não possui o desejo de compreender as causas. Preocupada por precisar cumprir a promessa e casar-se com outro homem, sente angústia, temendo seu futuro. De modo distinto, em *Viagens de Jean de Mandeville*, ao invés do choro, dos temores e dos desmaios, as transformações naturais impulsionam à aventura e ao anseio por entender as causas dos fenômenos. Curioso, o viajante faz perguntas aos moradores das regiões, os quais, por vezes, oferecem explicações baseadas na Bíblia, como na situação dos peixes que se lançam à margem da ilha, nem sempre, no entanto, sendo completamente aceitas pelo ouvinte:

Eu, de minha parte, não compreendo a razão disso; só Deus sabe! Considero que é a maior maravilha que jamais vi, pois a natureza faz muitas coisas maravilhosas, mas não é maravilha natural, e sim contranatura, que os peixes, que têm toda a liberdade para percorrer o mundo, venham por sua própria vontade oferecer-se para morrer sem serem forçados. Estou convencido de que por trás disso há um grande mistério e uma força poderosa (MANDEVILLE, 2007, p. 178).

Dessa forma, igualmente fictício, Jean de Mandeville se diferencia dos personagens de Geoffrey Chaucer expressando o maravilhamento de maneira semelhante a outros viajantes reais, como os missionários e mercadores. Portanto, percebemos a admiração do cavaleiro relacionada à taxonomia apresentada por Keagan Brewer – a qual partiremos ao longo da discussão para analisarmos as invocações do maravilhamento - referente às cinco qualidades capazes de provocar surpresa: “(1) era novidade; (2) causava excitação; (3) era inexplicável; (4) criava o desejo de compreender; (5) a propensão de induzir ao maravilhamento era entorpecido pela experiência” (BREWER, 2016, p. 5. Tradução nossa)²⁹⁰.

Entretanto, ligada mais ao cognitivo do que ao emocional²⁹¹, a admiração de Jean de Mandeville se difere dos outros viajantes pois, enquanto aqueles sentem,

²⁹⁰ No original: “(1) they are novel; (2) they cause excitement; (3) they are unexplained; (4) they create a desire to understand; (5) their propensity to induce wonder is dulled with experience” (BREWER, 2016, p. 5).

²⁹¹ DASTON, Lorraine; PARK, Katherine. **Wonders and the order of nature, 1150-1750**. New York, NY: Zone Book, 1998, p. 14.

narrando de acordo com as lembranças e experiências pessoais, este posiciona a surpresa e os sentidos em lugares estratégicos, associados, por exemplo, à perspectiva geográfica e ao entendimento das localidades, como no relato do bom odor no palácio do Grande Cã expelido pela pele de um animal, a pantera, que objetivava demonstrar as qualidades admiráveis daquela região mediante o olfato, e também sua riqueza.

Nessa direção, no próximo tópico, tendo em mente a admiração perante o sobrenatural dos indivíduos viventes no medievo, buscaremos perceber os objetos causadores de maravilhamento no personagem Jean de Mandeville, bem como suas reações sensoriais e respostas emotivas frente a tais utensílios. Para tanto, nos preocuparemos menos com as questões relativas à realidade e à veracidade do relatado pelo viajante, centrando mais nas experiências humanas transmitidas, as quais eram compartilhadas com os leitores (ao longo dos três tópicos seguintes, teremos dito posicionamento).

3.3 Os admiráveis objetos religiosos: entre a graça e a corrupção

Entre os viajantes medievais, percebemos as experiências sensoriais e emocionais envoltas em simbolismos morais, principalmente no que se refere a oscilações entre a graça e a corrupção²⁹². Dessa forma, os itinerantes evitavam o contato visual e corporal com dragões, serpentes e crocodilos, sobretudo, por associarem esses animais a algo demoníaco. Em contrapartida, os objetos antes pertencentes aos santos, portanto tidos como possuidores de um poder intrínseco²⁹³, despertavam o desejo de serem visitados e tocados. Citemos, a título de exemplo, o Santo Sepulcro que, segundo Jean de Mandeville:

(...) estava completamente aberto, de forma que se podia beijá-lo e tocá-lo. Porém, porque cada um que ali chegava procurava levar fragmentos ou pó da pedra, o sultão mandou cercá-la de forma que ninguém pudesse tocá-la. Todavia, à esquerda dessa cerca que

²⁹² De acordo com George Greenia e Xosé M. Sánchez Sánchez, no medievo “a rede de experiências sensoriais física era também moral. Sistemas de valores, especialmente os cristãos, interpretavam as experiências sensoriais como caminhos para a graça ou para a corrupção” (GREENIA; SÁNCHEZ, 2021, p. 212-213. Tradução nossa) [No original: “the web of physical sensory experiences was moral as well. Value systems, especially Christian ones, regarded sensory experiences as avenues for grace or corruptions” (GREENIA; SÁNCHEZ, 2021, p. 212-213)].

²⁹³ “O culto das relíquias atesta sem equívoco que a qualquer corpo santo, assim como a cada fragmento seu, é atribuído de fato um poder intrínseco” (GAJANO, 2017, p. 508).

protege o tabernáculo, há uma grande pedra, que era do Santo Sepulcro, da altura de um homem e da largura de uma cabeça humana. Essa pedra é a que podem beijar os peregrinos (MANDEVILLE, 2007, p. 91).

Centro do Cristianismo, o Santo Sepulcro despertava admiração dos peregrinos e do cavaleiro Mandeville, por ser considerado um lugar sagrado²⁹⁴. Já no que se refere ao anseio pelo contato físico, mediante o toque ou o beijo, o viajante expressa a religiosidade medieval inerente aos sentidos. Conforme explica Emma Wells, a religião cristã dominou diversas dimensões da vida cotidiana durante a Idade Média, sobretudo, com relação aos sentidos, não ocorrendo dúvida de que a devoção em relíquias como ossos, pedras e objetos antes pertencentes aos santos, possuísem aspectos relacionados à necessidade da interação corpórea, por serem vistos como mediadores do poder divino (WELLS, 2011, p. 122-123).

Contudo, a interação com os objetos admiráveis e sacros mediante o toque e o beijo não constitui algo exclusivo dos cristãos, pois os viajantes observam a mesma atitude em pessoas de diferentes culturas. Guilherme de Rubruc, por exemplo, afirma que, entre os cristãos nestorianos há a prática de, ao entrarem nas igrejas, prostrarem-se com a frente por terra, em seguida, tocarem “(...) em todas as imagens com a mão direita, beijando-a depois do toque; após este movimento, estendem a mão direita a todos na igreja” (RUBRUC, 2005, p.186). De igual modo, segundo Jean de Mandeville, os sarracenos apresentam grande apreço pelos Evangelhos, principalmente o *Missus est Angelus Gabriel*, sendo o seu texto incluído nas orações e “(...) ademais beijado e adorado com muito respeito” (MANDEVILLE, 2007, p. 136)²⁹⁵.

²⁹⁴ Conforme esclarece Keagan Brewer, não bastava estar ligado ao sagrado para causar a admiração nos viajantes, uma vez que somente os objetos raros antes pertencentes aos santos eram tidos na posição de relíquias, fato que, juntamente com os aspectos sentimentais agregados aos utensílios, só aumentava o sentimento de maravilhamento narrado pelos peregrinos (BREWER, 2016, p. 117).

²⁹⁵ De fato, na narração de Jean de Mandeville os sarracenos não demonstram reverência beijando e tocando somente os objetos sacros, uma vez que ao receberem as cartas do sultão, os indivíduos demonstram a mesma veneração que os cristãos frente ao *Corpus Domini*, se ajoelhando antes de as receberem, “a seguir pegam-nas, põem-nas sobre a cabeça e, depois de beijá-las, leem-nas inclinados e com grande reverência” (MANDEVILLE, 2007, p. 95). Portanto, não podemos deixar de lado que, para o cavaleiro, os islâmicos não possuem a fé verdadeira como os cristãos, carregando então falhas e acertos até serem completamente convertidos: “E dado que suas crenças estejam tão próximas das nossas, facilmente serão convertidos à fé cristã quando forem doutrinados, quando lhes for mostrada claramente a religião de Jesus Cristo e quando lhes falarem das profecias” (MANDEVILLE, 2007 ,p. 137). Para mais, como destaca Stephen Greenblatt, “aquilo que as cartas do sultão permitiam ao viajante cristão contemplar é a sua própria herança perdida, uma série de lugares sagrados que apresentam uma espantosa densidade de associação” (GREENBLATT, 1996, p. 60).

Dessa forma, uma vez que, na perspectiva dos viajantes, a crença dos nestorianos dos sarracenos e dos idólatras estão próximas as suas²⁹⁶, eles são descritos como capazes de possuírem comportamentos e reações semelhantes aos cristãos frente aos utensílios admiráveis e sacros, ou seja, o toque e o beijo. Porém, à diferença destes, aqueles, devido ao fato de apresentarem credos e dogmas distintos dos existentes na Cristandade, dispõem de objetos associados ao demoníaco, a exemplo do colocado por Jean de Mandeville sobre os ídolos:

Dizem também que, através desses ídolos, falam os anjos de Deus e fazem milagres. E dizem ver que há um anjo em seu interior. Mas há dois tipos de anjos, um bom e outro mau, como dizem os gregos, *Cacho* e *Calo*. *Cacho* é mau e *Calo* o bom. Porém, não é o anjo bom, mas o mau que está dentro de seus ídolos para enganá-los e fazer que permaneçam em seu engano (MANDEVILLE, 2007, p. 254-255).

Assim, por um lado os ídolos são descritos como objetos possuidores de grande estima dos idólatras, os quais, no relato de Jean de Mandeville, enganados pelas forças diabólicas, eram capazes de percorrer mais de 100 milhas em peregrinação para sofrerem todas as dores físicas possíveis – e até a morte²⁹⁷- devido ao amor a um ídolo coberto de ouro, de pedras preciosas e de pérolas (MANDEVILLE, 2007, p. 166). Enquanto do outro, movidos por um anjo mal, ilustram a situação observada por Lorraine Daston e Katherine Park²⁹⁸, de que nem todo o maravilhamento dos viajantes estava relacionado ao bem.

Demoníacos, portanto, os ídolos eram vistos na posição de repulsivos junto aos viajantes, não impulsionando, por exemplo, Jean de Mandeville ao toque ou ao beijo, mas, ao contrário, sendo evitados, pois, mediante fenômenos relacionados ao

²⁹⁶ Isso ocorre, conforme esclarece Donald R. Howard, pois “(...) os homens da escolástica medieval aprendiam que ocorria uma ‘religião natural’ implantada em todos os homens possuidores da razão” (HOWARD, 1971, p. 8-9. Tradução nossa). [No original: “(...) scholastic philosophy medieval men had learned of a ‘natural religion’ implanted in all men’s reason” (HOWARD, 1971, p. 8-9)].

²⁹⁷ Em Mabaron, para onde muitos indivíduos se deslocam em peregrinação, ocorre uma festa, na qual o ídolo é posto em uma carruagem de ouro, sendo carregado “(...) com grande solenidade pela cidade. Na procissão, à frente da carruagem, desfilando ordenadamente de duas em duas, vão todas as donzelas do país. Atrás das donzelas vão os peregrinos que vieram de longe, alguns dos quais se deixam cair sob as rodas da carruagem, a qual passa sobre eles, de forma que uns morrem imediatamente, outros quebram os braços, as pernas ou as costas. Tudo isso fazem devotamente, por amor a seu Deus, e pensam que quanto mais penas e tribulações sofrerem por amor a esse ídolo, mais estarão perto de Deus e mais regozijo terão no outro mundo” (MANDEVILLE, 2007, p. 166-167).

²⁹⁸ DASTON, Lorraine; PARK, Katherine. **Wonders and the order of nature, 1150-1750**. New York, NY: Zone Book, 1998, p. 33-34.

*magicum*²⁹⁹, eles engavam os idólatras, levando-os a práticas terríveis, como ocorre na ilha de Dondin, onde o demônio, mediante um ídolo, responde se determinado enfermo irá morrer ou não. Quando a resposta era positiva, o matavam e organizavam uma grande festa, em que a carne do “doente” era servida. Desse modo, “(...) o pai come o filho; o filho, o pai; o marido, a mulher, e esta, o marido” (MANDEVILLE, 2007, p. 183).

Não somente pelos ídolos, os demônios buscavam corromper os indivíduos mediante também mudanças nas leis da natureza, resultado de mágicas ilusões. No Vale Perigoso, por exemplo, muitos sarracenos e cristãos morreram por buscarem obter pedras preciosas criadas, provavelmente, pela astúcia das criaturas demoníacas³⁰⁰, as quais, nas palavras de Jean de Mandeville, “(...) fazem com que algo pareça o que não é, com o propósito de enganar os cristãos” (MANDEVILLE, 2007, p.236).

Nessa direção, ao longo do caminho, Jean de Mandeville expressa o sentimento de admiração frente aos objetos e fenômenos relacionados ao demoníaco, porém, reprime outras emoções, a exemplo da curiosidade e do desejo de posse. Isso ocorre, conforme explica Stephen Greenblatt, principalmente porque diante dos maravilhosos fenômenos maligno, ocorre a surpresa e o medo, tendo como consequência a crescente sensação de fervorosa devoção e o controle das respostas emotivas por vezes reprováveis (GREENBLATT, 1996, p. 46-47).

De maneira oposta, os utensílios relacionados ao Cristianismo causavam poucos temores. Mesmo quando utilizados pelos idólatras, apresentavam qualidades sempre positivas, tal qual a mão de São Tomé³⁰¹, deixando transparecer a relação privilegiada entre os fenômenos do *miraculum* e as relíquias, característica comum

²⁹⁹ A respeito do *magicum*, Jacques Le Goff afirma que o termo “(...) e o campo por ele designando rapidamente deslizou para o lado do mal, para o lado de Satanás. *Magicus* é, portanto, o sobrenatural maléfico, o sobrenatural satânico” (LE GOFF, 1985, p. 24).

³⁰⁰ Odorico de Pordenone de igual modo descreve os ouros no Vale Perigoso, colocando-os no seu regaço. “Mas, como não me preocupava com ela, e até pensava que fossem ilusões dos demônios, joguei-a toda por terra. E, assim, por graça de Deus, saí ileso de lá” (PORDENONE, 2005, p. 335).

³⁰¹ Na região de Mabaron, está o corpo de São Tomé, em carne e osso, bem como “o braço com a mão que pôs no dorso de Nosso Senhor, quando este lhe apareceu depois da ressurreição e lhe disse *Noli esse incredulus sed fidelis*, continua ainda em uma urna do lado de fora. É por meio dessa mão que as gentes desse país fazem o julgamento para ver quem está errado e quem tem razão, pois, quando há discordância entre as duas partes e cada qual crê que tem razão, cada uma das duas partes põe por escrito sua causa e, depois, esses escritos são colocados na mão de São Tomé imediatamente, a mão lança fora o escrito da causa injusta e retém o da causa justa e verdadeira. Daí que venham pessoas de terras distantes para ter o julgamento das causas duvidosas” (MANDEVILLE, 2007, p. 165).

entre os indivíduos na Idade Média³⁰². Odorico de Pordenone, por exemplo, após narrar de maneira hagiográfica³⁰³ o martírio de quatro frades franciscanos e afirmar ter sido encarregado de transportar os restos mortais para à Índia Superior, relata a milagrosa maneira como saiu de uma casa em chamas graças aos restos mortais dos mendicantes:

E, assim, enquanto o fogo queimava a casa, três cantos da casa foram queimados, sobrando aquele em que eu estava. Permanecendo eu naquele canto, o fogo estava por cima de mim, não me fazia mal nem queimava o canto da casa. Enquanto eu ficava na casa com os ossos, o fogo nunca descia, mas ficava por cima em forma de cruz. Quando sai da casa, então ela foi totalmente consumida, e não só ela, mas muitas outras que lhe estavam próximas; e assim saí de lá ileso (PORDENONE, 2005, pp. 297-298).

A posse dos ossos, garante ao franciscano a proteção divina³⁰⁴, e ele vivencia a mesma situação dos quatros frades martirizados, os quais, condenados à fogueira, saíram igualmente ilesos. Análoga função protetora das relíquias, é relatada por Jean de Mandeville, o qual trazia consigo um espinho que teria sido, supostamente, utilizado pelos Judeus para ferir Jesus³⁰⁵. Mandeville acredita que “(...) a pessoa que carregar algum de seus ramos não sofrerá nem uma tormenta ou tempestade, e da sua casa ou de onde estiver nenhum mal espírito poderá se aproximar” (MANDEVILLE, 2007, p. 43-44).

Os objetos sacros também causavam admiração porque possuíam qualidades olfativas, a exemplo dos ossos de Santa Catarina que quando esfregados com prata, “(...) brota deles um pouco de óleo, como se fosse suor, mas não é nem óleo nem bálsamo, ainda que seja muito perfumado” (MANDEVILLE, 2007, p. 79). Em outros momentos, os utensílios carregavam atributos de cura, como a tábua negra cuja imagem de Nossa Senhora antes era refletida e da qual um “[...] óleo brota por milagre

³⁰² A relação entre as relíquias e o milagre era evidente principalmente nos homens da igreja, como observa André Vauchez: “ora a maioria era de homens da Igreja propensos, por exemplo, a estabelecer um elo privilegiado entre os milagres e a santidade de tal ou tal servidor de Deus e a ‘virtude’ de suas relíquias” (VAUCHEZ, 2017, p. 225).

³⁰³ POPEANGA, Eugenia. El relato de viajes de Odorico de Pordenone. **Revista de Filología Románica**, 9, 1992, p. 37-61.

³⁰⁴ Conforme afirma Sofia Boesch Gajano, “as pessoas carregam consigo relíquias para garantir proteção pessoal, mas elas também podem ser doadas para aprofundar os elos de amizade entre indivíduos, ou para reforçar as relações religiosas entre comunidades distantes, ou ainda para consagrar relações de natureza política e eclesiástica” (GAJANO, 2017, p. 508).

³⁰⁵ Para mais informações sobre as relíquias e sua produção, ver: FRANCO JR., Hilário. A utopia que não está no fim da viagem: a peregrinação medieval. **Morus-** Utopia e Renascimento, n. 7, pp. 59-82.

de Deus e cura muitas enfermidades. Dizem que se bem guardado e durante sete anos, ele se converte em carne e sangue” (MANDEVILLE, 2007, p. 126).

Desse modo, impregnadas de virtudes celestiais, as relíquias eram apreciadas e reverenciadas, transformando-se em objeto de obstinado desejo, principalmente pela crença de que não representavam apenas lembranças, mas o corpo ainda vivo dos santos³⁰⁶. Referida perspectiva influencia, por exemplo, no distinto relato de Mandeville sobre Jerusalém³⁰⁷. Urbe de Davi, centro simbólico e geográfico do mundo³⁰⁸, escolhida para salvação da humanidade, a Terra Santa apresenta resquícios do divino, importantes por conduzirem as pessoas a presenciarem pessoalmente Cristo³⁰⁹ e sua morte. Logo, a cada passo, a explanação caminha objetivando esboçar a presença sacra, mesclando o Antigo e o Novo Testamento na busca por um Jesus histórico³¹⁰, o qual deixou rastros concretos³¹¹, observáveis nos mais variados artefatos, como em uma parte da mesa em que foi celebrada a Santa

³⁰⁶ Segundo Geraldine Heng, os indivíduos do medievo “(...) eram, certamente, obcecados pelas relíquias, porque acreditavam que elas carregavam consigo a presença íntima e a aura do corpo a elas associado, além de continuarem preservando viva parte do contato com o corpo original, contra o passar do tempo, em forma física e tangível” (HENG, 2003, p. 259. Tradução nossa) [No original: “Medievals were obsessed with relics, of course, because relics were felt, inter alia, to carry the intimate presence and aura of the body associated with them, and to continue, and keep alive, some contact with the original body, contra the passage of time, in tangible, physical form” (HENG, 2003, p. 259)].

³⁰⁷ Juan Camilo Conde Silvestre, esclarece-nos que o tratamento de Jean de Mandeville com Jerusalém é distinto, haja vista que tenta transmitir a ideia de uma cidade possuidora de propriedades celestiais. “Se trata de uma atenção esperável, se olharmos os itinerário e guias de peregrinação nas quais Jean de Mandeville se inspira, de onde se oferecem informações tão detalhadas como a que encontramos no *Codex Calixtinus* em relação à basílica e à cidade de Santiago” (CONDE SILVESTRE, 2011, p. 242. Tradução nossa). [No original: “Se trata de una atención esperable, si atendemos a los itinerarios y guías de peregrinos en las que el autor se inspira, donde se ofrecen información tan detallada como la que encontrábamos en el *Codex Calixtinus* en relación con la basílica y la ciudad de Santiago” (CONDE SILVESTRE, 2011, p. 242)].

³⁰⁸ De acordo com Susana Morales Osorio e Sonia Fernández Hoyos, Jean de Mandeville apresenta uma geográfica bíblica cuja Jerusalém constituía o centro do mundo (OSORIO; HOYOS, 2006, p. 346). Já Miguél Ángel Ladero Quesada, afirma que, na perspectiva do cavaleiro, a Terra Santa para além de lugar de redenção, era também centro simbólico (LADERO QUESADA, 2007, p. 67).

³⁰⁹ Segundo Geraldine Heng, “o desejo pelas relíquias era um desejo pelo contato íntimo com um corpo sagrado e precioso, corpo esse que não era perdido, mas continuava vivo e presente através daquilo que um dia ele teria tocado” (HENG, 2003, p. 259. Tradução nossa) [No original: “The desire for relics is a desire for intimate contact with a precious sacred body, a body that is not lost but continues alive and present thought what it once touched” (HENG, 2003, p. 259)].

³¹⁰ RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba; NOVOA PORTELA, Feliciano. Los mitos medievales en la obra de John Mandeville. *Isimu*, 9, p. 43

³¹¹ GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas**: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996, p. 45-55.

Ceia³¹², no recipiente utilizado na lavagem dos pés dos discípulos³¹³, nas marcas de dedos³¹⁴ e de pés de Jesus nas rochas³¹⁵, entre outras coisas.

O êxtase de estar presente e poder tocar nas mesmas coisas que Jesus tocou, leva o itinerante a compartilhar com os leitores³¹⁶ certa emoção santificada³¹⁷, a qual resultou, por exemplo, na denominação de um morro de Monte de Alegria, porque, segundo Mandeville, “produzia prazer nos corações dos peregrinos entrever dali, pela primeira vez, a cidade santa de Jerusalém” (MANDEVILLE, 2007, p. 103).

Enfim, apresentando experiências sensoriais e emocionais relacionadas aos simbolismos morais, Jean de Mandeville coloca as reações do toque e do beijo nos objetos admiráveis associados ao sacro. Contudo, enquanto os utensílios de outras religiões, vinculados aos fenômenos demoníaco, resultavam em repulsa no cavaleiro, os relacionados ao Cristianismo, tidos na posição de intercessores com o poder divino, portanto, realizadores de milagres, causavam prazerosas e satisfatórias admirações. Algo não muito distinto sucede nas descrições dos animais e dos seres humanos caracterizados pelas deformidades físicas, os quais possuíam tanto qualidades demoníacas, quanto ligadas ao divino.

Nessa direção, no próximo tópico debateremos os seres monstruosos causadores de maravilhamento, bem como os sentimentos e sentidos descritos por Jean de Mandeville frente a tais criaturas.

3.4 A admirável natureza das terras distantes e desconhecidas

A concepção contemporânea de natureza difere do entendimento que dela se tinha na Idade Média. Habitantes de um mundo pouco conhecido, repleto de segredos,

³¹² Na entrada do Monte Sião, “(...) ainda resta uma parte da mesa na qual Nosso Senhor celebrou a última ceia com seus discípulos, quando lhes deu sua carne e seu sangue, em forma de pão e vinho” (MANDEVILLE, 2007, p. 101).

³¹³ Descendo 32 degraus da entrada do Monte Sião, “(...) está o lugar onde Nosso Senhor lavou os pés de seus discípulos, e ainda continua ali o recipiente onde estava a água, perto do qual foi enterrado São Estevão” (MANDEVILLE, 2007, p. 101).

³¹⁴ Perto da igreja de Nossa Senhora, no Vale de Josafá, onde Jesus foi pego pelos Judeus há uma capela que possui uma rocha. “Na rocha, dentro da capela, todavia, pode-se ver ainda a marca dos dedos da mão de Nosso Senhor, no lugar onde se apoiou quando queriam prender-lhe os Judeus” (MANDEVILLE, 2007, p. 104).

³¹⁵ No Monte das Oliveiras, local que Jesus subiu aos céus, “(...) ainda se pode ver na pedra o sinal de seu pé esquerdo” (MANDEVILLE, 2007, p. 105).

³¹⁶ De acordo com Keagan Brewer, ocorria um contágio das emoções quando o indivíduo descrevia algo relacionado à Terra Santa e às relíquias (BREWER, 2016, p. 116).

³¹⁷ Paul Zumthor denomina essa emoção de “Saintly Emotion”, a qual levava, por exemplo, os viajantes a incentivarem outros indivíduos a igualmente peregrinarem (ZUMTHOR; PEEBLES, 1994, p. 810).

aqueles indivíduos estavam inclinados a consentirem com os fenômenos maravilhosos – mágicos, milagrosos e *marvel-* fazendo parte da mesma realidade habitual e conhecida (MORALES, 2003, p. 16-23). Isso ocorre, conforme explica-nos Lorraine Daston e Katherine Park, devido ao fato de os intelectuais do medievo invocarem uma ordem da natureza baseada no costume e na tradição, ao invés de leis estabelecidas empiricamente. Assim,

embora ordenada, a natureza não era nem invariável, nem homogênea no espaço. As maravilhas tendem a se agrupar, portanto nas margens do mundo conhecido, e constituem uma categoria ontologicamente distinta, o preternatural, suspenso entre o mundano e o milagroso. Em contraste, a ordem natural que os modernos herdaram da transição entre os séculos XVII e XVIII é expressa em leis uniformes e invioláveis (DASTON; PARK, 1998, p. 14. Tradução nossa)³¹⁸.

Entender essa distinção entre o real e o irreal ou a diferença entre a compreensão medieval da natureza e a concepção contemporânea importa, porque Jean de Mandeville apresentou aquilo que a sociedade de seu tempo pensava existir no Oriente, mesmo narrando coisas não críveis à atualidade³¹⁹, a exemplo dos monstros, os quais, independente se acreditados ou não, como esclarece Mary B. Campbel, fazem “ (...) parte da total, mas fragmentada imagem do mundo que o autor tinha proposto tornar coerente e possuidora de um redentivo significado” (CAMPBELL, 1991, p. 157)³²⁰.

Referida perspectiva estava relacionada às transformações no entendimento da natureza ocorrida em finais da Idade Média. Segundo Tullio Gregory, após os séculos XII e XIII, as experiências com a natureza conhece uma profunda alteração na Europa, principalmente devido ao aumento da tradução de textos científicos e filosóficos oriundos da Antiguidade e do mundo árabe. Assim,

³¹⁸ No Original: “Although highly ordered, this nature was neither unexceptionably uniform nor homogeneous over space and time. Wonders tended to cluster at the margins rather than at the center of the known world, and they constituted a distinct ontological category, the preternatural, suspended between the mundane and the miraculous. In contrast, the natural order moderns inherited from the late seventeenth and eighteenth centuries is one of uniform, inviolable laws (DASTONS, PARK, 1998, p. 14).

³¹⁹ RUIZ TOLEDO, F. Javier; NOVOA PORTELA, Feliciano. Los mitos medievales en la obra de John Mandeville. *Isimu*, 9, 2006, p. 39.

³²⁰ No original: “(...) part of the total but till fragmented image of the world he had set out to make coherent and redemptibly coherent” (CAMPBELL, 1991, p. 157).

O homem é inserido em um sistema físico onde a natureza não mais se define por suas referências simbólicas, como linguagem de Deus, mas pelo fato de que foi criada por Deus segundo uma 'lei' que funda e garante a própria natureza dos seres ('é essa lei que chamo 'natureza', escreve Daniel de Morley) e que cada ser cumpre de maneira inviolável. Essa 'natureza' define-se como uma 'ordem', um 'encadeamento' (*nexus*), uma 'série' de 'causas', um laço (*vinculum*) e uma regra do mundo, como objeto próprio de uma 'razão natural' até então desconhecido (GREGORY, 2017, p. 301).

Dessa forma, uma vez que a natureza começa a possuir uma ordem, os viajantes começam a procura causas físicas aos fenômenos, antes de procurarem explicações sobrenaturais. Com isso em mente, nos próximos tópicos, analisaremos os animais e os seres disformes que invocavam o maravilhamento em Jean de Mandeville, independentemente, se fictícios, como os dragões ou os cinocéfalos, ou reais, tal qual os crocodilos e as girafas.

3.4.1 A maravilhosa natureza do Oriente: os seres com deformidades físicas

Na Idade Média, o que se sabia sobre a variedade de monstros existentes em regiões exóticas, não se diferenciava muito do conhecimento legada pela Antiguidade. Entre os viajantes ao Oriente, percebemos a continuação, por exemplo, das narrações acerca da existência de pigmeus, cinocéfalos, centauros, gigantes, entre outros seres imagináveis, os quais, na posição de exóticos e possuidores de uma imagem disforme³²¹ eram críveis, principalmente, segundo Mary del Priori, quando passavam pelo seguinte questionamento: "(...) era relatado por uma testemunha digna de fé e estava de acordo com as tradições ancestrais e as crenças religiosas? Se a resposta fosse positiva, o monstro, de fato, existia" (DEL PRIORI, 2000, p. 13).

Entretanto, os relatos dos monstros no medievo se diferem dos registros de escritores Antigos, por apresentarem valores relativos ao cristianismo. Explica-nos Jacques Le Goff que o batismo das criaturas anormais foi importante, pois os associou

³²¹ Conforme destaca Claude Kappler, "para o homem normal, os monstros são, antes de tudo, *formas* diferentes dele mesmo. Essas formas são o resultado de uma organização não habitual dos elementos ordinários de composição, de uma mescla de organização diferente da matéria inicial" (KAPPLER, 1986, p. 132. Tradução nossa). [No original: "para el hombre normal, los monstruos son, ante todo, *formas* diferente de él mismo. Esas formas son el resultado de una organización no habitual de los elementos ordinarios de composición, de un amasijo diferente de la materia inicial" (KAPPLER, 1986, p. 132)].

somente a uma vontade, a divina, diante da qual esses seres apareciam como obedientes e tementes (LE GOFF, 2017, p. 130).

Assim, submissos aos propósitos divino, criados por Deus e pelos filhos de Adão, os monstros, mesmo com suas deformidades físicas, eram passíveis de conversão³²². No deserto do Egito, por exemplo, Jean de Mandeville apresenta seu entendimento de monstro e narra o encontro de um ermitão com ditos seres:

Um monstro é um ser disforme, seja homem, animal seja qualquer outro ser, por isso se chama monstro. Esse monstro era como um homem, porém, com dois cornos pontiagudos na testa e com um corpo de homem até o umbigo e daí para baixo tinha forma de cabra. O ermitão perguntou-lhe quem era, e o monstro respondeu que era uma criatura mortal, tal como Deus o havia criado, e que vivia naquele deserto procurando sustento. Rogou, então, ao ermitão que rezasse a Deus por ele, ao Deus que veio do céu para salvar toda a linhagem humana e que nasceu de uma virgem, sofreu paixão e a morte, como bem sabemos, para que vivêssemos e existíssemos (MANDEVILLE, 2007, p. 70-71).

Definindo monstros como criaturas disformes³²³, seja homem, seja animal, o cavaleiro apresenta pouco os aspectos relacionados ao simbolismo divino, à semelhança de João de Marignolli³²⁴, ou das Enciclopédias. Para além de “indicar” ou “revelar” algo, significados cuja própria palavra *monstro*, *monstrare*, por muito tempo expressou³²⁵, o autor os manifesta na simples posição de criação de Deus, o qual era

³²² BOVEY, Alixe. **Monstruos y grotesco en los manuscritos medievales**. Madrid: AyN Ediciones, 2006, p. 12.

³²³ Em outras versões de *Viagens de Jean de Mandeville* observamos, para além, a caracterização da criatura como “antinatural”, tal qual sucede na organizada por Ana Pinto: “Nos desertos do Egito houve uma vez um homem virtuoso, que era um santo ermitão. Ali se encontrou com um monstro (um monstro é um ser disforme, antinatural, tanto sendo homem, animal ou qualquer outro ser; a isso se chama um monstro)” (PINTO, 2001, p. 93. Tradução nossa). [No original: “En los desiertos de Egipto hubo una vez un hombre virtuoso, que era un santo ermitaño. Allí se encontró con un monstruo (un monstruo es un ser deforme, antinatural, tanto si es hombre, animal o cualquier otro ser; a eso se le llama un monstruo)” (PINTO, 2001, p. 93)].

³²⁴ ³²⁴ João de Marignolli, falando das pessoas com aspectos físicos diferentes testemunhadas na Cristandade e as monstruosidades do Extremo Oriente, coloca que: “(...) não supomos que tais criaturas existem como espécie, mas as consideramos como monstruosidades naturais. É a partir disso que Deus escolhe mostrar seu poder entre a humanidade, para que possamos agradecê-lo por não nos ter criado com tamanhas deformidades e para que possamos temê-lo” (MARIGNOLLI, 1916, p. 155-156. Tradução nossa). [No original: “yet we do not suppose that such creatures exist as a specie, but regard them as natural monstrosities. So doth God choose to show forth his power among men, that we may render thanks to Him that he hath not created us with such deformities, and that we may fear Him!” (MARIGNOLLI, 1916, pp. 255-256)].

³²⁵ De acordo com Pablo Castro Hernández, “(...) a palavra monstro deriva do latim *monstrum*, isso é, monstruo, prodígio, maravilha e coisas incríveis, o que, por sua vez, deriva de *monstro*, ou seja mostrar, indicar e sinalar. O maravilhoso é um gênero de criatura que mostra, apresenta e prognostica algo com um significado” (HERNÁNDEZ, 2015, p. 18. Tradução nossa). [No original: “(...) la palabra monstruo deriva del latín *monstrum*, esto es, monstruo, prodigio, maravilla y cosa increíble, lo que a su vez

o verdadeiro artista, enquanto Mandeville se posiciona somente como narrador³²⁶. Portanto, o viajante revela uma criatura marcada pelas diferenças físicas, mas, ao mesmo tempo, semelhante aos leitores nos aspectos espirituais e religiosos, principalmente com relação à consciência de sua criação e preocupação com a salvação da alma mediante oração.

Comum também nos relatos de outros itinerantes do período, a visão de Jean de Mandeville reflete, conforme esclarece Lorraine Dastons e Katherine Park, o crescente contato da Cristandade com o Oriente³²⁷. De acordo com as autoras, à medida que missionários e mercadores adentravam as regiões à leste, diminuía as representações dos indivíduos como selvagens e primitivos, libertando, entre outros pontos, os monstros de possíveis ameaças e adversário militares, além disso, situava-os como figuras impulsionadoras às aspirações e aos desejos. Assim, antes bárbaros causadores de ameaças e terror, passam, agora, a serem vistos como seres que estimulam a curiosidade e o prazer, especialmente, devido as suas peculiaridades físicas (DASTON; PARK, 1998, p. 32-38).

Não mais adversários, como representados no livro *Tractatus monstrorum* do século VIII³²⁸, os monstros e as pessoas do Extremo Oriente passam a serem vistos de modo mais humanizado³²⁹, constituindo parte do anseio do contato entre os viajantes ao longo do deslocamento. Curiosos, eles desejavam ver essas criaturas, menos para feitos heroicos, de bravuras, ou conquistas³³⁰, e mais pelo prazer de

deviene de *monstro*, es decir, mostrar, indicar y señalar. Lo monstruoso es un género de criatura que muestra, presenta y pronostica algo con un significado” (HERNÁNDEZ, 2015. p. 18)].

³²⁶ CAMPBELL, Mary B. **The witness and the other world: exotic European Travel Writing, 400-1600**. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1991, p. 145.

³²⁷ De acordo com Lorraine Daston e Katherine Park, em partes o fato dos Orientais não serem vistos mais como adversário está relacionado às Cruzadas, uma vez que esse movimento mostrou a inferioridade militar (DASTON, PARK, 1998, p. 32).

³²⁸ Para mais informações, ver: DASTON, Lorraine; PARK, Katherine. **Wonder and the order of nature, 1150-1750**. New Yor, NY: Zone Book, 1998, p. 26.

³²⁹ Conforme esclarece Guillermo Giucci, a humanização das pessoas viventes nos territórios distantes ocorre principalmente devido à introdução na mentalidade dos europeus da existência de um Império no Extremo Oriente, associado ao civilizado e ao poder. Assim, o panorama representativo altera-se, sendo ao invés das riquezas imaginárias, as riquezas asiáticas descritas, no lugar dos homens selvagens, os homens civilizados. Para mais, tal fato colaborou em direção ao surgimento da crítica dos valores da sociedade eurocristã, “pois, se o ‘outro mundo’ se humaniza, isso indica que as sociedades que o compõem são comparáveis à europeia. O sentimento de *dépaysement* (estranheza, distanciamento) do viajante europeu integra-se ao âmbito da cultura, confirmando a passagem do plano natural para o plano social. E a inscrição do maravilhoso nas páginas do novo transcendem o domínio da natureza para tornar-se legível nos espaços da cultura material e espiritual” (GIUCCI, 1992, p. 92-93).

³³⁰ Como coloca Chrétien de Troy, para um cavaleiro, repouso e renome não combinam, devendo sempre estar viajando, conquistando e lutando (TOYES, 1991, p. 79). Contudo, os personagens de Chrétien de Troy vão de encontro à aventura pelo simples desejo de se encontrarem com ela, enquanto

testemunharem as suas diversidades. Quando a interação não acontece, surgem relatos de desilusões³³¹, como a de João de Marignolli:

E mesmo assim nunca pude constatar como fato que tais raças de humanos existam, enquanto as pessoas com quem encontrei costumavam me perguntar, onde elas seriam encontradas. A verdade é que esse povo não existe como nações, mas como monstros individuais aqui e ali. Tampouco qualquer povo como este teria sido inventado, tendo somente um pé, que eles usariam como fonte de sombra. Mas como normalmente todos os Indianos costumam andar nus, eles têm o hábito de carregar consigo um objeto que se parece com uma tenda-telhado em uma alça de carne. O qual, então, eles abrem e estendem assim que desejarem como proteção contra o sol ou a chuva. Eles a chamam de *chaty*; eu trouxe uma para Florença comigo. E é isso que os poetas transformaram em um pé (MARIGNOLLI, 1916 p. 356)³³².

Desenganado, o franciscano apresenta certo desgosto em razão de não testemunhar os seres disformes, atribuindo a um erro dos poetas a crença da existência, na Índia, de pessoas com pés tão grandes capazes de fazer sombra. Jean de Mandeville, viajante fictício, por outro lado, pouca desilusão demonstra frente aos monstros. Transmitindo o conhecimento de seu tempo³³³, não poupa descrições das criaturas maravilhosas, as quais, por vezes, carregavam virtudes positivas. Cita o

Jean de Mandeville, de modo distinto, demonstra um senso de aventura relacionado à curiosidade e ao anseio de conhecer, não para feitos heroicos, conforme debatido no Capítulo 2.

³³¹ A desilusão dos viajantes ao não se depararem com os monstros é observada também por Claude Kappler, quando este coloca que “o inesperado é, em certa medida, ‘esperado’: porque vem precedido, no espírito dos viajantes, por uma tradição. Mas o ponto máximo de uma experiência do viajante é – ou será- no encontro com um ou vários monstros, encontro que é previsto como momento difícil da viagem; quando não se produz, os itinerantes deixam transparecer certa decepção, quando não uma amargura ou reação contra uma tradição mentirosa ou a uns narradores muito crédulos” (KAPPLER, 1986, p. 131. Tradução nossa) [No original: “lo inesperado es, en cierta medida, ‘esperado’, porque viene precedido, en el espíritu de los viajeros, por una tradición. Pero el punto máximo de una experiencia viajera es – o será- el encuentro con uno o varios monstruos, encuentro que es previsto como momento difícil del viaje; cuando no se produce, se deja sentir una cierta decepción, cuando no amargura o reacción contra una tradición mentirosa o a unos narradores demasiado crédulos” (KAPPLER, 1986, p. 131)].

³³² No original: And yet never could ascertain as a fact that such races of men really do exist, whist the person who I met used to question me in turn where to be found. The truth is that no such people do exist as nations, thought there may be as individual monsters here and there. Nor are there any people at all such as has been invented, who have but one food which they use to shade themselves withal. But as all the Indians commonly go naked, they are in habit of carrying a thing like a little tent-roof on a came handle. Which they open out at will as a protection against sun or rain. This they call a *chatyr*; I brought one to Florence with me. And this it is which the poets have converted into a foot (MARIGNOLLI, 1916, p. 356).

³³³ LADERO QUESADA, Miguél Ángel. Mundo real y mundo imaginarios. John Mandeville. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba. (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Madrid: Lunwere editores, 2007, pp. 70.

exemplo dos pigmeus, que, embora muito pequenos, “sabem discernir o bem e o mal” (MANDEVILLE, 2007, p. 188).

Contudo, nem todos os aspectos dos monstros relatados pelo cavaleiro são positivos, sendo, por vezes, narrados depreciativamente, principalmente devido a seus comportamentos selvagens. Isso ocorre, sobretudo, à medida que Jean de Mandeville se distancia da Cristandade³³⁴, na segunda parte da obra, ocasião marcada pelo declínio da natureza conhecida³³⁵. Assim, por exemplo, disformes, as criaturas perdem a qualidade da fala, realizando sons semelhantes aos animais, como os “(...) homens selvagens, cornudos, de horroroso aspecto e que não falam, apenas grunhem como os cerdos” (MANDEVILLE, 2007, p. 231). Ou os seres viventes perto da ilha de Dondin, os quais pequenos à semelhança dos pigmeus, possuem um orifício no lugar da boca, e, por não disporem de uma língua, “(...) não falam, apenas produzem um assobio e fazem sinais entre si, como os monges” (MANDEVILLE, 2007, p. 184).

Na mesma direção, as criaturas daquelas regiões, são descritas como cruéis, se tornam antípodas do ideal³³⁶, se distinguindo dos cristãos, por exemplo, em aspectos religiosos e morais, como os cinocéfalos, os quais, mesmo justos, são idólatras e comem seus prisioneiros de guerras (MANDEVILLE, 2007, p. 180). Da mesma maneira, apresentam deformidades físicas capazes de levar à morte, a exemplo das mulheres de uma ilha do Mar Oceano “(...) que têm pedras preciosas dentro dos olhos e são de tal feitio que, se olham um homem colericamente, matam-no apenas com seu olhar, como faz o basilisco” (MANDEVILLE, 2007, 237).

Dessa forma, impulsionadores à curiosidade, ao prazer, humanizados e, por vezes, civilizados, os monstros não perdem completamente sua capacidade de causar horror e medo em fins do medievo. Não visto mais como ameaças à Cristandade, instigam a repulsa e, principalmente, o medo nos viajantes, os quais, aventureiros, mas não desejosos de feitos heroicos para proteger o coletivo³³⁷, sentem medo de

³³⁴ HENG, Geraldine. **Empire of magic: Medieval romances and the politics of cultural fantasy**. New York: Columbia University Press, 2003.

³³⁵ HOWARD, Donald. The world of Mandeville's Travels. **The yearbook of English studies**, vol. 1, 1971, pp. 1-17.

³³⁶ HERNÁNDEZ, Pablo Castro. La imagen del monstruo en algunas representaciones xilográficas del Libro de las maravillas. **Revista Sans soleil- Estudios de la imagen**, vol. 7, 2015, p. 18.

³³⁷ Por estarem longe, os monstros não constituíam ameaças concretas à Cristandade, logo os viajantes não precisavam realizar feitos heroicos. De igual modo, movidos por Saturno, eles não eram propensos a realizarem grandes viagens, como coloca Jean de Mandeville: “As gentes da Índia são de uma tal condição que não saem de sua própria terra, razão pela qual há nela uma multidão de habitantes, pois não se deslocam, porque vivem no primeiro clima, que está regido por Saturno, que é

perder a própria vida, evitando determinadas regiões, como as ilhas posteriores ao Vale Perigoso, onde vivem gigantes de 28 a 30 pés de altura:

(...) ninguém se atreve a entrar voluntariamente nem se aproximar, pois, se suas gentes veem um barco com homens a bordo, logo entram no mar para pegá-los. Disseram-nos que havia uma ilha, mais além dessa, na qual viviam gigantes ainda maiores, uns de 45 pés, outros de 50 pés e, segundo dizem, outros de 50 cúbitos de comprimento. Contudo, eu não vi nenhum gigante, pois não me aproximei, já que ninguém entra em uma ilha nem em outra sem ser devorado (MANDEVILLE, 2017, p. 237).

As ilhas constituem o principal habitat dos gigantes perigosos e outros monstros repulsivos para Jean de Mandeville, mas não somente a ele, uma vez que, desde a Antiguidade, essas regiões povoam o imaginário dos europeus com suas maravilhas³³⁸. De acordo com Claude Kappler, isso ocorre em razão de, além de desconhecidas, essas regiões estarem separadas do continente pelo mar (KAPPLER, 1986, p. 36-37).

Assim, buscando admirar e causar prazer em seus leitores mediante as criaturas anormais, Jean de Mandeville apresenta um Oriente composto sobretudo por regiões insulares. Na região de Dondin, por exemplo, existem mais de 54 ilhas e em todas vivem pessoas de diversas deformidades físicas: sem cabeça e com os olhos no peito; de rostos completamente planos; possuidores de grandes orelhas; pessoas de lábios tão enormes que cobrem o sol; indivíduos cujos pés se assemelham aos de cavalos; entre outros (MANDEVILLE, 2007, p. 184).

3.4.2 A maravilhosa natureza do Oriente: entre animais horrendos e apreciados

Os viajantes medievais, até mesmo os mais descrentes, expressam a concepção que a sociedade tinha acerca de certos seres imaginários, ou seja, sua

lento e dado a mover-se pouco” (MANDEVILLE, 2007, p. 157). Já com os europeus, “(...) sucede justamente o contrário, pois estamos no sétimo clima, que está regido pela Lua, que tem um movimento rápido; é o planeta de passagem. Por isso ela nos dá condição e vontade de nos deslocarmos e de caminharmos por diferentes rotas em busca de coisas estranhas e das diversidades do mundo, pois a Lua se move ao redor da Terra mais rapidamente que nenhum outro planeta” (MANDEVILLE, 2007, p. 157-158).

³³⁸ Leonardo Meliani Velloso apresenta diferentes noções de ilhas existentes ao longo da Idade Média, para mais informações, ver: VELLOSO, Leonardo Meliani. **Um maravilhoso imaginário: cartografia e literatura na Baixa Idade Média e no Renascimento**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017, pp. 121-132.

existência³³⁹. João de Marignolli, por exemplo, cético, de um lado, da realidade de criaturas com deformidades físicas a ponto de formarem uma espécie no Oriente, não deixa, por outro, de descrever o contato com animais irreais, como os dragões:

Encontramos muitas tormentas, começando pelos demônios de São Jorge, fomos atacados por eles, por cinco ou mais vezes quase nos inundamos no fundo do mar, somente por um milagre divino escapamos. Tais coisas maravilhosas nós vimos! O mar estava como em chamas, e dragões cuspidores de fogo voavam, quando passavam matavam as pessoas a bordo de outros barcos, enquanto permanecíamos intocáveis, pela graça de Deus, do virtuoso corpo de Cristo, que eu sempre carregava comigo, e pelos méritos da gloriosa Virgem e de Santa Clara (MARIGNOLLI, 1916, pp. 230-231)³⁴⁰.

Em outros momentos, quando não testemunham pessoalmente os dragões, os itinerantes afirmam que ouviram falar de sua existência, como sucede com Jordan Catala Sévérac³⁴¹, sendo, em ambos os casos, não apenas os aspectos aterradores destacados, mas, também, o fato de serem criaturas perigosas e feias³⁴². Assim, críveis, ditos monstros legaram feitos heroicos por meio de batalhas a santos e cavaleiros, como São Jorge³⁴³, ou, de modo distinto, eram temidos e evitados pelos viajantes, principalmente, devido ao fato de demandarem, ao invés dos confrontos, o

³³⁹ Isso ocorre, principalmente, conforme explica Joaquín Rubio Tovar, porque os monstros estavam nas mais diversas esferas culturais da sociedade medieval (RUBIO TOVAR, 2006, p. 121).

³⁴⁰ No Original: “We encountered so many storms, commencing from St. George’s Eve, and were so dashed about by them, that sixty times and more we were all but swamped in the depth of the sea, and it was only by divine miracle that we escaped. And such wondrous thigs we beheld! The sea as if in flames, and fire-spiting dragons fly by, and as they passed slew persons on board the other junks, whilst ours remained untouched, by God’s grace, and by virtue of the body of Christ which I carried with me, and thought the merits of the glorious Virgin and St. Clare (MARIGNOLLI, 1916, pp. 230-231).

³⁴¹ De acordo com Jordan Catala Sévérac, “Falarei o seguinte da Índia Tertia: que eu realmente não vi todas as suas maravilhas, por não ter estado por lá, mas ouvi delas de pessoas confiáveis. Por exemplo, há uma grande quantidade de dragões que carregam pedras lustrosas em suas cabeças, chamadas de cabunch. Esses animais têm como habitat, as areias douradas, e crescem até tamanhos exorbitantes, além de exalarem um hálito fétido e infeccioso, como uma densa fumaça que surge do fogo” (SÉVÉRAC, 2010, p. 41-42. Tradução nossa). [No original: “of India Tertia I will say this, that I have not indeed seen its many marvels, not having been there, but have heard them from trustworthy persons. For example, there be dragons in the greatest abundance which carry on their heads the lustrous stones which be called carbunch. These animals have their lying-place upon golden sands, and grow exceeding big, and cast forth the mouth a most fetid and infectious breath, like the thickest smoke rising from fire” (SÉVÉRAC, 2010, p. 41-42)].

³⁴² BOVEY, Alixe. *Monstruos y grotesco en los manuscritos medievales*. Madrid: AyN Ediciones, 2006, p. 23

³⁴³ Para mais informações a respeito dos dragões nos escritos relacionados a São Jorge, ver: CONSIGLIERI, Nadia Mariana. *Matar al dragón; matar al diablo. La naturaleza como escenario de acción de san Miguel y san Jorge en algunos ejemplos pictóricos bajomedievales y renacentistas (siglo XV e inicios del XVI)*. *Anales de historia del arte*, n. 31, 2021, pp. 59-81.

contato físico, à semelhança do descrito por Jean de Mandeville na ilha de Cos e de Lango.

Segundo o cavaleiro, nas ilhas de Cos e de Lango habita a filha de Hipócrates, transformada em dragão devido ao encantamento da deusa Diana. O retorno para a forma humana ocorreria somente quando um cavaleiro, realmente valente, a beijasse na boca. Duas foram as situações cujo fato quase se realizou. Na primeira, um cavaleiro de Rodes, habilidoso com as armas, disse que a beijaria. Em um corcel e armaduras entrou na cova, mas, quando olhou a criatura de “(...) forma tão odiosa, fugiu, porém, o dragão o agarrou e levou a uma rocha e, malgrado sua resistência, o cavaleiro foi jogado no mar, onde desapareceu” (MANDEVILLE, 2007, p. 53). No segundo momento, um jovem, desconhecendo a existência da criatura, chega ao castelo. Ao perceber uma dama, expressa o desejo de a possuir. A resposta implica na obrigação de, antes, se sagrar cavaleiro³⁴⁴.

Segundo Jean de Mandeville:

Ele partiu e foi a seus companheiros, no barco, para que o fizessem cavaleiro, regressando na manhã seguinte para beijar a donzela. Mas, no momento em que a viu sair da cova com uma forma tão terrível, teve tanto medo que fugiu de novo para o barco, e ela atrás. Quando ela se apercebeu de que ele não regressaria, pôs-se a gritar e bradar como alguém que sente profunda aflição. A seguir, retornou a cova e, neste momento, o cavaleiro morreu (MANDEVILLE, 2007, pp. 53-54).

Assim, de aspecto odioso, terrível e horripilante, o dragão, visível aos indivíduos nomeados cavaleiros, não se apresenta como algo a ser beijado, mas combatido³⁴⁵. O toque nessa criatura, ao invés dos lábios, deveria ocorrer somente mediante a espada³⁴⁶, principalmente devido a sua comum associação ao mal, se tornando símbolo de manifestações demoníacas, e, portanto, comparado à serpente³⁴⁷. Esta,

³⁴⁴ Além de responder que antes, o jovem deveria se sagrar cavaleiro, a dama acrescenta: “não tenha medo, pois não lhe farei nenhum mal, e ainda que eu lhe apareça de uma forma odiosa de olhar, em razão de um encantamento, eu sou, na verdade, tal como agora me vê. E se me beijar, terá todo este tesouro e será meu senhor, e também senhor de toda esta ilha” (MANDEVILLE, 2007, p. 53).

³⁴⁵ Assim como as relíquias, igualmente associadas ao demoníaco, o dragão e outros animais perigosos eram responsáveis pela repreensão de alguns sentimentos, principalmente a curiosidade. A admiração impulsionava, então, a religiosidade e a busca pelo não contato físico.

³⁴⁶ Assim como aconteceu em Beirute, cidade, de acordo com Jean de Mandeville, onde São Jorge matou o dragão (MANDEVILLE, 2007, p. 127).

³⁴⁷ Conforme observa Jean de Chevalier “o dragão como símbolo do demoníaco se identifica com a serpente: as origens confirmam essa identidade nos salmos 74” (CHEVALIER, 1998, p. 428. Tradução nossa) [No original: “el dragón como símbolo demoníaco se identifica en la realidad con la serpiente: origenes confirma esta identidad a propósito del salmo 74” (CHEVALIER, 1988, p. 428)].

por sua vez, igualmente temida pelos viajantes³⁴⁸, simboliza, na tradição cristã, a corrupção de Adão e Eva³⁴⁹. Ambos os animais, tidos como personificações diabólicas³⁵⁰, são temidos e evitados por Jean de Mandeville, sucedendo que certas regiões fossem evitadas por um cavaleiro pouco inclinado a feitos de armas. A título de exemplo, destacamos o deserto posterior ao rio Buemare, nas terras posteriores ao domínio de Preste João, onde o itinerante não quis “se arriscar”, “(...) em razão da grande quantidade de animais selvagens, enormes dragões e enormes serpentes que matam e devoram todos que se aproximem deles” (MANDEVILLE, 2007, p. 245).

No mesmo grupo dos animais causadores de admiração, embora considerados horrendos, encontramos os crocodilos. Descritos de maneira mais pormenorizada que os monstros descritos anteriormente, recebe a qualificação de ser uma espécie de serpente amarela e comprida³⁵¹. De aparência igualmente bestial, a criatura carrega particularidades físicas responsáveis pelo terror no viajante, diminuindo o desejo de permanecer na mesma região de tais seres³⁵². Para além, sua maneira de viver e de alimentar-se, causa repulsa:

À noite vivem na água, e de dia na terra, em rochas ou em lugares subterrâneos, e não comem nada durante o inverno, pois permanecem

³⁴⁸ As serpentes geralmente entre os viajantes ao Extremo Oriente são descritas como possuidoras de propriedades horripilantes, sendo muitas vezes temidas e evitadas. Contudo, em alguns casos, os venenos poderiam servir como remédio, tal qual ilustra Marco Polo: “Uma vez morta, arrancam-lhe o fel e vedem-no muito caro, pois que se compõe com ele um bom remédio. Se um homem foi mordido por um cão danado, dão-lhe a beber uma droga preparada com o fel da serpente; e isso basta para salvá-lo. Quando a mulher tem um parto difícil e grita muito alto, dão-lhe um pouco desse fel e logo lhe passa a aflição. A terceira virtude desse fel é a de fechar chagas em dois dias” (POLO, 1985, p. 148-149). Os dragões peçonhentos, diferentemente, não possuem características medicinais, apenas causam o terror.

³⁴⁹ VELLOSO, Leonardo Meliani. **Um maravilhoso imaginário**: cartografia e literatura na Baixa Idade Média e no Renascimento. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017, pp. 101-102.

³⁵⁰ MARTÍNEZ, Adriana. Los monstruos y los lugares de maravilla. *Stylos*, n. 18, v. 18, 2009, p. 63- 74.

³⁵¹ Os aspectos físicos são descritos da seguinte maneira: “esses crocodilos são serpentes amarelas, rajadas por cima, têm quatro pés, patas curtas e unhas grandes. Há alguns que medem cinco braças de comprimento, outros medem seis, oito ou dez. Quando se movem em lugares arenosos parecem um enorme troco de árvore que é arrastado pela areia” (MANDEVILLE, 2007, p. 180).

³⁵² De acordo com Pablo Castro Hernández, o aspecto monstruoso do crocodilo impulsiona Jean de Mandeville a não permanecer nos locais. “É uma besta que suscita temor; a comunicação com o animal não existia, é o impenetrável e o estranho por excelência, o homem projeta nela suas angústias e temores. É um monstro que reflete uma força descomunal e uma natureza feroz. Nesse caso, mesmo o crocodilo fazendo parte da criação de Deus, também resulta ser uma besta única e diferente, a qual se encontra nas terras exóticas e distantes, fato que resulta em sua condição maravilhosa” (HERNÁNDEZ, 2015, pp.19-20. Tradução nossa). [No original: “Es una bestia que suscita temor; la comunicación con el animal no existía, es lo impenetrable y lo extraño por excelencia, el hombre proyecta en la su angustia y sus temores. Es un monstruo que refleja una fuerza descomunal y una naturaleza feroz. En este caso, si bien el cocodrilo se concibe como parte de la creación de Dios, también resulta ser una bestia única y diferente, la cual se encuentra en tierras exóticas y lejanas que otorgan su condición maravillosa” (HERNÁNDEZ, 2015, p. 19-20)].

dormindo como se estivessem quase mortos, tal qual as serpentes. Esses animais matam pessoas e comem-nas vertendo lágrimas. Quando comem, movem as mandíbulas superior, mas não a inferior, e não têm língua (MANDEVILLE, 2007, p. 239).

De aspecto abominável e vivendo de maneira selvagem em rochas e lugares subterrâneos, os crocodilos causam no viajante um sentimento de “repulsa”. Segundo Stuart Walton essa sensação resulta de uma resposta frente a algo repugnante e abominável associado à raiva e ao medo, o que provoca a reação de vômito (WALTON, 2007, p. 106).

Portanto, ligados ao diabólico e ao selvagem, os dragões, serpentes e crocodilos não apenas encantavam Jean de Mandeville, mas também causavam terror ou repulsa, levando ao afastamento físico e dos sentidos, como o beijo e a visão. Algo distinto sucede frente a animais mais apreciados, tal qual a fênix. Única em todo o mundo, Mandeville compara esse pássaro lendário à Jesus Cristo, uma vez que, ambos, em razão de milagre, ressuscitam no terceiro dia. Assim, ao invés das qualidades físicas horripilantes e repulsivas, condições comuns às três bestas anteriormente destacadas, há a ressalva narrativa no brilho e fulgor das cores³⁵³, como o amarelo reluzente, o azul, a púrpura e o vermelho³⁵⁴, características mescladas de um “(...) pássaro muito bonito de se contemplar quando tocado pelos raios de sol, pois resplandece gloriosamente” (MANDEVILLE, 2007, p. 71).

Há outros animais narrados cujas características admiráveis pouco se associam ao horripilante ou glorioso, relacionados ao religioso. Essas criaturas, por

³⁵³ A respeito das cores, não observamos muitas divergências entre a descrição de Jean de Mandeville e aquelas realizadas no Antigo Egito, origem do mito, uma vez que, como assinala Sergio Guadalajara Salmerón, “ não é raro que a fênix, soberana de todas as aves, possua entre as tonalidades de sua plumagem as cores reservadas a imperadores e reis. Inclusive, parece que o próprio nome *fênix* tem origem neste feito, pois o adjetivo latino *phoeniceus* é o que descreve a purpura própria da Fenícia, próxima a uma tonalidade do roxo brilhante. Só ocorrem identificações confusas durante o período medieval: pode fazer referência à cor do mesmo nome, mas também a outras tonalidades de roxo, carmesim, verde ou azul” (SALMERÓN, 2020, p. 148. Tradução nossa) [No original: “no es casual que el fénix, soberano de todas las aves, posea entre tonalidades de su plumaje este color reservado a emperadores y reyes. Incluso, parece que el propio nombre *fénix* deba su origen a este hecho, pues el adjetivo latino *phoeniceus* es el que describe en la púrpura propia de Fenicia, próxima a una tonalidad del rojo brillante. Suele plantear confusas identificaciones durante el periodo medieval: puede hacer referencia al color del mismo nombre, pero también a otras tonalidades de rojo, carmesí, verde o azul” (SALMERÓN, 2020, p. 148)].

³⁵⁴ A descrição da fênix em *Viagens de Jean de Mandeville* ocorre da seguinte maneira: “(...) não sendo maior que uma águia e tendo na cabeça uma crista maior que a do pavão. Tem o pescoço amarelo brilhante, da cor de um orilídeo bem reluzente, as costas de um azul como o índigo; as asas são de cor púrpura e o rabo tem fendas transversais amarelas e vermelhas” (MANDEVILLE, 2007, p. 71).

vezes imaginárias, como os grifos³⁵⁵, outras vezes, reais, como os leões, apresentavam particularidades físicas causadoras de espanto, sobretudo mediante os excessos, a exemplo das ratazanas gigantes³⁵⁶. Em ambos os casos, o entusiasmo e a busca por entreter os leitores podem ser medidos considerando a pormenorizada descrição. A girafa, por exemplo, menos inspiradora que outros animais apresentados, recebe o breve relato de ser malhada, e um pouco mais alta que um corcel: “(...), porém, seu pescoço mede 20 cúbitos de comprimento e suas ancas e o rabo são como os de um cervo. É capaz de ver por cima de uma casa bem alta” (MANDEVILLE, 2007, p. 239).

Ruy González de Clavijo, castelhano que viajou somente para o Oriente Próximo, por outro lado, demonstra mais entusiasmo ao testemunhar a girafa, descrevendo-a de maneira minuciosa:

(...) um animal que é chamado de girafa, o qual se apresentava da seguinte maneira: havia um corpo tão grande como um cavalo; o pescoço muito longo; braços muito mais altos do que as pernas; pé dividido assim como do boi; desde a unha do braço até em cima das costas, havia de dez e seis palmos; da ponta das costas até a cabeça, havia outros dez e seis palmos. Quando queria esticar o pescoço, lançava-o tão alto que era uma maravilha; e o pescoço era agro como de um cervo; e as pernas muito curtas, de acordo com a largura dos braços, que um homem não a visse bem, acharia que estava sentada, ainda que estivesse de pé; as penas como as dos búfalos; a barriga branca; o corpo de cor dourado e cheio de umas manchas brancas grandes; o rosto como cervo, embaixo até as narinas; na frente sai de maneira alta e aguda; as orelhas como de cavalos, tendo perto chifres pequenos e redondos, de mais sendo coberto de pelo, que pareciam dos cervos quando nascem; tão alto era o pescoço e tanto o estendia quando queria, que em cima de cima de uma parede de cinco ou seis buracos no alto, poderia bem alcançar algo para comer; de igual modo em cima de uma árvore, alcançava para comer as folhas mais altas, as quais comia muito. Assim, um homem que nunca a tivesse visto, parecer-lhe-ia coisa maravilhosa de se ver (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003 p. 49-80)³⁵⁷.

³⁵⁵ Vivendo no país de *Bacharie*, os grifos são descritos da seguinte maneira: “Alguns dizem que a parte superior de seu corpo é como a da águia, a parte inferior, como a de um leão, e insistem que sabem que são dessa forma. O corpo do grifo, contudo, é maior e mais forte que oito leões desta parte de cá, e maior e mais forte que 100 águias das nossas, pois um grifo pode levar voando a seu ninho um grande cavalo, se o encontrar de pronto, ou dois bois unidos, tal como são levados no arado. Isso porque as garras de suas patas são tão grandes e compridas como os cornos dos bois ou das vacas, e delas são feitas concas para bebida. Suas costelas e as plumas de suas asas servem para fazer arcos muito resistentes para caçadas” (MANDEVILLE, 2007, p. 228).

³⁵⁶ Na ilha de Thana, a qual foi conquistada pelos sarracenos, “há ratazanas que são tão grandes como cães e são caçadas com grandes mastins, pois os gatos não poderiam agarrá-las” (MANDEVILLE, 2007, p. 160).

³⁵⁷ (...) una alimaña que es llamado jirafa, la cual alimaña era hecha de esta guisa: había el cuerpo tan grande como un caballo, y el pescuezo muy longo, y los brazos mucho más altos de las piernas, y el

Por fim, destacamos os animais que causavam espanto em razão de suas habilidades, como os papagaios, capazes de “falar”³⁵⁸, os pássaros que segundo Mandeville voam em “peregrinação”³⁵⁹, e as panteras que, para além de serem adoradas pelos idólatras, tornam o castelo do Grande Cã ainda mais extraordinário graças ao agradável odor expelido de sua pele:

Esse palácio, onde está a sede, é grandioso e maravilhoso. No seu salão há 24 colunas de fino ouro e todas as paredes do interior são cobertas de couro vermelho de uns animais chamados panteras, que são muito bonitos e de bom odor. De modo que, em razão do bom odor dessas peles, nenhum mal odor entra no palácio. Elas são vermelhas como sangue e brilham tão intensamente ao sol que só com dificuldade podem ser observadas. Muitas pessoas adoram esses animais quando se deparam com eles, em razão de seus poderes e do bom odor que exalam. Estimam essas peles tanto ou mais que se fossem de ouro (MANDEVILLE, 2007, p. 193).

Dessa forma, o maravilhamento de Jean de Mandeville no castelo do Grande Cã, dá-se não somente devido às riquezas e à grandeza do palácio, como sucede com a maioria dos viajantes, por exemplo, Marco Polo e Odorico de Pordenone³⁶⁰, mas também pelo agradável cheiro da pantera. Admirável pelo cheiro que exala, e

pie así como el buey hendido, y desde la uña del brazo hasta encima del espalda había diez y seis palmos: y desde las agujas hasta la cabeza había otros diez y seis palmos, y cuando quería enhestar el el pescuezo, alzábalo tan alto que era maravilla, y el pescuezo había delgado como de ciervo, y las piernas había muy cortas según la longura de los brazos, que hombre que no la hubiese visto bien pensaría que estaba sentada aunque estuviere levantada, y las ancas había derrocadas a yuso como búfalo: y la barriga blanca, y el cuerpo había de color dorado y rodado de unas ruedas blancas grandes: y el rostro había como ciervo, en lo bajo de hacia las narices: y en la frente había un cerro alto agudo, y las orejas como de caballo, y cerca de las orejas tenía dos cornezuelos pequeños redondos, y los más de ellos cubiertos de pelo, que parecían a los del ciervo cuando le nacen, y tan alto había el pescuezo y tanto lo extendía cuanto quería, que encima de una pared que tuviese cinco o seis tapias en alto podría bien alcanzar a comer: otrosí encima de un alto árbol alcanzaba a comer las hojas, que las comía mucho. Así que hombre que nunca la hubiese visto, le parecería maravilla de ver. (GONZÁLEZ DE CLAVIJO, 2003, p. 49-80).

³⁵⁸ Nas terras do Preste João há desertos e “(...) muitos papagaios, aos quais chamam *psitakes* em sua língua. Esses, por sua natureza, falam e saúdam as gentes que atravessam os desertos, e lhes falam com uma voz tão clara como se fosse a de um homem. Os que falam têm uma língua larga e cinco dedos em cada pata. Há outros que só têm três dedos em cada pata e não falam nada que seja compreensível, apenas gritam” (MANDEVILLE, 2007, p. 231).

³⁵⁹ Na Igreja de santa Catarina, por um milagre de Deus, corvos, gralhas, estorninhos e outros pássaros vão em peregrinação. “Cada um traz no bico um ramo de oliva com azeitonas, como se de uma oferenda se tratasse, e ali deixam. Desses ramos, tiram os monges uma grande quantidade de azeite. É um grande milagre! Dado que os pássaros, sem ter inteligência natural nem razão, vão ali para demandar-lhe e honrar essa gloriosa virgem, os homens com mais motivos deveriam ir a seu encontro para pedir-lhe e venerá-la” (MANDEVILLE, 2007, p. 79).

³⁶⁰ Tanto Odorico de Pordenone, quanto Marco Polo não falam a respeito das peles das panteras cuja qualidade era a de perfumar o palácio do Grande Cã.

mais apreciado que o ouro, a pele desse animal exemplifica uma situação comum ao longo de toda a narrativa, em que os animais, além de provocarem surpresa no itinerante e contribuírem para a disseminação da imagem de um Oriente repleto de maravilhas e seres exóticos, são interpretados de distintas maneiras, seja por sentimentos como o horror ou o prazer, seja pelos sentidos, como a visão, olfato, toque – da boca no beijo-, audição e ou paladar.

Para além dos animais, os sentidos associados à admiração aparecem também em outros momentos, como nas madeiras odoríficas oriundas do paraíso. No próximo tópico, debateremos a respeito das madeiras, árvores e frutas, cuja característica admirável, se mescla aos distintos sentidos.

3.5 A maravilhosa natureza do Oriente: os simbolismos nos odores das plantas, árvores, madeiras e frutas

Eric, personagem do *Romance da Távola Redonda*, obra redigida em finais do século XII por Chrétien de Troyes, ao chegar no castelo de Bradigan, onde reinava o rei Evrain, recebe exuberante cortejo, tanto das pessoas, quanto do soberano, sendo organizado a seu agrado um rico banquete, repleto dos pratos mais deliciosos, variados entretenimentos, e, para o descanso, lhe é disposto um aposento deleitável, perfumado com incenso, aloés e mirra (CHRÉTIEN, 1991, p. 61-63)³⁶¹.

Poucos séculos depois, Odorico de Pordenone ainda relata as agradáveis fragrâncias na posição de costume do lisonjeio, mas, agora, nas terras do Grande Cã. Segundo esse franciscano, “quando referido senhor passa por uma região, muitos homens acendem um fogo à porta das suas casas, colocam aromas e fazem fumaças, para que emitam perfume ao seu senhor que passa” (PORDENONE, 2005, p. 335). Do mesmo modo, Marco Polo aponta as duas primeiras essências odoríficas do quarto de Eric, participando dos ritos idólatras no Extremo Oriente³⁶², enquanto João de Marignolli, afirma ter estado na presença do imperador dos tártaros portando incenso

³⁶¹ A riqueza da acolhida causa o maravilhamento em Erich: “O rei ordenou que perfumassem um aposento com incenso, mirra e aloés. Para lá conduziu Eric e todo seu séquito maravilhado com tal acolhida. Porque vos descrever com detalhes os lençóis de seda que havia naquele aposento? Penso que perderia meu tempo! Vamos antes ao fato que se seguiu. O rei mandou preparar uma ceia provida à vontade de aves, carne de caça, frutas e vinhos de várias safras. O prato mais delicioso não é aquele acompanhado pelo ar acolhedor e pelo sorriso?” (CHRÉTIEN, 1991, p. 63).

³⁶² Nas festas dedicadas aos ídolos na corte do Grande Cã, os homens que conhecem encantamento “Incensam e perfumam o ambiente, fazem cozer carne e apresentam-na aos ídolos, derramando o seu suco aqui e ali, para que se alimentem. É assim que os honram, nas cerimônias” (POLO, 1985. p. 106).

e cantando *Credo in Unum Deum*³⁶³. Já Jean de Mandeville coloca o incenso como parte do rito de confissão dos gregos ortodoxos:

(...) quando querem confessar-se, acendem ao seu lado um fogo, no qual lançam pó de incenso e, quando surge a fumaça, confessam a Deus e imploram perdão. Na verdade, esse tipo de confissão é primitivo e natural. Mas São Pedro e os apóstolos julgaram sensato ordenar que a confissão fosse feita a um homem, por um bom motivo, pois consideram que não há mal curável nem medicina apropriada se não se conhece a natureza do mal (MANDEVILLE, 2007, p. 123).

Assim, sentindo e relatando os distintos aromas nos diversos ritos e costumes, os itinerantes, de igual modo, destacam os produtos de boa fragrância nos relatos comerciais de determinadas regiões, como Guilherme de Rubruc, ao narrar Solsania³⁶⁴, ou nos presentes aos grandes senhores, a exemplo do descrito por João de Marignolli³⁶⁵. Essas descrições demonstram, por um lado, os aspectos relacionados aos simbolismos dos aromas, enquanto do outro o crescente interesse no Ocidente pelos cheiros agradáveis oriundos das terras longínquas³⁶⁶, os quais, por vezes, colaboram no sentimento de admiração dos viajantes³⁶⁷.

³⁶³ “E quando fui para a presença do Cã, portava vestimentas de festa, carregando uma linda cruz a minha frente, com velas e incenso, enquanto o *Credo in Unum Deum* era cantado, naquele glorioso palácio em que ele habitava” (MARIGNOLLI, 1916, p. 241. Tradução nossa). [No original: “And when I entered the Kaam’s presence it was in full festival vestments, with a very fine cross carried before me, and candles and incense, whilst *Credo in Unum Deum* was chaunted, in that glorious palace where he dwells” (MARIGNOLLI, 1916, p. 241)].

³⁶⁴ Os mercadores da Soldania, de acordo com Guilherme de Rubruc “(...) trazem ‘vario’ e ‘grisio’, tecidos de seda e espécies aromáticas” (RUBRUC, 2005, p. 116).

³⁶⁵ Em Pervills, João de Marignolli entra nas terras do tirano eunuco Coya Jaan: “Primeiramente, ele apresentou a intenção de nos tratar de maneira honrada, mas, aos poucos, da maneira mais polida e sob o rótulo de ‘empréstimo’ ele nos roubou 60 mil marcos, em ouro, prata, seda, tecido de ouro, pedras preciosas, pérolas, cânfora, almíscar, mirra, e especiarias aromáticas, presentes do grande Cã e de outros príncipes a nós, ou ao Papa” (MARIGNOLLI, 1916, p. 232. Tradução nossa). [No original: “At first he put on a pretense of treating us honorably, but by and by, in the politest manner and under the name of loan, he took from us 60,000 marks, in gold, silver, silk, cloth of gold, precious stones, pearls, camphor, musk, myrrh, and aromatic spices, fights from the Great Kaam and other princes to us, or presents sent from them to Pope” (MARIGNOLLI, 1916, p. 232)].

³⁶⁶ Conforme assinala Joaquín M. Córdoba, à medida que a Cristandade entra cada vez mais no Oriente, há um crescente interesse pelos produtos daquela região. Dessa forma, “os livros de viagens recordam o assombro diante da cor dos bazares e das notícias sobre a origem das especiarias e das sedas, das madeiras aromáticas e dos perfumes. Porque os grandes e os menos grandes da França, Itália, Espanha ou Alemanha ansiavam possuí-las (CÓRDOBA, 2017, p. 88. Tradução nossa) [No original: “los libros de viajes recuerdan el asombro ante el color de los bazares y las noticias sobre el origen de las especias y las sedas, las maderas aromáticas y los perfumes. Porque los grandes y los menos grandes de Francia, Italia, España o Alemania ansiaban poseerlas” (CÓRDOBA, 2017, p. 88)]

³⁶⁷ As boas fragrâncias causavam a admiração nos viajantes ao ponto de servirem, como demonstra a recepção do cavaleiro Eric, na posição de prazer para o descanso. Ou para surpreender e impressionar os soberanos, a exemplo da situação apresentada por João de Marignolli ao entrar na presença do Cã.

A respeito da primeira situação, observamos, entre outras ocorrências, a associação dos viajantes do incenso aos ritos religiosos³⁶⁸, ao passo que as viagens do Grande Cã descritas por Jean de Mandeville, exemplificam a segunda circunstância, porque, sem dúvida, despertava admiração em razão não só da grandiosidade do séquito real, mas também pelo esplendor de sua carruagem, mais o perfume que exalava:

Em todas as demais ocasiões, vai montado em uma carruagem de quatro rodas, provida de um belo quarto construído com um determinado tipo de madeira procedente do Paraíso Terrestre, chamada de *lignum aloes*, [madeira de aloé], que em determinadas épocas do ano, como já vos disse em outro lugar, é trazida pelos rios do Paraíso. O quarto exala um delicioso aroma, em razão da madeira, e está recoberto por dentro com lâminas de fino ouro e pedras preciosas e grandes pérolas (MANDEVILLE, 2007, p. 208).

Surpreso, Jean de Mandeville vê a riqueza da carruagem, mas não somente ela, pois também sente o cheiro, demonstrando mais entusiasmo na madeira com qualidades olfativas, do que nas pedras preciosas. Assim, o aloé, mesma substância utilizada para perfumar o aposento do personagem Eric, causa o maravilhamento para além do visto, uma vez que aromatiza os ambientes. Contudo, à diferença do segundo, o cavaleiro curioso frente a algo admirável não apenas sente, mas busca e sabe a origem da planta odorífera e de suas qualidades medicinais causadora da admiração: não provém de qualquer árvore, mas de uma localizada no Paraíso Terrestre, região de grande procura e debate entre os viajantes medievais³⁶⁹. Assim, oriunda de um

³⁶⁸ Para além dos exemplos destacados do Marco Polo, de João de Marignolli e de Jean de Mandeville, apresentamos, entre outras situações, o comportamento descrito por Jean de Mandeville dos idolatras que peregrinavam à cidade Mabaron: “Quando chegam, com incenso e com os demais produtos aromáticos, perfumam seu ídolo como se fosse o corpo de Nosso Senhor. Para adorar tal ídolo, muita gente tem que percorrer umas 100 milhas” (MANDEVILLE, 2007, p. 166). Já no que se refere a outras plantas odoríferas, sucedia, de maneira distinta, o fato de serem apenas citadas, como na situação que Jordan Catala de Sévérac, ao falar sobre a ilha de Java: “Entre os quais, além das melhores espécies aromáticas, a saber, podem ser encontrados os pigmeus, do tamanho de um garoto de três anos ou quatro, todo peludo como um bode. Eles vivem em madeiras e poucos são encontrados” (SÉVÉRAC, 2010, p. 30-31. Tradução nossa). [No original: “among which, besides the finest aromatic spices this is one, to wit, that there be found pygmy men, of the size of boy of three or four years old, all shaggy like a he goat. They dwell in the woods, and few are found” (SÉVÉRAC, 2010, p. 30-31).

³⁶⁹ De acordo com Claude Kappler, “o tema do Paraíso, em efeito, é um dos grandes assuntos da literatura de viagem medieval de viagem. O Paraíso é objeto de uma busca bem real, e se em algumas ocasiões alguns viajantes pensam que nunca chegaram a encontrar, existem outros que continuam envolvidos em suas crenças” (KAPPLER, 1986, pp. 97-98. Tradução nossa). [No original: “el tema del Paraíso, en efecto, es uno de los grandes asuntos de la literatura medieval de viajes. El Paraíso es objeto de una búsqueda bien real, y si en ocasiones algunos viajeros piensan que nunca llegarán a encontrarlo, hay otros que continúan aferrados a su creencia” (KAPPLER, 1986, pp. 97-98)].

crível e maravilhoso lugar³⁷⁰, a madeira causa espanto, na mesma proporção de outras igualmente associadas ao celestial³⁷¹, como o cipreste.

Semelhantemente originário do Paraíso, o cipreste, para os cristãos gregos e para os viventes no ultramar, era a mesma árvore da qual Adão experimentou a maçã proibida, sendo também utilizada na crucificação de Jesus Cristo pelos Judeus, os quais acreditavam, em consequência do bom odor exalado da madeira, evitar a moléstia nos transeuntes com o cheiro do corpo. Portanto, o simbolismo dessa planta, cuja semente foi dada de presente a Sete por um anjo do Paraíso, quando se aproximava a morte do primeiro homem criado por Deus, vai além da aloé, uma vez que:

Quando Sete retornou, encontrou seu pai perto da morte. E, assim que este morreu, Sete pôs os grãos como o anjo ordenada, em baixo da língua de Adão. Destes, nasceram as três árvores cipreste, palma e cedro, com as quais a cruz foi feita e que deram um bom fruto: Jesus Cristo, pelo que Adão e seus descendentes seriam salvos e libertos da morte perpétua, a não ser por sua própria negligência (MANDEVILLE, 2007, p. 42).

Portanto, associado à salvação divina dos humanos, do cipreste emanava perfume, episódio parecido com os espinhos da coroa de Jesus Cristo, o Maná, chamado pão dos anjos e proveniente do rocío do céu³⁷², sendo guardado como relíquia pelos Judeus³⁷³, e o Bálsamo³⁷⁴, grandemente apreciado na Cristandade³⁷⁵ e

³⁷⁰ Conforme assinala Márcia Siqueira Carvalho, no medievo, “separar os lugares utópicos, maravilhosos, das descrições de terras percorridas e visitadas (onde o maravilhoso surge paralelo) será, neste momento, apartar duas faces bastante parecidas de uma mesma moeda” (CARVALHO, 2006, p. 9). Assim, mesmo que Jean de Mandeville não tenha percorrido o Paraíso Terrestre, não podemos deixar de desconsiderar as coisas oriundas dessa região.

³⁷¹ CLASSE, Constance. **Aroma**: the cultural history of smell. London-New York: Routledge, 2002, p. 54.

³⁷² Ao colocar o maná na posição de pão dos anjos, Jean de Mandeville apresenta informações pertinentes ao seu gosto, tal qual se tivesse comido a especiaria: “esse maná, chamado pão dos anjos, é uma substância branca, muito doce e deliciosa, mais doce que o mel ou o açúcar, e provém do rocío do céu que, ao cair sobre as plantas dessa terra, solidifica-se, tornando-se branco e doce” (MANDEVILLE, 2007, p. 151).

³⁷³ A arca de Deus, relíquia aos Judeus e localizada no *Templum Domini*, possui variados objetos, como as varas utilizadas por Arão e Moisés, e as tablas dos Dez mandamentos. “Dentro da arca também havia um recipiente de ouro cheio de maná, vestimentas, ornamentos, o tabernáculo de Arão, uma mesa de ouro quadrado com 12 pedras preciosas e uma arca de jaspe verde com os oito nomes de Nosso Senhor” (MANDEVILLE, 2007, p. 97).

³⁷⁴ Para além da boa fragrância, o bálsamo, quando comido junto com os frutos da árvore do Sol e da Lua, permite às pessoas viverem mais de 400 anos: “Dizem que as gentes que cuidam dessas árvores e comem seus frutos e o bálsamo que lá crescem vivem 400 ou 500 anos devido às propriedades do fruto e do bálsamo” (MANDEVILLE, 2007, p. 244-245).

³⁷⁵ Apreciados a ponto de Jean de Mandeville dedicar algumas páginas ensinando aos leitores como diferenciar o verdadeiro do falso bálsamo (MANDEVILLE, 2007, p. 73-74).

inibidor dos ares pestilentos³⁷⁶. Fato contrário, no entanto, sucede no Mar Morto, igualmente denominado de Lago Asphaltites, Rio do Demônio ou Rio Fétido. Localizado entre a Judéia, Arábia e Zoar, nesse mar, em razão dos pecados cometidos e da ira de Deus, foram submergidos cinco cidades: Sodoma, Gomorra, Admá, Zeboim e Segor. Suas águas, sem movimento e salgadas a ponto de regar a terra e nenhuma fruta nunca mais nascer, eram sujas e exalavam mau cheiro, sucedendo acontecimentos contranatura sob elas, isso é, nem ferro, nem homens que deviam morrer afundavam, de maneira oposta às penas:

Também em razão dos pecados cometidos contranatura, perderam-se as cidades que outrora havia ali. Perto de suas margens, crescem árvores que dão maçãs muito belas e de uma cor agradável à vista; porém, aquele que as partir ou cortar ao meio só encontrará dentro cinzas, como sinal de que, pela ira de Deus, as cidades e a terra foram queimadas com o fogo do inferno (MANDEVILLE, 2007, p. 110).

Ligado ao pecado e ao demoníaco, o mar exalava odor fétido, sendo o pomo de suas margens, mesmo visivelmente agradável, não comestível, pois, repleta de cinzas, remete à punição de Deus às perversões dos seres humanos. Outras frutas, são impróprias ao consumo devido à maneira que surgem, semelhante à feitiçaria³⁷⁷, como as localizadas no deserto de Preste João, as quais nascem em árvores cujo crescimento corre após o nascer do sol, continuando a crescer até o meio-dia, quando aparecem os frutos. “Após o meio-dia, as arvoretas e os pomos retornavam para a terra, da forma que, ao pôr-do-sol, não aparecem mais. Isso ocorre diariamente e é uma grande maravilha” (MANDEVILLE, 2007, p. 231).

De outro modo, bom alimento eram as maçãs alongadas existentes tanto no Egito, quanto em outros países, as quais têm sabor doce e aprazível. Quando cortadas nas mais diversas partes, afirma o autor “(...) sempre se encontrará no centro, a figura da cruz de Nosso Senhor” (MANDEVILLE, 2007, p. 72)³⁷⁸. Carregando menos

³⁷⁶ Ao descrever o palácio de Preste João, Jean de Mandeville coloca que, “(...) ainda que os carbúnculos deem bastante luz, contudo, é sempre mantido um recipiente de cristal cheio de bálsamo para exalar bom odor e para fazer desaparecer os ares pestilentos” (MANDEVILLE, 2007, p. 232).

³⁷⁷ As frutas não são somente impróprias para o consumo, mas são também temidas no que se refere à colheita: “(...) ninguém se atreve a colher desses frutos, pois parece coisa de feitiço” (MANDEVILLE, 2007, p. 231).

³⁷⁸ A justificativa para essas frutas não existirem no Ocidente, e, portanto, serem maravilhosamente não-familiar à Cristandade por parte de Jean de Mandeville ocorre devido ao fato de apodrecerem em oito dias. A respeito de sua descrição observamos da seguinte forma: “os frutos crescem em pencas de 100 unidades e as árvores têm grandes folhas, de 1 pé e meio de comprimento e de largura considerável” (MANDEVILLE, 2007, p. 72).

aspectos religiosos, observamos a descrição de outras frutas, às vezes, resultado ainda da percepção bíblica, como as maçãs mordidas por Adão³⁷⁹, ou, ocasionalmente, marcadas pelos excessos, como as localizadas nas montanhas do Líbano, cujo tamanho se iguala à cabeça de um homem³⁸⁰, e as situadas para além do Catai³⁸¹.

Assim, descrevendo os lugares maravilhosos do Oriente, Jean de Mandeville adiciona os cheiros, sejam bons ou desagradáveis, reforçando a qualidade admirável e as riquezas dos locais visitados. Do mesmo modo, as frutas, repulsivas ou de agradável sabor, são experimentadas devido ao desejo de aventura e curiosidade do viajante, o qual, imbuído de uma concepção de natureza, não esconde certo espírito religioso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi compreender o maravilhamento do personagem Jean de Mandeville na obra *Viagens de Jean de Mandeville*, bem como os sentimentos e os sentidos associados aos momentos de admiração.

Redigida em meados do século XIV, a obra se insere no contexto de expansão da Cristandade em direção ao Oriente, apresentando um texto marcado por características literárias semelhantes a outros produzidos no período. Porém, à diferença de alguns livros de viagens, o autor, desconhecido, não viajou, escrevendo um deslocamento imaginário, fato que não permite, contudo, considera-lo romancista, nem enciclopedista.

Isso sucede porque, “Homem do Saber”, o escritor não cria uma narrativa preocupado em apenas causar a admiração nos leitores, sem temer que estes fossem incapazes de distinguir o texto e as maravilhosas decorações marginais, mas, de maneira oposta, há o cuidado de transmitir o conhecimento e também de se fazer acreditar diante o público. De igual modo, não apresenta um copilado da percepção do período sobre as terras distantes, mesclando informações oriundas, seja da

³⁷⁹ No Cairo, há “(...) a macieira de Adão, cujas maçãs têm uma espécie de mordida em um dos lados” (MANDEVILLE, 2007, p. 72).

³⁸⁰ Nas montanhas do Líbano, “(...) crescem cedros muito altos, que dão enormes frutos, tão grandes como a cabeça de um homem” (MANDEVILLE, 2007, p. 112).

³⁸¹ No reino de Caldilhe, “(...) há também umas maçãs grandes de bom odor e bom sabor, podendo dar mais de 100 em um cacho e outro tanto em outro. As folhas são grandes e largas, de mais de dois pés de comprimento” (MANDEVILLE, 2007, p. 225-226).

Antiguidade, seja as difundidas pelos viandantes anteriores. Ao contrário, ocorre a busca por criar algo novo, relacionado à experiência e ao conhecimento transmitido por um viajante, fato que resulta, por exemplo, na manifestação de aspectos literários semelhantes a outras obras de viagens, como as descrições das maravilhas.

Assim, devido à forte pretensão da realidade na obra, os sentimentos e sentidos frente às maravilhas manifestam, ao invés de simples criações literárias, pedaços das vivências humanas. Entre as experiências descritas, percebemos, por exemplo, as reações do toque e do beijo relacionados aos objetos admiráveis associados ao sacro. Contudo, enquanto os utensílios de outras religiões, vinculados aos fenômenos demoníaco, resultavam em repulsa no cavaleiro e prazer nos idólatras, os pertinentes ao Cristianismo, tidos na posição de intercessores com o poder divino, portanto, realizadores de milagres, causavam no itinerante prazerosas e satisfatórias admirações.

Dessa forma, Jean de Mandeville anseia o contato com as relíquias, ao passo que os Ídolos eram evitados. Algo não muito distinto ocorre nas descrições dos seres humanos caracterizados pelas deformidades físicas.

Monstruosas, tais criaturas, imaginárias, carregavam pouco a perspectiva de ameaça à Cristandade, como sucedeu no período inicial da Idade Média. Submissas ao propósito divino, ao invés de instigar os duelos, por exemplo, impulsionavam a curiosidade de Jean de Mandeville e o prazer de testemunhar o diferente. Porém, nem todas as particularidades causavam sensações positivas. Os comportamentos selvagens que podiam resultar na morte do cavaleiro, por exemplo, o levam à sentir repulso, resultando no desvio de ilhas repletas de gigantes, demonstrando a capacidade destes seres em causar horror e medo em certas circunstâncias.

Nessa direção, o horror e o medo, concomitante à repulsa, aparecem associados à admiração frente ao demoníaco ou ao selvagem, como ilustra também as situações pertinentes ao dragão, serpente e ao crocodilo. Cenário contrário ao maravilhamento frente aos objetos e animais que carregam qualidades divinas, à exemplo da fênix, pois estes, prazerosos à vista, provocam a sensação de estar em contato com o sobrenatural, resultando no anseio de tocar, beijar e deslumbrar.

No que se refere aos odores, percebemos o fato de Jean de Mandeville adicionar os cheiros, sejam bons ou desagradáveis, com o fim de reforçar a qualidade admirável e as riquezas dos locais visitados. Do mesmo modo, as frutas, repulsivas ou de agradável sabor, são experimentadas devido ao desejo de aventura e

curiosidade do viajante, o qual, imbuído de uma concepção de natureza, não esconde certo espírito religioso.

Assim, regiões marcadas pelo pecado, como o Mar Morto, que submergiu as cidades de Sodoma e Gomorra, apresenta odor fétido e frutas pouco propícias para comer. Enquanto o espinho da coroa de Jesus Cristo, o Maná, o Bálsamo, entre outras coisas ligadas ao divino, carregam qualidades odoríficas, sendo igualmente boas para comer.

REFERÊNCIAS

FONTES

ALEGHIERI, Dante. **A divina comédia**. São Paulo, SP: Editora 34, 2011.

BÉDIER, Joseph. **O romance de Tristão e Isolda**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

EL LIBRO del conocimiento de todos los reinos. The book of knowledge of all kingdoms. Edition and translation and study by Nancy F. Marino. Arizona: Arizona Center for medieval and Renaissance Studies, 1999.

CHAUCER, Geoffrey. **Os contos de Canterbury**. São Paulo, SP: Editora 34, 2014.

GONZÁLEZ DE CLAVIJO, Ruy. **Embajada a Tamorlán**. Argentina: Biblioteca virtual, 2003.

HAMELIUS, Paul. **Mandeville's Travel**. Vol.1. Londres: Early English Text Society, 1923.

JUAN DE MANDEVILLA. **Libro de las maravillas del mundo**. Edición de Gonzalo Santoja. Madrid: Visor, 1984.

LETTS, Malcolm. **Mandevilles's Travels**. Texts and Translations. London: Hakluyt Society, 1953.

MANDEVILLE, Jean de. **Viagens de Jean de Mandeville**. Trad. Susani Silveira Lemos França. Bauru: Edusc, 2007.

MARIGNOLLI, João de. Recollection of travel in the East, by John de Marignolli. In: YULE, Henry. **Cathay and the way thither**: Being a collection of Medieval notices of China, nouv. éd. revue par Henri Cordier, t. 3. London: Hakluyt Society, 1916, pp. 209-269.

MONTECORVINO, João de. Cartas. In: **Cronicas de viagem**: franciscanos no Extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330). Trad. Intr. e notas de Ildfonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre, Bragança Paulista: EDIPUCRS/Edusf, 2005, pp. 245-266.

PINTO, Ana. **Los viajes de Sir John Mandeville**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

PIAN DEI CARPINI, João de. História dos mongóis. In: **Cronicas de viagem**: franciscanos no Extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330). Trad. Intr. e notas de Ildfonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre, Bragança Paulista: EDIPUCRS/Edusf, 2005, pp. 9-98.

POLLAND, A. E. (Ed.). **The travel of Sir John Mandeville**. London: Macmillan, 1900.

POLO, Marco. **O livro das maravilhas**. Tradução Elói Braga Júnior. Porto Alegre, L&PM, 1985.

PORDENONE, Odorico de. Relatório. In: **Cronicas de viagem**: franciscanos no Extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330). Trad. Intr. e notas de Ildfonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre, Bragança Paulista: EDIPUCRS/Edusf, 2005, pp. 267-336.

RODRÍGUEZ TEMPERLEY, María Mercedes. **Libro de las maravillas del mundo**. (Ms. Esc. M-II-7). Edición crítica, estudios preliminares y notas de María Mercedes Rodríguez Temperley. Buenos Aires: SECRIT, 2005.

RUBRUC, Guilherme. Itinerário. In: **Cronicas de viagem**: franciscanos no Extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330). Trad. Intr. e notas de Ildfonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre, Bragança Paulista: EDIPUCRS/Edusf, 2005, pp. 105-244.

SIR JOHN MANDEVILLE: the book of marvels and travels. Anthony Bale translation. Oxford: Oxford University Press, 2012.

SÉVÉRAC, Jordanus Catala de. *Mirabilia descripta*. In: YULE, Henry. **Mirabilia Descripta, the wonder of the East**. By friar Jordanus of the Order of Preaches and Bishop of Columbum in India the Greater. London: Hakluyt Society, 2010.

SEYMOUR, M. C. **Mandeville's Travels**. Oxford: Clarendon Press, 1967.

TROYES, Chrétien. **Romances da Tavola redonda**. São Paulo, SP: Martin Fontes, 1991.

WARNER, George. **The buke of John Mandeville**. Londres: Roxburghe Club, 1889.

YULE, Henry. **Cathay and the way thither**: being a collection of medieval notices of China, nouv. éd. Revue par Henri Cordier, t.3. London: Hakluyt Society, 1916.

BIBLIOGRAFIA

ACOSTA, Vladimir. **Viajeros y maravillas**. Tomo I, II, III. Caracas, Venezuela: Monte Avila Editores Latinoamericana, 1992.

ADAMS, Percy G. **Travel literature and the evolution of the novel**. Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky, 1993

ADAMS, Percy G. **Travel literature and the evolution of the novel**. Lexington, Kentucky: University Press of Kentucky, 1983.

ALTAMIRANO MEZA, Gerardo Román. **'De las tierras que están más allá'**: función ideológica de la maravilla y el exótico Oriental en el *Libro de Alexandre* y *Le Livre des merveilles du monde* de Jean de Mandeville. Dissertação (Mestrado), Universidade Nacional autónoma de México, Programa de Posgrado em letra, México, D.F. 2011.

AMORIM, Maria Adelina. Viagem e *mirabilia*: monstros, espantos e prodígios. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Orgs.). **Condicionantes culturais da Literatura de viagens**: estudos e bibliografia. Portugal, Coimbra: Almedina; Centro de Literatura da Expressão portuguesa da Universidade de Lisboa, L3, L3. 2002, p.127-155.

ARNALDI, Girolamo. Igreja e papado. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. (Org.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2017, pp. 632-657.

AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2021.

AZUELA BERNAL, María Cristina. Lo maravilloso entre el paganismo y el cristianismo: la materia de Bretaña y la herencia Celta. En: MOCTEZUMA ÁLVAREZ, Israel; GUTIÉRREZ TRÁPAGA, Daniel. (Ed.). **Historia y literatura**: maravilla, magia y milagros en el Occidente Medieval. México: UNAM, 2015, pp. 15-33.

BARTLETT, Robert. **La formación de Europa**: conquista, colonización y cambio cultural, 950-1350. Valencia, Granada: Universitat de València: Universidad de Granada, 2003.

BARTHES, Roland. **El susurro del lenguaje**. Más allá de la palabra y de la escritura. Barcelona, España: Ediciones Paidós, 1994.

BARROS, José D'Assunção. **Fontes históricos**: introdução aos seus usos historiográficos. Petrópolis: Vozes, 2020.

_____. História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis. **Conexão-comunicação e cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 6, 11, 2007, pp. 11-39.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal**: do ano 1000 à colonização da América. São Paulo: Globo, 2006.

BAZZANA, André. El concepto de frontera en el Mediterráneo occidental en la Edad Media. **Actas del Congreso la frontera Oriental Nazari como Sujeto histórico**: Lorca-vera, 1994, pp.25-46.

BELTRAMI, Mauro. **Ocio y viajes en la historia: Antigüedad y medioevo**. Madrid, España: EAE Editorial Académica Española, 2011.

BENNET. Josephine W. **The rediscovery of Sir John Mandeville**. New York: The Modern Language Association of America, 1953.

BENNETT, Michael J. Mandevilles's Travels and the Anglo-French moment. **Medium Aevum**, v. 75, n. 2, 2006, pp. 273-296.

BJERG, María. Una geología de la historia de las emociones. **Quinto Sol**, vol. 23, n. 1, enero-abril, 2019, pp. 1-20.

BOIS, Guy. **La gran depresión medieval, siglos XIV-XV: el precedente de una crisis sistemática**. Madrid; Valencia: Biblioteca Nueva: Universitat de València, 2006.

BOORSTIN, Daniel J. **The discovers: a History of man's search to know his world and himself**. New York: Random House, 1983.

BOSI, Alfredo. A interpretação da obra literária. In: BOSI, Alfredo. **Céu, Inferno**. São Paulo: Ática, 1998, pp. 274-287.

BOVEY, Alixe. **Monstruos y grotesco en los manuscritos medievales**. Madrid: AyN Ediciones, 2006.

BREWER, Keagan. **Wonder and skepticism in the Middle Ages**. London-New York: Routledge, Taylor & Francis Group, 2016.

BURKE, Peter. Is there a cultural History of the Emotions? In: GOUK, Penelope; HILLS, Helen. (Edit.). **Representing emotions: new connections in the histories of Art, Music and medicine**. New York, NY: Routledge, 2015, pp. 35-48.

BYNUM, Caroline. Wonder. **The American historical review**, 102.1, 1997, pp. 1-26

CAMPBELL, Mary B. **The witness and the other world: exotic European Travel Writing, 400-1600.** Ithaca, New York: Cornell University Press, 1991.

CARDINI, Franco. O guerreiro e o cavaleiro. In: LE GOFF, Jacques. **O homem medieval.** Lisboa: Editorial Presença, 1981, p. 57-78.

CARRIZO RUEDA, Sofia. **Poética del relato de viajes.** Kassel: Edition Reichenberg, 1997.

CARVALHO, Márcia Siqueira. **A geografia desconhecida.** Londrina, PR: Eduel, 2006.

CHEVALIER, Jean. **Diccionario de símbolos.** Barcelona: Heider, 1988.

CLARAMUNT, Salvador. Los viajeros y los viajes nexos de unión entre Oriente e Occidente. **Boletín de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona**, nº. 43, 1992, p. 195-210. Disponible em: [file:///C:/Users/jorge/Downloads/195558-Text%20de%20l'article-270220-1-10-20101003%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/jorge/Downloads/195558-Text%20de%20l'article-270220-1-10-20101003%20(1).pdf). Acessado em: 12/06/2020.

CLASSEN, Constance. **Aroma: the cultural history of smell.** London-New York: Routledge, 2002.

CÓRDOBA, Joaquín M. La atracción por Oriente. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval.** Barcelona, España: Lunwerg Editores y CSIC, 2007, p.77-100.

COMPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: Literatura e senso comum.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. De la peregrinación Medieval a viaje imaginario: la evolución literaria y estética de un género como prefiguración del hecho turístico. **Cuadernos de Turismo**, n. 27, Murcia. España, Universidad de Murcia, 2011, p. 227-245.

CONSIGLIERI, Nadia Mariana. Matar al dragón, matar al diablo. La naturaleza como escenario de acción de san Miguel y san Jorge en algunos ejemplos pictóricos Bajomedievales y Renacentista (siglo XV e inicios del XVI). **Annales de historia del arte**, n. 31, 2021, pp. 59-81.

CRISTÓVÃO, Fernando. Para uma teoria da Literatura de Viagens. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Orgs.). **Condicionantes culturais da Literatura de viagens: estudos e bibliografia**. Portugal, Coimbra: Almedina; Centro de Literatura de Expressão portuguesa da Universidade de Lisboa, L.3. FCT, 2002. p. 15-52.

DANIEL-ROPS. **Historia de la Iglesia de Cristo**. Tomo IV, La catedral y la cruzada (Primera parte). Madrid: Los amigos de la Historia, 1970.

DASTON, Lorraine; ARK, Katherine. **Wonders and the order of nature, 1150-1750**. New York, NY: Zone Book, 1998.

DAWSON, Christopher. **The formation of Christendom**. São Francisco, Ignatias Press, 2008.

DEL PRIORI, Mary. **Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e Ibero-Americano (séculos XIV-XVIII)**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

DOMÉNECH, José Enrique Ruiz. Los viajes militares: expediciones y operaciones guerreras. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Barcelona, España: Lunweg Editores y CSIC, 2007, p. 127-157.

DORÉ, Andréa Carla. Relações entre Oriente e Ocidente (séc. XIII-XVIII): Mercadores, Missionários e homens de armas. **Biblios** (Rio grande), v. 21, p. 105-124, 2008. Disponível em: https://brapci.inf.br/repositorio/2010/06/pdf_077257bc37_0010953.pdf. Acessado em 28/08/2020.

DRÉGE, Jean-Pierre. **Marco Polo y la ruta de la seda**. Barcelona: Ediciones B, 2000.

DUBY, Georges. **Guerreiros e camponeses: os primórdios do crescimento econômico europeu do século VIII ao século XII**. Lisboa: Estampa, 1980.

ESPADA, Antonio García. **Marco Polo y las Cruzadas**. Historia de la Literatura de viajes a las Indias en el siglo XIV. Madrid: Marcial Pons Historia, 2009.

_____. **El império Mongol**. Madrid: Editorial Síntesis, 2017.

ESPIG, Márcia Janete. Ideologia, mentalidade e imaginário: cruzamentos e aproximações teóricas. **Anos 90**, Porto Alegre, n. 10, 1998, pp. 151-167.

FERRARI, Fernando Ponzi. **Nós somos legião: a imagem latina dos habitantes do Extremo Oriente e da África dos séculos finais da Idade Média (XIII-XV)**. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/200705>. Acessado em 02/04/2021.

FERRETTI, Regina Michelli. Em demanda às viagens maravilhosas do Cavaleiro Medieval. **Anais da III Semana de Estudos Medievais**. 1995, p. 78-83. Disponível em: https://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/atas_iiisemana.pdf#page=78. Acessado em: 10/09/2020.

FLECK, Andrew. Here, there, and in between: representing difference in the 'travels' of Sir John Mandeville. **Studies in Philology**, vol. 97, n.4, 2000, pp.379-400.

FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMIDT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário temático do Ocidente Medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

FRANCO JR. Hilário. **As cruzadas**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

_____. A utopia que não está no fim da viagem: a peregrinação medieval. **Morus-** Utopia e Renascimento, n.7, 2010.

FRANÇA, Susani Silveira Lemos. Peregrinos e centros de peregrinações. In: FRANÇA, Susani Silveira Lemos (et.al.). **Peregrinos e peregrinações na Idade Média**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 9-71.

_____. Introdução. In: **Viagens de Jean de Mandeville**. Bauru, SP: EDUSC, 2017, p. 13-29.

_____. **Mulheres dos outros**: os viajantes cristãos nas terras a Oriente (séculos XIII-XVI). São Paulo: Editora Unesp, 2015.

_____. Imaginário: regularidade de um conceito. **Brathair**, 16 (2), 2016, pp. 171-185.

FRIEDMAN, John Block; FIGG, Kristen Mossler. (Ed.). **Trade, Travel, and Exploration in the Middle Ages**: an Encyclopedia. New York: Routledge, 2013.

GAJANO, Sofia Boesch. Santidade. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMIDT, Jean-Claude. (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente Medieval**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2017, pp. 504-521.

GARCÍA DE CORTÁZAR, José Ángel. **Los viajeros medievales**. Madrid: Santillana, 1996.

_____. El hombre medieval como 'homo viator': peregrinos y viajeros. **IV Semana de Estudios Medievales**, Najera, 1993. Instituto de Estudios Riojano, Logroño, 1994, pp. 11-30.

GEELHAAR, Tim. Talking about christianitas at the time of Innocent III (1198-1216): What does word use contribute to the History of concepts. **Contributions to History of concepts**, vol. 10, 2015, pp. 7-28.

GREENIA, George; SÁNCHEZ, Xosé M. Sánchez. The rattle of time and travel: the acoustics of medieval pilgrimage. **Ad limina**, vol. 12, n. 12, 2021.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o Novo Mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

GOMES, Francisco José. A Cristandade Medieval entre o mito e a utopia. In: Revista Topoi, Rio de Janeiro, dezembro 2002, p. 221-231.

GÓMEZ ESPELOSÍN, Francisco Javier. La geografía de lo exótico: los griegos y las otras culturas. Madrid, España: Síntesis, 2019.

GUENÉE, Bernadn. **O Ocidente nos séculos XIV e XV: os estados**. São Paulo, SP: Pioneira, Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões maravilhosas: o deslumbramento do Novo Mundo**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

GREGÓRIO, Tullio. Natureza. In In: LE GOFF, Jacques; SCHIMIT, Jean-Claude. (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 297-313.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

HENG, Geraldine. **Empire of Magic: Medieval Romance and the politics of cultural fantasy**. New York: Columbia University Press, 2003.

HERNÁNDEZ, Pablo Castro. La idea del viaje en la Edad Media. Una aproximación al espíritu del viajero y la búsqueda de nuevos mundos. **Revista Historias del Orbis Terrarum**. v. 5 Santiago, 2013. p. 64-87. Disponível em:

<file:///C:/Users/jorge/Downloads/Dialnet-LaldeaDelViajeEnLaEdadMedia-4518303.pdf>. Acessado em: 27/09/2017.

_____. El libro de viajes como enciclopedia: un catálogo de monstruos y maravillas en los viajes de Sir John Mandeville. **Revista Sans Saleil**: estudios de la imagen, vol. 5, n.2, 2013, pp.188-204.

_____. La imagen del monstruo en algunas representaciones xilográficas del *Libro de las maravillas*. **Revista Sans Soleil**: Estudios de la imagen, vol. 7, 2015, p. 14-24.

HOWARD, Donal. The world of Mandeville's Travels. **The yearbook of English studies**, vol. 1, 1971, pp. 1-17.

HUBENÁK, Florencio. Christianitas: ¿un vocablo o un período histórico? In: **Helmantica**: Revista de filología clásica y hebrea, Tomo 60, Nº 181, 2009, pp. 103-136.

HUIZINGA, Johan. **O outono da Idade Média**. Estudos sobre as formas de vida e pensamento dos séculos XIV e XV na França e nos Países Baixos. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

JACKSON, Peter. **The Mongols and the West**: 1221-1410. Londres: Longman, 2005.

JASPERT, Nikolas. **Las cruzadas**. Valencia: Universitat de València, 2010.

KAPPLER, Claude. **Monstruos, demonios y maravillas a fines de la Edad Media**. Madrid, España; Ediciones Akal, 1986.

KLEINSCHMIDT, Harald. **Comprender la Edad Media**: la transformación de ideas y actitudes en el mundo medieval. Madrid: Akal, 2009.

KIMBLE, George H. T. **A Geografia na Idade Média**. Londrina, PR; São Paulo, SP: EDUEL: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

LABARGE, Margaret W. **Viajeros medievales**: los ricos y los insatisfechos. Madrid, España: Nerea, 2000.

LADERO QUESADA, Miguél Ángel. Mundo real y mundo imaginarios. John Mandeville. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba. (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Madrid: Lunwere editores, 2007, p. 55-76.

LE BRETON, David. **Antropologia das emoções**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

LETTS, Malcolm. **Sir John de Mandeville**. The Man and his book. London: The Batchworth Press, 1949.

_____. Note on the Egerton text. In: LETTS, Malcolm. **Mandeville's travels**: texts and translations. Nova York, NY: Routledge, 2016, p. lxi-lxiii.

LE GOFF, Jacques. **A civilização do Ocidente medieval**. Bauru: Edusc, 2005.

_____. **Uma longa Idade Média**. Rio de Janeiro, RJ: Civilizações Brasileira, 2011.

_____. **Heróis e maravilhas na Idade Média**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

_____. **O maravilhoso e o quotidiano no Ocidente medieval**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1985.

_____. **O imaginário medieval**. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1994.

_____. Maravilhoso. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMIT, Jean-Claude. (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 120-139.

_____. **Os intelectuais na idade Média**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: José Olympo, 2006.

LOPES, Paulo. Ordenas o mundo pela fronteira imaginada: o caso do Livro do Conhecimento. **História de fronteira**, n.2, 2016, pp. 14-35.

MARTÍNEZ, Adriana. Los monstruos y los lugares de maravilla. **Stylos**, n. 18, n. 18, 2009, pp. 63-74.

MATT, Susan j. Recovering the invisible: methods for the historical study of the emotions. In: MATT, Susan J.; STEARNS, Peter N.; (Orgs.). **Doing emotions history**. Chicago: University of Illinois Press, 2014, pp. 43-53.

MAZZI, María Serena. **Los viajeros medievales**. Madrid: A. Machado Libros S. A. 2018.

MOLLAT, Michel. **Los exploradores del siglo XIII al XIV**: primeras miradas sobre nuevos mundos. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1990.

MOSCOSO, Javier. La historia de las emociones, de qué es historia? **Vínculos de História**, n. 4, 2015, pp. 15-27.

MOSCOSO, Javier; ZARAGOZA BERNAL, Juan Manuel. Historia del bienestar: desde la historia de las emociones a las políticas de la experiencia. **Cuadernos de historia Contemporánea**, vol. 36, 2014, pp. 73-88.

MOSELEY, C. W. R. Introduction. **The travels of Sir John Mandeville**. Translated with an introduction by C. W. R. D. Moseley. Penguin Classics, 1986.

NASCIMENTO, Renata Cristina de Souza. Nos passos de Cristo e de seus apóstolos- Relatos de viagens e peregrinações. In: FRANÇA, Susani Silveira Lemos (et. al.). **Peregrinos e peregrinações na Idade Média**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017, p. 73-129.

NAGY, Piroska. A emoção na Idade Média: um período de razão. In: CORDBI, Jalain; COUTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: 1. Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, pp. 169-180.

NOGALES RINCÓN, David. Admiración, extrañeza y construcción del discurso narrativo en la crónica real. Emoción de la maravilla y representación política en Castilla Bajomedieval. **E-spania**, Revue interdisciplinaire d'études hispaniques medievales et modernes, 24, 2014. Disponible en: <https://journals.openedition.org/e-spania/26616#bodyftn15>. Accesado en: 25/09/2021.

ONIANS, Joan. I wonder: a short history amazement. In: ONIANS, Joan. (ed.). **Sight and Insight: essays on Art and Culture in Honour of E. H. Gombrich at 85**. London: Pahidon Press Limited, 1994, pp. 11-33,

OSORIO, Susana Morales; HOYOS, Sonia Fernández. El mediterráneo a través de la ficción: el extraño caso de Sir John Mandeville. **Anuario de Estudios medievales (AEM)**, 36/1, enero/junio de 2006, pp. 335-354. Disponible en: <http://estudiosmedievales.revistas.csic.es/index.php/estudiosmedievales/article/view/10/10>. Acessado em: 04/05/2019.

PASTOREAU. Michel. **No tempo dos cavaleiros da Távola redonda**. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989.

PATLAGEN, Evelyne. A história do Imaginário. In: LE GOFF, Jacques. **A história nova**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 1990, pp. 292-318.

PERNOUD, Régine. **Luz sobre a Idade Média**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1996.

PÉREZ PRIEGO, Miguel Ángel. Estudio literario de los libros de viajes medievales. **EPOS: Revista de filología**, núm. 1, 1984, pp. 214.

PETERS, Edward. The desire to know the secrets of the world. **Journal of the history of ideas**, vol. 62, n. 4, 2001, pp. 593-610.

POLY, Jean-Pierre; VAUCHEZ, André; [et. al.]. **El despertar de la Europa**. Barcelona: Crítica, 2001.

POPEANGA, Eugenia. El relato de viajes de Odorico de Pordenone. **Revista de Filología Románica** 9, (1992): p. 37-61.

PORTELA, Feliciano Novoa. Los viajeros de Dios en la Edad Media. In: NOVOA PORTELA, Feliciano; RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba (Orgs.). **Viajes y viajeros en la Europa Medieval**. Barcelona, España: Lunwerg Editores y CSIC, 2007, p. 159-195.

PHILLIPS, J.R.S. **La expansión medieval de Europa**. México, DF: Fondo de Cultura Económica, 1994.

PHILLIPS, Kim M. **Before orientalism: Asian peoples and culture in European Travel Writing, 1245-1510**. Philadelphia, Pennsylvania: University of Pennsylvania, 2014.

PINTO, Ana. Introducción. In: **Los viajes de Sir John Mandeville**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001, pp. 9-50.

REIS, Jaime Estevão dos. A matemática nos manuais de mercadores da Idade Média: uma análise do Zinbaldone de Canal. In: REIS, Jaime Estevão dos. **A Idade Média em debate: estudos das fontes**. 1 ed., Curitiba: CRU, 2019, pp. 123-140

RODRÍGUEZ TEMPERLEY, María Mercedes. Cuentos medievales: 'la dama del castillo del Gavilán' y el 'ejemplo de las flechas'. Juan de Mandevilla, Libro de las maravillas del mundo. **Olivar**, 4 (4), 2003, p. 1-29.

ROSENWEIN, Barbara. **História das emoções: problemas e métodos**. São Paulo, SP: Letras e Voz, 2011.

RIQUELME JIMÉNEZ, Carlos José. Formación de la identidad europea en la Edad Media. In: GÓMEZ SÁNCHEZ, Yolanda; ALVARO PLANAS, Javier. (Org.). **Enseñar la idea Europa**. Madrid, España: Editorial Centro de Estudios Ramón Areces S. A.; Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2005, pp. 45-70.

RUBIO TOVAR, Joaquín. Monstruos y seres fantásticos en la literatura y el pensamiento medieval. In: RUBIO TOVAR, Joaquín. (Orgs.). **Poder y seducción de la imagen románica**. Aguilar de Campo: Universidad de Alcalá de Henares, 2006, pp. 121-155.

RUBIÉS, Joan-Paul. **Travel and ethnology in the renaissance**: South India through European eyes, 1250-1625. Cambridge: Cambridge university Press, 2004.

_____. Travel writing as a genre: facts, fictions and the invention of scientific discourse in Early Modern Europe. **Journeys**, vol. 1, Issue 1, 2000, pp. 5-35.

RUIZ DE TOLEDO, F. Javier Villalba; NOVOA PORTELA, Feliciano. Los mitos medievales en la obra de John Mandeville. **Isimu**, 9, 2006, pp. 37-56.

RUCQUOI, Adeline. Peregrinos medievales. **Tiempo de historia**. Año VII, nº75. 1981. pp. 82-99. Disponible em: <http://gredos.usal.es/jspui/bitstream/10366/24634/3/THVII~N75~P82-99.pdf>. Acessado em 15/07/2020.

RUNCIMAN, Steve. **El reino de Acre y las últimas cruzadas**. Madrid: Alianza, 1999.

SALMERÓN, Sergio Guadalajara. La historia del falcón oriol y del fénix en la literatura medieval castellana. **Revista de Literatura medieval**, v. 32, 2020, pp. 135-162.

SAMPEDRO LÓPEZ, Roque. Comercio, instituciones y orden espontáneo durante la Plena Edad Media en el Occidente Medieval. **Sémata: Ciências Sociais e Humanidades**, n. 31, 28 ago. 2019, p. 209-233. Disponible em: [file:///C:/Users/jorge/Downloads/5952-Texto%20del%20art%C3%ADculo-31431-1-10-20190730%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/jorge/Downloads/5952-Texto%20del%20art%C3%ADculo-31431-1-10-20190730%20(2).pdf). Acessado em 28/09/2020.

SEYMOUR, Michael C. Sir John Mandeville. In: SEYMOUR, Michale C.; FLOWER, David C.; [et. Al.]. (Org.). **Author of the Middle Ages**. 1-4. New York: Routledge Taylor & Francis, 1994, pp. 6-64.

_____. The English manuscript Of Mandeville's Travels. **Endinburgh Bibliographical Society Transactions**, vol. 5, pp. 167-210, 1966.

_____. The scribal tradition of Mandeville's Travel: the insular version. **Scriptorium**, Tome 18, n. 1, 1964 pp. 34-48.

_____. The origin of the Egerton Version of Mandeville's Travel. **Medium AEVUM**, vol. 30, n. 3, 1961, pp. 159-169.

SOT, Michel. Peregrinação. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente Medieval**. São Paulo: Editora Unesp, 2017, p. 394-409.

SPEARING, A. C. The journey to Jerusalem: Mandeville and Hilton. **Essays in Medieval Studies**, v.25, 2008, p. 1-17.

STEINER, A. C. The journey to Jerusalem: Mandeville and Hilton. **Essays in medieval Studies**, v. 25, 2008, pp. 1-17.

SPINA, Segismundo. **A cultura literária medieval**. São Caetano do Sul, SP: Ateliê Editora, 1997

THOMPSON, Carl. **Travel writing**. New York: Routledge, 2011.

THOMAS, J. D. The date of Mandeville's Travels. **Modern Language Notes**, vol. 72, 1957, pp. 165-169.

THOMASSET, Claude; VIGARELLO, Georges. "*Esmouvouir*", "*Esmouvement*". Arqueologia medieval do termo "emoção". CORDBI, Jalain; COUTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História das emoções: 1. Da Antiguidade às Luzes**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020, pp. 161-168.

TOLAN, John. Constructing Christendom. In: HUDSON, John; CRUMPLIN, Sally (Orgs.). **The making of Europe**: essays in honour of Robert Bartlett. Boston: Koninklijke Brill NV, Leiden, 2016, p. 277-298.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo, SP: Perspectiva, 2010.

TZANAKI, Rosemary. **Mandeville's Medieval audiences**: a study on the Reception of the *Book of Sir John Mandeville (1371-1550)*. New York: Routledge, 2017.

VAUCHEZ, André. Milagres. In: LE GOFF, Jacques; SCHMIDT, Jean-Claude. (Orgs.). **Dicionário analítico do Ocidente medieval**. São Paulo, SP: Editora Unesp, 2017, pp. 224-242.

VELLOSO, Leonardo Meliani. **Um maravilhoso imaginário**: cartografia e literatura na Baixa Idade Média e no Renascimento. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2017.

VERGER, Jacques. **Homens e saber na Idade Média**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

WARNER, George. **The buke of Maundeville**. Londres: Roxburghe Club, 1889.

WALTON, Stuart. **Uma história das emoções**. Rio de Janeiro: Record, 2007.

WELLS, Emma. Making 'sense' of the pilgrimage experience of the medieval church. **Peregrinations**: journal of medieval Art and Architecture, v. 3, n. 2, 2011, pp. 122-146.

WITTKOWER, Rudolf. Marvels of the east. A study in the history of monsters. **Journal of the Warburg and Foa Institutes**, vol. 5, 1942, pp. 159-197.

WOLF, Phillippe. **Outono da Idade Média ou Primavera dos Tempos Modernos**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WOLF, Eric Robert. **Europa y la gente sin historia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

WOOD, Diana. **El pensamiento económico medieval**. Barcelona: Editorial Crítica, 2003.

ZACHER, Christian K. **Curiosity and pilgrimage**: the Literature of discovery in fourteenth-century England. Baltimore: Johns Hopkins Univer. Press, 1976, pp. 130-157.

ZUMTHOR, Paul; PEEBLES, Catherine. The medieval travel narrative. **New literary history**, vol. 25, 4, (part. 2), 1994, pp. 809-824.